

**MUKENGE SHAY**

**Da Globalização Perversa às Transformações Urbanas:**

**Um ensaio sobre os circuitos produtivos na cidade de**

**Kinshasa (República Democrática do Congo)**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Orientador: Profa. Dra. Ana Clara Torres Ribeiro  
Doutora em Ciências Humanas / USP

**Rio de Janeiro**

2007

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

S538d Shay, Mukenge.  
Da globalização perversa às transformações urbanas :  
um ensaio sobre os circuitos produtivos na cidade de  
Kinshasa (República Democrática do Congo) / Mukenge  
Shay. – 2007.  
182 f. : il. (algumas color.) ; 30 cm.

Orientador: Ana Clara Torres Ribeiro.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio  
de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano  
e Regional, 2007.  
Bibliografia: f. 169-172.

1. Economia informal 2. Pobreza – Congo (República  
Democrática) 3. Globalização. 4. Congo (República  
Democrática) – Condições econômicas. I. Ribeiro, Ana  
Clara Torres. II. Universidade Federal do Rio de  
Janeiro. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e  
Regional. III. Título.

CDD: 330

**Mukenge Shay**

**Da Globalização Perversa às Transformações  
Urbanas:**

**Um ensaio sobre os circuitos produtivos na cidade de  
Kinshasa (República Democrática do Congo)**

Dissertação submetida ao corpo docente do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Aprovado por:

---

*Profa. Dra. Ana Clara Torres Ribeiro – Orientadora*

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - UFRJ

---

Profa. Dra. Fania Fridman

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - UFRJ

---

Prof. Dr. Helion Povoá

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – UFRJ

---

Profa. Dra. Catia Antonia da Silva

Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores –  
UERJ

Dedico esta dissertação à professora Ana Clara Torres Ribeiro, por ter me apoiado na sua elaboração. Professora Ana participou desta difícil empreitada.

## Agradecimentos

Agradeço a Deus, pela vida, pois que tudo que eu tenho e sou a Ele devo;

Aos meus pais (Etienne Kabangu e Nseyia Masanga) por terem me dado ao mundo e me motivado a estudar;

A Ester Cruz Shay, esposa;

Aos meus professores, especialmente à Ana Clara Torres Ribeiro e Fania Fridman pelos preciosos ensinamentos, incentivo, animo, perseverança, motivação e a confiança depositada em mim;

Aos meus irmãos que me auxiliaram nesta caminhada;

Aos funcionários do IPPUR, pela colaboração de todos, em prestar serviços;

Aos amigos e colegas da turma de mestrado;

Aos vendedores e patrões do mercado central de Kinshasa; pela boa vontade em colaborar, além de sua incomparável capacidade humorística;

Aos professores e outros quadros políticos da Republica Democrática do Congo, pelas suas contribuições pertinentes;

Enfim, agradeço a todos que de perto ou de longe torceram pela concretização deste sonho.

O desenvolvimento, longe de ser unicamente uma questão puramente técnica, é um desafio. O último obstáculo ao desenvolvimento não seria a incapacidade de amar o próximo? O desenvolvimento da República Democrática do Congo poderá concretizar-se com o cumprimento deste mandamento.

## **RESUMO**

Trata-se de um ensaio sobre os dois circuitos da economia urbana em Kinshasa, capital da República Democrática do Congo. Este ensaio está baseado em dados e experiências da realidade desta cidade, onde buscou-se iluminar, com nova luz, um importante aspecto dos países do Terceiro Mundo: a construção social do trabalho, que muitas vezes permanece soterrado sob estereótipos e preconceitos ocidentais. Esta dissertação contém um ensinamento claro, extraído da realidade concreta, real e atual desta cidade. O estudo dos dois circuitos da economia urbana, proposto por Milton Santos (1979), valoriza os fenômenos da pobreza e do mercado informal como expressões simultâneas da dominação e da luta pela sobrevivência. Esta dissertação constitui-se, portanto, em um estudo exaustivo do mercado informal ou circuito inferior em Kinshasa – denominado, nos países ocidentais, como mercado negro, oculto, marginal, sombrio. Este trabalho apresenta uma interpretação inovadora e polêmica das causas da pobreza. Quanto à metodologia, após análise da bibliografia disponível sobre a economia informal, decidiu-se pela preservação de algumas linhas analíticas gerais. Sugeridas por determinados autores. Entre estas, destacou-se a proteção trabalhista e a organização social da produção.

Este ensaio divide-se em alguns segmentos relevantes. No primeiro, são tratadas as características socioeconômicas e políticas da República Democrática do Congo de 1960-2006. Este segmento permite a compreensão das razões do predomínio de mercado informal em Kinshasa, incorporando grande parte da população. O segundo aborda características atuais do cenário mundial, sendo destacadas vantagens e desvantagens decorrentes da globalização, para o Congo. A seguir, associa-se o conceito de circuito inferior à dinâmica do mercado informal em Kinshasa. Como as atividades deste circuito interessam principalmente aos pobres na afirmação de Milton Santos, a pobreza e o mercado informal surgem, simultaneamente, como causa e efeito inegáveis. O trabalho de campo mostrou como o mercado informal é predominante em Kinshasa, incorporando mais de 90% da PEA. O governo congolês precisaria, portanto, dar a devida atenção a este circuito produtivo, já que é ele que move a economia na cidade.

Palavras-chave: circuitos produtivos de economia urbana, mercado informal, pobreza, crise política, impacto da globalização, urbanização, Kinshasa e República Democrática do Congo.

## Résumé

Ce travail traite de deux circuits de l'économie urbaine à Kinshasa, la capitale de la République Démocratique du Congo. Il est basé sur des données et l'expérience de la réalité de cette ville. Ce travail a l'objectif de donner une nouvelle lumière à un aspect important de la construction sociale du travail des pays du Tiers-Monde, une réalité que dans beaucoup de cas est traitée sous des stéréotypes et des préjugés des idéologies occidentales. Cet essai est une étude transparente, issue de la réalité concrète, réelle et actuelle de la ville de Kinshasa. L'étude de deux circuits de l'économie urbaine proposée par Milton Santos (1979), valorise les phénomènes de la pauvreté et de l'économie informelle comme étant des expressions simultanées de la domination et de la lutte pour la survie. Cet essai est une étude faite sur la réalité du marché informel ou du circuit inférieur à Kinshasa – appelé dans les pays occidentaux, du marché noir, occulte, marginal et sombre. Ce travail présente une interprétation innovatrice et polémique sur les causes de la pauvreté. En ce qui concerne la méthodologie utilisée, après une analyse approfondie de la bibliographie à notre disposition sur ce thème, nous avons décidé de retenir quelques idées générales d'analyse de certains auteurs, parmi lesquelles, la protection professionnelle et l'organisation sociale du travail.

Cet essai est divisé en quelques points importants : Le premier traite des caractéristiques socio-économiques et politiques de la République Démocratique du Congo dès les années 1960 à 2006. Ce point est très important, parce qu'il permet de comprendre les raisons pour lesquelles, l'économie informelle est le secteur le plus prédominant dans l'économie de la ville de Kinshasa. Celui-ci est le grand employeur de la majeure partie de la population. Le deuxième aborde les caractéristiques actuelles du scénario mondial, tout en distinguant les avantages et désavantages résultants de ce processus pour le Congo.

Ce concept circuit inférieur se réfère à la dynamique de l'économie informelle à Kinshasa. Comme les activités de ce circuit sont pratiquées, principalement par les pauvres, selon Milton Santos (1979), c'est pour cela que la pauvreté et l'économie informelle apparaissent simultanément comme cause et effet incontestables. Cet essai montre comment l'économie informelle est le secteur le plus prédominant à Kinshasa, incorporant à son sein plus de 90% de la population active. Le gouvernement congolais doit collaborer enfin d'aider ce circuit productif, comme c'est lui qui est le moteur de l'économie de cette ville.

Mots-clé : circuits productifs de l'économie urbaine, marché informel, pauvreté, crise politique, impact de la mondialisation, urbanisation, Kinshasa et République Démocratique du Congo.

## Lista de tabelas

Tabela 1:Taxa de crescimento econômico na RDC (PIB)-1990-2000-----	23
Tabela 2: Produção de alguns minérios na RDC -1988-1998-----	41
Tabela 3. Evolução da população de Kinshasa de 1920-2015-----	50
Tabela 4: Alguns indicadores de pobreza na RDC – 2001-----	57
Tabela 5: Incidência de AIDS por faixa etária e por sexo, Kinshasa –2001-----	62
Tabela 6:Distribuição dos chefes de família segundo o grau de instrução, Kinshasa –2001-----	68
Tabela 7: População de Kinshasa por comuna de1967-2004-----	101
Tabela 8: População por faixa etária e sexo, Kinshasa – 2004(em milhares)-	103
Tabela 9: Densidade demográfica por comuna, Kinshasa-1984(em milhares)	104
Tabela 10: Arrecadação do Estado no período de 1980-2000-----	141
Tabela 11: Contribuição da Gecamines no período de 1988-2000-----	141
Tabela 12: Número de empresas nas 12 comunas de Kinshasa em 1984-----	153
Tabela 13: Distribuição do trabalhadores por grupo (Trabalho de campo)-----	156
Tabela 14: Número de trabalhadores por unidade-----	159
Tabela 15: Evolução da balança comercial - 1994-2000-----	177
Tabela 16: Taxa de abandono do primário em Kinshasa-2001-----	180

## Lista de mapas

Mapa 1:Divisão da África-----	37
Mapa 2:Divisão administrativa da República Democrática do Congo -----	44
Mapa 3:Divisão administrativa de Kinshasa-----	101

## Lista de quadros

Quadro 1:Características dos dois circuitos da economia urbana-----128-132

## Lista de imagens

Imagem 1:Grande vitima da pobreza-----	61
Imagem 2:Refugiados de guerra-----	66
Imagem 3:Transporte público em Kinshasa-----	73
Imagem 4.Mercado central de Kinshasa-----	99
Imagem 5:Centre -ville de Kinshasa-----	111
Imagem 6:Crianças-soldados-----	116
Imagem 7:Mercado central de Kinshasa 2006-----	118
Imagem 8:Praça Vitória ( os dois circuitos lado a lado),Kinshasa, 2006-----	123
Imagem 9:Barraca de produtos típicos, Kinshasa, 2006-----	124
Imagem 10:Boulevard Lumumba, Kinshasa, junho 2006-----	139

## Glossário de siglas e abreviaturas

ACRI - African Crisis Response Initiative
AFDL - Aliança das Forças Democráticas pela Libertação do Congo-Zaire
BCC - Banco Central do Congo
BIT – Bureau International de Travail
CGT - Comissariado Geral do Turismo
DSRP – Document Sur la Reduction de la Pauvreté
EIC - Estado Independente do Congo
ENHAPSE – Enquête Nationale sur l’Habitat et Profil Socio-Economique
FMI – Fundo Monetário Internacional
GECAMINES – Générale des Carrières et des Mines
HRW – Human Rights Watch
IDH - Índice de Desenvolvimento Humano
INS – Institut National des Statistiques
INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social
IRC - International Rescue Committee
IRES - Institut des Recherches Economiques et Sociales
ISC – Institut Superieur de Commerce
MIBA – Minière de Bakwanga
MICS –Multiple Indicador Cluster Survey
MPR - Movimento Popular da Revolução
OIT - Organização Internacional de Trabalho
OMS - Organização Mundial da Saúde
ONATRA – Office National des Transports
ONGD – Organização Nacional não Governamental de Desenvolvimento
ONL – Office National des Logements
ONU - Organização das Nações Unidas
ONUSIDA – Organização das Nações Unidas pela AIDS
OUA - Organização da Unidade Africana
PAM – Programa de Alimentação Mundial
PDG - Presidente Delegado Geral

PEV – Programme Elargi de Vaccination
PIB – Produto Interno Bruto
PMA – Países Menos Avançados
PME – Pequena e Média Empresa
PMI – Pequena e Média Indústria
PNB - Produto Nacional Bruto
PNUD - Programa da ONU para o Desenvolvimento
RDC - Republica Democrática do Congo
RECAMP - Reforço de Capacidades Africanas de Manutenção de Paz
REGIDESO – Régie de distribution d´ eau (Estadual de abastecimento de água)
SADC - South African Development Community
SDFF –Sub-Departement Femme et Famille
SNEL – Société Nationale Eléctricité
SOTRAZ – Société des Transports Zaïrois
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação
UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNIKIN - Universidade de Kinshasa
UNTZA - União Nacional dos Trabalhadores Zairenses
USAID – Organização das Nações Unidas para a AIDS

## Sumário

<b>1. Introdução</b> .....	<b>23</b>
<b>1.1. Metodologia</b> .....	<b>32</b>
<b>1.2. Tipos de atividades</b> .....	<b>33</b>
<b>1.3. Objetivos</b> .....	<b>34</b>
<b>Cap.1. Um breve registro das Características socioeconômicas e do cenário político da República Democrática do Congo</b> .....	<b>49</b>
<b>1.1. Situação geográfica e econômica de Kinshasa</b> .....	<b>52</b>
<b>1.2. Pobreza urbana em Kinshasa</b> .....	<b>56</b>
<b>1.3. Pobreza e seus indicadores em Kinshasa</b> .....	<b>59</b>
<b>1.4. Serviços básicos e condições de vida</b> .....	<b>59</b>
<b>1.4.1. Saúde</b> .....	<b>63</b>
<b>1.4.2. Meio ambiente</b> .....	<b>64</b>
<b>1.4.3. Gênero</b> .....	<b>69</b>
<b>1.4.4. Nutrição</b> .....	<b>70</b>
<b>1.4.5. Emprego</b> .....	<b>70</b>
<b>1.4.6. Habitação</b> .....	<b>71</b>
<b>1.4.7. Abastecimento de água potável e energia elétrica</b> .....	<b>72</b>
<b>1.4.8. Crescimento recente da pobreza urbana</b> .....	<b>74</b>
<b>Cap.2. Características atuais do cenário mundial</b> .....	<b>97</b>
<b>Cap.3. Kinshasa: os dois circuitos da economia urbana</b> .....	<b>127</b>
<b>3.1 Características dos dois circuitos da economia urbana em Kin.</b>	<b>135</b>
<b>3.2. Persistência do mercado informal em Kinshasa</b> .....	<b>138</b>
<b>3.3. Fatores internos e externos da crise</b> .....	<b>146</b>
<b>Cap.4. Formação do mercado informal em Kinshasa</b> .....	<b>155</b>
<b>4.1. Classificação de atividades e fontes de financiamento</b> .....	<b>158</b>
<b>4.2. Estrutura da força de trabalho</b> .....	<b>162</b>

<b>Conclusões</b>	<b>168</b>
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>174</b>
<b>Anexo 1.Cenário socioeconômico</b>	<b>176</b>
<b>Flora e fauna</b>	<b>176</b>
<b>Mineração</b>	<b>177</b>
<b>Indústria</b>	<b>178</b>
<b>Agricultura</b>	<b>179</b>
<b>Situação educacional</b>	<b>181</b>
<b>Anexo 2.Entrevista</b>	<b>183</b>

## **(1). Introdução**

A realização desta dissertação dependeu do acesso à bibliografia especializada, de entrevistas com atores e das informações estatísticas, que contribuíram de forma decisiva, para a análise do mercado informal na cidade de Kinshasa. Apesar de todas as limitações que enfrentamos na realização deste ensaio, acreditamos ter reunido, dentro das nossas possibilidades, informações úteis à compreensão da realidade socioeconômica vivida pela maior parte dos habitantes desta cidade. Como Kinshasa é a capital e o poder político e o poder econômico nela concentram-se, os leitores poderão considerar, corretamente, que a realidade nas outras províncias do Congo não é muito diferente da aqui retratada.

A paz, diz um ditado congolês: "fundamenta-se na mínima abnegação". Cada um deve renunciar um pouco ao que considera como verdade, conscientizando-se da necessidade de privilegiar os interesses maiores da nação em detrimento de seus sentimentos exclusivamente pessoais.

No conto das duas cidades, Charles Dickens fez o seguinte comentário acerca da revolução francesa: "foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos". De uma perspectiva similar, pode-se dizer que as possibilidades geradas pelos avanços técnico-científicos da modernidade deparam-se com os limites da capacidade do homem em equacionar desequilíbrios e deficiências geradas, no cerne das sociedades, ao longo de história. É com esta compreensão que a cidade de Kinshasa, capital da República Democrática do Congo, é proposta como objeto desta dissertação.

Trata-se de um ensaio sobre os circuitos produtivos na cidade de Kinshasa baseado em dados e experiências da realidade desta cidade. Buscamos iluminar, com nova luz um importante aspecto dos países do Terceiro Mundo - a construção social do trabalho que, muitas vezes, permanece soterrado sob estereótipos e preconceitos. Esta dissertação contém um ensinamento explícito, extraído da realidade concreta, real e atual desta cidade, em particular, e do Congo em geral. Ao contrário dos muitos ensaios

socioeconômicos já realizados sobre este país, em que o uso de conceitos advindos do Ocidente impede a apreensão do singular, o estudo dos dois circuitos da economia urbana, proposto por Milton Santos (1979), valoriza os fenômenos da pobreza e do mercado informal como expressões simultâneas da dominação e da luta pela sobrevivência.

O mercado informal propõe uma direção para o enfretamento dos problemas da República Democrática do Congo inteiramente oposta à adotada pela maioria dos países avançados. Esta dissertação é, assim, um estudo exaustivo do mercado informal ou circuito inferior em Kinshasa – denominado, nos países ocidentais, de mercado negro, oculto, marginal, sombrio. Este trabalho apresenta, ainda, uma interpretação inovadora e polêmica das causas da pobreza, como também da incapacidade produtiva da República Democrática do Congo. A realização deste trabalho não foi tarefa fácil. Enfrentamos várias barreiras, como a falta de dados confiáveis e recentes sobre a realidade socioeconômica, além daquelas decorrentes da estrutura política do país. De fato, as informações mais relevantes a que tivemos acesso foram fornecidas por organismos internacionais, como PNUD, UNESCO...

Esta dissertação encontra-se dirigida à formação e à estruturação de Kinshasa, a partir do estudo dos circuitos econômicos desta cidade e de sua influência nos impactos de um mundo globalizado e de uma política econômica cada vez mais neoliberal, que incorpora novos atores, arenas e estratégias. É neste contexto que buscaremos os fatores internos e externos responsáveis pelo predomínio do circuito inferior na economia nesta cidade, o que se reproduz, aliás, em todas as cidades da República Democrática do Congo.

Este trabalho divide-se em quatro capítulos. No primeiro, abordaremos as características socioeconômicas e políticas da República Democrática do Congo. Consideramos este capítulo de grande relevância para a compreensão do predomínio do mercado informal neste país, incorporando grande parte da população. O segundo capítulo abordará características atuais do cenário mundial, incluindo o que a globalização representa para os países africanos,

em geral, e para a República Democrática do Congo, em particular, neste capítulo, trataremos das vantagens e desvantagens decorrentes deste processo para o Congo.

Nesta direção, o capítulo mostrará como o fim da bipolarização foi uma tragédia para o continente negro. O fim da bipolarização concretizou-se com o fim do socialismo, marcado pela queda do muro de Berlim em 1989. Nesta data, a República Democrática do Congo só experimentava a independência por 29 anos, marcados por regime ditatorial e guerra de secessão, que não deram chance ao país para desenvolver-se. Com o fim da bipolarização, o Congo perde a posição estratégica que detinha, sendo abandonado por seus antigos “padrinhos”, o que resulta num crescimento sem precedentes da miséria. Uma realidade que contrasta com a abundância das suas riquezas naturais. Os dirigentes congolezes e as potências ocidentais nunca permitiram que o país desfrutasse de uma oportunidade para organizar-se de forma realmente independente, de 1885 até hoje.

O terceiro capítulo tratará da problemática urbana em Kinshasa: os dois circuitos da economia urbana: o inferior e o superior. Os dois circuitos, segundo Milton Santos (1979) têm origem no advento da urbanização e na difusão de inovações tecnológicas em cidades de países periféricos.

Neste trabalho, associamos o conceito de circuito inferior à dinâmica do mercado informal em Kinshasa. Como as atividades deste circuito interessam principalmente aos pobres como afirma Milton Santos (1979), a pobreza e o mercado informal reforçam-se mutuamente. Veremos, ainda, que nem todas as atividades pertencentes ao mercado informal de trabalho interessam somente aos pobres nas cidades de países subdesenvolvidos. A presença do circuito inferior pode aparecer também como uma herança de práticas tradicionais, associadas à história da própria cidade.

O quarto capítulo tratará da persistência do mercado informal na cidade de Kinshasa, incluindo o que este mercado representa para a população, o governo e a economia da cidade e do país. Que importância tem este mercado

para a vida em Kinshasa? Será que a denominação informal é errônea? O que diferencia o mercado formal do informal na realidade congoleza? Estas são algumas das perguntas que orientaram a elaboração deste capítulo.

Não poderíamos responder a estas perguntas sem falar da problemática socioeconômica e política e, das transformações ocorridas, nas últimas décadas, na escala mundial. No início dos anos 1990, ocorreram grandes transformações políticas, no mundo, que provocaram euforia nos países do Terceiro Mundo, tais como o fim da guerra fria e a democratização da Europa do Leste, pressagiando o término de múltiplos conflitos e a destituição de governos ditatoriais que arruinavam países do Terceiro Mundo, especialmente da África subsahariana. Havia, de fato, a expectativa de que fosse conquistada uma verdadeira democratização das relações sociais nestes países. Infelizmente, foi o contrário que ocorreu: os conflitos armados, a violação de direitos humanos, as pilhagens de recursos naturais, os genocídios, o terrorismo, as doenças sexualmente transmissíveis (Aids), a miséria e a fome proliferaram na África, enquanto as tentativas de democratização fracassaram.

A África central foi uma das principais vítimas da nova ordem/desordem mundial. Apesar de todas as crises, que ocorreram ou que estão ocorrendo desde o fim da guerra fria, as Nações Unidas e as principais potências ocidentais recusam-se a cumprir uma de suas obrigações fundamentais, que é a de pôr fim às violências e às graves agressões que destroem as já precárias infra-estruturas e os recursos naturais e culturais.

O Congo, além dos múltiplos problemas provocados pela globalização, guarda as conseqüências de sistemas de exploração, que materializaram-se na escravidão, na colonização, no neocolonialismo, em ditaduras, privatização do Estado e imperialismo. Este país, num mundo pós-colonial, busca, em meio a extremos atos de violência, a sua própria identidade, enquanto país. Líderes corruptos, ingerência do ocidente nos problemas internos e divisão arbitrária de tribos ocorrida na conferência de Berlim (1885), têm gerado uma cultura tribal, causando uma violência sem fim, que vai muito além do uso de armas de fogo, sendo que a pior violência é a infligida contra os mais fracos, as mulheres e as

crianças.

Trata-se de uma violência que aniquila o futuro de uma Nação. Os Estados Unidos, maior potência mundial, continuam lutando no Iraque, no Afeganistão, ao mesmo tempo em que buscam desesperadamente uma porta de entrada para o confronto com o Irã e a Coréia do Norte. Não demonstram, porém, o menor interesse nas guerras que assolam o continente africano. As explicações para este fato são muitas e incluem desde o racismo até a falta de interesse econômico nestes territórios, que foram e continuam sendo fornecedores de matérias primas para as indústrias dos países centrais. A recusa da intervenção direta nos conflitos que assolam a República Democrática do Congo e a África em geral, das potências ocidentais (França, Bélgica, Inglaterra e EUA), tem sido aparentemente compensada por soluções alternativas tais como a retirada pura e simples dos grupos envolvidos no conflito. A recusa de operações de manutenção e de reforço de paz deve-se às novas diretrizes políticas adotadas por estas potências. Segundo estas diretrizes, as operações de paz seriam excessivamente arriscadas e improdutivas.

Afirmando deixar aos países africanos o tempo e a chance para criarem e assumirem o seu próprio modelo de democracia, as potências ocidentais têm buscado “africanizar” as missões de manutenção de paz através de diversos programas, tais como: African Crisis Response Initiative (ACRI) e Reforço de Capacidades Africanas de Manutenção da Paz (RECAMP). Estes programas visam a constituição de uma força africana, com capacidade de enfrentar as ameaças à segurança no continente negro. São programas caríssimos, ineficazes e infrutíferos. Subentende-se que esta política significa; “deixar agravarem-se os conflitos, considerados não estratégicos, nas zonas periféricas, só intervindo de maneira limitada: ajuda humanitária ou força de intervenção apenas se interesses estratégicos ou cidadãos ocidentais estiverem diretamente ameaçados.”<sup>1</sup> ( tradução nossa). Como a República Democrática do Congo e a África em geral não têm grande peso nas

---

<sup>1</sup> Steven Metz apud Olivier Lanotte :La République Démocratique du Congo, Guerres sans frontières.Pág. 199, Ed. Grip, 2003, Bruxelas.

estratégias mundiais, as antigas potências coloniais não mais arriscam-se no continente, como faziam antes do fim da bipolarização.

Sob o abrigo da fórmula, recorrentemente citada, segundo a qual é necessário deixar a África aos africanos, a intervenção da denominada comunidade internacional nas crises que abalam a região dos grandes lagos resume-se a uma longa história de não tomada de decisões e de não intervenção. Frente ao drama social, a comunidade internacional decidiu fornecer, apenas, uma assistência estritamente humanitária a populações locais, procurando demonstrar à opinião interna e internacional, que alguma coisa está sendo feita, mas sem se comprometer com a busca de uma solução duradora para as crises. Segundo Tshiyembe<sup>2</sup>:

*“A causa primordial do caos congolês é a ausência do Estado, desde a descolonização mal realizada, isto é, sem uma preparação prévia do quadro político para assumir o governo, além da ditadura comandada por Mobutu, um regime ditatorial que fez do uso abusivo da violência e da intimidação métodos de governar o país. As secessões ocorridas nas províncias de Katanga e do sul Kasai (1960) e as rebeliões lumumbistas (1964) são outras provas da inexistência de Estado no Congo. Portanto, as guerras do Leste de 1996 e 1998 são, sobretudo, provas maiores do que os observadores sabiam: a República Democrática do Congo era e é uma nação fragilizada, onde o governo, as forças armadas, a administração e a economia eram ou são instituições falidas ou inexistentes (pp.11 e 12)”. (tradução nossa).*

A pobreza prevalece na República Democrática do Congo, como demonstra a elevada incidência de doenças graves como AIDS, malária, gastroenterite, tuberculose, lepra, doença do sono e esquistossomose. A mortalidade infantil é alta, embora ligeiramente inferior à da África como um todo. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) (op cit. Pág.141), mais da metade da população dos centros urbanos só tinha uma refeição por dia em 1999. Como diz o professor Sumata(idem pág.141):

*“Na cidade de Kinshasa, por exemplo, mais de um terço da população vive*

---

<sup>2</sup> Mwayila, Tshiyembe, La transition en RDC: bilan, enjeux et perspectives, Ed. L'Harmattan, 2005.Paris

*abaixo da linha da pobreza por causa da redução em massa da renda real dos habitantes. Esta situação teve como consequência direta a persistência do desemprego e salários atrasados. (...) , a agricultura urbana transformou-se numa das soluções, fazendo com que muitas famílias tenham o que comer em casa. O desenvolvimento de atividades comerciais paralelas tende a se generalizar num contexto de marasmo econômico. O nível da pobreza cresceu tanto que acabou alterando o número de refeições diárias por indivíduo".(pág.141).*

A República Democrática do Congo é um país naturalmente rico e socialmente pobre. O Produto Interno Bruto cresce a um ritmo mais lento do que a população e a renda per capita é uma das mais baixas do mundo. O país apresenta, em geral, uma balança comercial favorável, em virtude dos elevados preços obtidos por suas exportações; mas, políticas de desenvolvimento equivocadas minguaram os recursos e aumentaram a dependência com relação ao mercado externo. Segundo dados do Banco Central, a economia do Congo encontra-se em queda. A taxa de crescimento do Produto Interno Bruto é decrescente, como demonstram os dados do período de 1990 a 2000 (Tabela 1).

Tabela 1. Taxa de crescimento econômico na RDC (Produto Interno Bruto) 1990-2000.

Ano	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Taxa	-6,60	-8,40	-10,5	-13,5	-3,90	-0,70	-1,10	-5,40	-1,70	-10,3	-11,4

Fonte: Banque Centrale de la Republique Démocratique du Congo, Condensé d'Informations Statistiques No 31/2001.

Ainda segundo o Banco Central, no mesmo período, a taxa de crescimento econômico permaneceu negativa (1990-2000), enquanto que a de crescimento da população continuava crescente, sendo hoje estimada em 3,4% por ano, o que explicita as razões da pauperização que atinge a maioria dos

congoleses. A taxa de crescimento econômico alcançou o nível mais baixo em 1993, com 13,5%. Colaborou para esta queda o fato do então Presidente Mobutu ter refugiado-se na sua cidade natal, Gbadolite, abandonando a capital e o governo nas mãos de seus colaboradores. Em 2000, esta taxa foi de menos 11,4%, período marcado pela guerra de agressão, durante a qual muitas províncias estavam nas mãos de invasores.

Com a evolução da técnica e das ciências, a humanidade tem uma oportunidade singular de transformar o século XXI em um século de paz, de prosperidade para todos e de segurança. Todavia, as muitas possibilidades criadas pelo fim da guerra fria parecem já terem sido, em parte, desperdiçadas. Por que os conflitos regionais, a extrema pobreza, a violência e o terrorismo tornaram-se tão presentes no mundo atual? Por que tantos atentados e genocídios? Por que acontece a volta triunfante de algumas doenças que já haviam sido erradicadas há décadas?

### **1.1) Metodologia**

Metodologicamente, a análise aqui proposta divide-se em dois procedimentos: estudo bibliográfico e pesquisa empírica. O primeiro consistiu na consulta de bibliografia disponível, sobretudo da produção acadêmica sobre o mercado informal. Já, a pesquisa empírica consistiu na observação sistemática e participante do mercado informal, na realização de entrevistas e na reconstrução dos discursos de diversos atores sociais e políticos, além de agentes econômicos. Há, por outro lado, divergências quanto ao próprio conceito de mercado informal. Existem, basicamente, duas correntes teóricas. A primeira parte de uma concepção tendencialmente dual, ao definir o mercado informal por oposição ao mercado formal. Para esta corrente, os mercados informal e formal coexistiriam paralelamente, definindo-se por processos produtivos distintos e gerando efeitos diversos na economia urbana. Este ponto de vista surge na obra de Milton Santos quando este autor trata dos dois circuitos da economia urbana nos países de Terceiro Mundo.

Na segunda corrente, encontramos autores que contradizem a primeira posição de dualidade. Para estes, o mercado informal funciona sozinho, manifestando-se como uma forma de sobrevivência pré-capitalista, nos espaços não ocupados pelo capitalismo, tanto em áreas urbanas como rurais. Quanto às manifestações empíricas do mercado informal, os autores das duas correntes são unânimes em definir os indicadores e variáveis sociais do mercado informal, que são: rendimento, posição na ocupação, intermitência na ocupação, ausência de vínculos empregatícios legalmente reconhecidos e conseqüentes benefícios sociais, dificuldades no acesso ao crédito e a subsídios, inexistência de formas de organização política<sup>3</sup>(pág.80). Uma subcorrente da primeira corrente teórico-analítica destaca a relação entre a dinâmica do mercado formal e o desemprego. Assim, alguns autores defendem que o mercado informal é, ao fim e ao cabo, um setor subordinado ao mercado formal, sendo o seu desenvolvimento fortemente dependente do desempenho do próprio mercado formal. (Tokman, 1978). Uma outra fonte de debate diz respeito à relação do mercado informal com o mercado formal e com o desemprego. Há trabalhos que enfatizam o seu papel como depositário da mão-de-obra excedente do mercado formal, em processo de ampliação pelo enxugamento da estrutura produtiva da indústria (Ramos e Reis, 1997), enquanto outros argumentam que o mercado informal é competitivo e, portanto não pode ser considerado como formado apenas por atividades que geram renda, enquanto não é possível para a força de trabalho alocada nele ser absorvida pelo mercado formal (Barros, 1986).

O conceito de mercado informal, segundo os levantamentos da nossa pesquisa, data do início dos anos 1970. Foi neste ano que a Organização Internacional de Trabalho (OIT) lançou o programa mundial de emprego. Segundo a OIT, o mercado informal define-se pela facilidade de entrada; pelo uso de recursos locais; pela propriedade familiar dos recursos; por uso intensivo da mão-de-obra; por atividades de pequena escala; pelo acionamento de tecnologias adaptadas; pela qualificação adquirida fora do sistema escolar e

---

<sup>3</sup> JACQUELINE, Pitanguy e LEILA, Linhares Barsted, Literatura econômica, Instituto de pesquisas, INPES, Rio de Janeiro, 7(1):1-1996.1985.

pela concorrência sem qualquer tipo de regulamentação (tradução nossa) (pág.2)<sup>4</sup>. É necessário, porém, refletir a dinâmica do denominado mercado informal face a história do Congo.

A história da República Democrática do Congo revela que as atividades informais forçaram o seu reconhecimento na década de 1940, em pleno período colonial. Mas, foi no final da segunda metade dos anos 1970 que estas atividades cresceram de forma espetacular. Este crescimento deve-se ao fato de que os governantes não tiveram a capacidade de implementar um efetivo projeto de desenvolvimento econômico. A desintegração das estruturas econômicas modernas; a ruína das infra-estruturas de transporte público e de comunicação e a redução massiva do setor público causaram o desmoronamento das atividades do setor formal.

A letargia do Estado congolês, a má gestão de empresas públicas - que apesar de seu estado de falência, continuam empregando e pagando mal-, a ausência de políticas que estimulem o investimento afetou, profundamente, o mercado de trabalho e a renda da população congoleza. Foi na década de 1990 que a crise da economia deste país começou a apresentar os sinais de uma verdadeira catástrofe, como demonstraram os dois períodos de pilhagens, ocorridas em 1991 e 1993, seguidas de guerras ditas de libertação, de 1997, e de agressão, de 1998. Numa situação de não funcionamento das estruturas e da economia dominante, a população vê-se obrigada a desenvolver diferentes tipos de atividades informais. Hoje em dia, podemos dizer que o país vive graças a estas atividades que, em muitos casos, enfrentam enormes dificuldades financeiras.

Retornando à questão conceitual, citamos Gauthier de Villers (op cit pág.2): "No documento publicado pela Organização Internacional de Trabalho, em 1972, o conceito de informal começou a ser usado oficialmente e tornou-se objeto de debates nos meios científicos. Quando à sua definição, não alcançou

---

<sup>4</sup> Gauthier de Villers apud Guillaume Iyenda. *Pauvreté urbaine et secteur informel à Kinshasa*, 2 edition: Deutsche Stiftung Fur Internationale Entwicklung, 2002. Frankfurt.

consenso entre os pesquisadores”. Etimologicamente, informal vem do inglês e indica o que é oficioso, não oficial, o que está fora das regras ou da legislação em vigor. Para este mesmo autor, “As atividades do setor informal seriam todas as atividades praticadas geralmente pelos pobres, exercidas mais ou menos à margem das leis e das instituições oficiais e não dependendo especificamente das instituições da modernidade”.(op.cit. pág.3) (tradução nossa).

Já para Guy Verhaegen (ib pág.3): “O informal é toda atividade econômica espontânea, que escapa em grande parte ao controle de administração, estando à margem das obrigações legais e permanecendo não registrada nas estatísticas oficiais, beneficiando-se raramente de iniciativas promovidas pelo Estado” (*tradução nossa*).

Ao nosso ver, essas definições são de alguma forma limitadas. Referem-se, basicamente, a dois aspectos práticos: 1)-são os pobres que as exercem; 2)-o Estado não as controla. Porém, nem todas as atividades informais são exercidas somente pelos pobres. Por outro lado, nem sempre o Estado consegue exercer sua autoridade sobre as atividades formais. Além disto, nem todas as atividades consideradas formais cumprem com as suas obrigações perante o Estado. Afinal, com grande frequência, fala-se de evasão fiscal, o que significa dizer que as atividades formais têm as mesmas práticas das atividades consideradas informais. Num país como a República Democrática do Congo, distinguir as atividades dos setores formal e informal por estas definições não seria, absolutamente, uma tarefa fácil. Na legislação em vigor na República Democrática do Congo, o termo setor informal engloba toda a atividade econômica que escapa aos circuitos oficiais, cujos responsáveis não possuem um número de identificação nacional e de registro no comércio, não mantendo regularmente registros contábeis.

Retomando alguns aspectos já citados do setor informal, acrescentamos que, após estudo realizado sobre o setor informal no Kenya, em 1972, a OIT considerou as características apresentadas a seguir como as que singularizariam as atividades deste setor. Assim, seriam atividades do setor informal, todas as que têm as seguintes características:

Facilidade de acesso ao trabalho; recurso aos meios locais; propriedade familiar da empresa; escala restrita de operações; recurso a técnicas dependentes de uso intensivo da mão-de-obra e adaptadas ao lugar; aquisição de qualificações fora do sistema escolar oficial; a facilidade de operar nos mercados não regulamentados mais abertos e competitivos; não se beneficiar de crédito bancário; tem caráter provisório e ambulante; depender de pouco capital e fraco investimento; não ter registros contábeis; não reconhecer vínculos empregatícios; ter horário de trabalho irregular e não ter reconhecimento jurídico. <sup>5</sup>(pág.3)

Depois de uma ampla apropriação da literatura disponível sobre o mercado informal de trabalho, através da qual tivemos acesso a uma diversidade de definições, decidimos preservar algumas linhas analíticas gerais. Entre estas, destacamos quatro grandes orientações conceituais:

A) Insuficiência de renda – no mercado informal de trabalho predominam trabalhadores com renda abaixo do mínimo necessário à sobrevivência. A sua renda não satisfaz as suas necessidades e de sua família em termos de alimentação, vestuário, moradia, transporte, saúde, higiene. Alguns autores, como Camargo (1989), adotam uma definição mista, na qual o mercado informal é caracterizado pela ausência de relações de trabalho formalmente constituídas, combinadas a níveis de remunerações excessivamente baixas.

B) Uso intensivo e intermitente da mão-de-obra – o setor informal, por suas próprias características, admite a ociosidade de seus integrantes durante uma parte do período de tempo, que pode ser hora, dia, semana, mês... Em certos casos, quando normalmente trabalha-se 40 horas por semana, o conceito inclui situações que indicariam o caráter improdutivo do trabalho. Desta forma, considera-se economicamente inútil parte do tempo despendido nas atividades do setor informal. Nota-se, em conseqüência, que a referência

---

<sup>5</sup> Gauthier de Villers apud Guillaume Iyenda. Pauvreté urbaie et secteur informel à Kinshasa, 2<sup>e</sup> édition:Deutsche Stiftung Fur Internationale Entwicklung, 2002. Frankfurt.

básica é o tempo admitido (convencionado) como necessário e útil ao desempenho de atividades econômicas.

Assim, no setor informal, ocorreria a subutilização de parcela da força de trabalho. Esta parcela teria que se dedicar, involuntariamente, a determinados tipos de atividades econômicas caracterizadas pela ociosidade de seus integrantes durante a jornada normal de trabalho ou pela improdutividade que decorreria do seu fraco desempenho.

Segundo Tolosa<sup>6</sup>: “o setor informal pode ser definido como sendo aquele constituído por pessoas economicamente ativas que, em média, trabalham menos de 40 horas semanalmente. Na prática, tal segmento da população é constituído por indivíduos desempenhando atividades temporárias, de curta duração e biscates. Cabe aqui a ressalva de que por estes critérios, poderiam ser incluídas, neste segmento, várias atividades, tais como as de funcionários públicos, professores, médicos que não se enquadram na definição do setor informal”.

C) Proteção trabalhista – caracterizaria o setor informal, as relações de trabalho desenvolvidas fora do âmbito da legislação trabalhista. Este seria o caso de trabalhadores sem carteira assinada e das pequenas empresas não registradas legalmente (Cacciamali, 1991).

Segundo Souza:<sup>7</sup>(pág 139):

“O setor formal seria aquele onde prevalecem as relações capitalistas, no sentido de que se distingue a propriedade do capital e do trabalho, e que a produção esteja dirigida principalmente para o mercado. No setor informal, por sua vez, em que pese cumprir-se esta última condição, não predomina a divisão entre proprietários do capital e do trabalho e, conseqüentemente, o salário não constitui a forma usual de remuneração do trabalho”

O conceito de mercado informal proposto pelo autor é baseado em

---

<sup>6</sup> SABÓIA, J. Dualismo ou integração no mercado de trabalho? In Estudos Econômicos, v.19, no especial, pp. 139-155. IPE/USP, São Paulo, 1989.

<sup>7</sup> SOUZA, P. R. Emprego e renda na pequena produção no Brasil. Pág. 12. Estudos Econômicos, 1981.

critério bastante sugestivo; mas, a sua aplicação não é simples. Através do tipo de segmentação sugerido, podemos distinguir dois grandes segmentos no próprio setor informal: de um lado, estão as formas de produção sem assalariamento e, do outro, as empresas quase capitalistas.

No primeiro segmento, encontramos as empresas familiares, os trabalhadores por conta própria, os vendedores ambulantes, sendo que a maneira como se relacionam com os meios de produção permitiria incluí-los no setor informal. No entanto, quando tratamos do assalariamento nas empresas quase capitalistas, a classificação torna-se um pouco mais complicada. Embora os proprietários de tais empresas estejam envolvidos no processo produtivo e a taxa de lucro não seja a variável-chave do funcionamento dessas empresas, pois o mais importante é o rendimento total do proprietário, para os trabalhadores a relação capital-trabalho é real. Com isso, percebemos que existe uma área “nebulosa” entre os setores formal e informal da economia, e que somente a relação com os meios de produção não é suficiente para a classificação de uma atividade.

Para tratar esta lacuna, Sabóia J. (1989)<sup>8</sup> propõe a inclusão no setor informal de qualquer atividade não-organizada. Por não-organizada, entende o empreendimento que não obedece aos parâmetros da empresa capitalista (onde não se distinguem capital e trabalho e a remuneração não é salário); e, também, o empreendimento que não se ajusta juridicamente às normas vigentes (empresas que, apesar das relações tipicamente capitalistas, não cumprem obrigações no que diz respeito à legislação social, salário mínimo, carteira assinada, férias, licenças maternidade e por doença. Na maioria das vezes, tais empresas são muito pequenas e a absorção destes custos inviabilizariam a sua existência.

D) Organização social da produção – a informalidade caracterizaria as atividades econômicas em que não há separação nítida entre capital e

---

<sup>8</sup> SABÓIA, J. Dualismo ou integração no mercado de trabalho? In Estudos Econômicos, v.22, no especial, pp. 139-155. IPE/USP, São Paulo, 1989.

trabalho. Os autores que defendem a adoção de tal conceito como por exemplo Sabóia (1989), argumentam que a ausência de regulamentação não é suficiente para caracterizar o segmento informal, visto que, entre os trabalhadores que não têm carteira assinada, há muitos que exercem atividades típicas do setor formal, uma vez que vivenciam relações tipicamente capitalistas. Um bom exemplo é oferecido pelos trabalhadores da construção civil e em atividades agrícolas. Por exercerem atividades sazonais, a maioria não tem carteira assinada, apesar da relação capital-trabalho estar bem definida.

Sendo assim, estes autores (Souza e Sabóia 1989) procuram definir os limites do setor informal a partir da relação do trabalhador com os meios de produção. Os integrantes do mercado informal seriam vendedores de bens e serviços e, não, da força de trabalho. Através desta definição, a remuneração do trabalho informal não resultaria da dinâmica do mercado de fatores; mas, sim, do mercado de produtos. Com esta opção conceitual, poderiam ser incluídos, no mercado informal, trabalhadores autônomos, músicos, artistas, artesãos, pequenos agricultores e as empresas organizadas com trabalho familiar não assalariado.

Cada uma dessas orientações analíticas traz vantagens específicas, dependendo do tipo de problema tratado neste trabalho. Em geral, existe uma grande correlação entre elas, porém não total. Além disso, a escolha de critérios deve estar associada à finalidade da análise. No caso presente, como nossa meta é analisar o comportamento do mercado informal de trabalho em Kinshasa, abandonaremos a primeira orientação —insuficiência de renda—A variável renda é de difícil mensuração. Além disto, nem todo o trabalhador com renda abaixo do mínimo necessário à sobrevivência encontra-se inserido no mercado informal. O mercado formal de trabalho também paga muito pouco em Kinshasa.

Quanto à segunda orientação-uso intensivo e intermitente da mão-de-obra – manifesta-se um outro problema. Esta orientação permitiria a inclusão errônea de um segmento de trabalhadores do mercado formal, como

funcionários públicos, professores universitários, médicos, enfermeiros e militares no mercado informal. Além disso, existem trabalhadores que se encontram inseridos no mercado informal e trabalham menos que 40 horas semanalmente. Logo, conceituar o mercado informal pelo número de horas trabalhadas pode induzir a erro, pelo menos no que concerne a experiência de Kinshasa.

Considerando as virtudes e os defeitos ou as vantagens e as desvantagens de cada uma das orientações apresentadas e tendo em vista a finalidade do presente trabalho, decidimos adotar a terceira - proteção trabalhista -e a quarta –organização social de produção-, orientações para caracterizar o mercado informal em Kinshasa. Assim, este mercado estará definido como sendo aquele composto por trabalhadores sem carteira assinada, por conta própria e, também, por trabalhadores sem remuneração, que se revelará predominante no trabalho de campo que realizamos. Ao adotamos a posição de ficarmos somente com a terceira e a quarta orientações, unimos, de alguma forma, um pouco de cada uma das vertentes discutidas. Assumindo um conceito mais abrangente para o setor informal, aproximamo-nos mais da realidade, inclusive no que diz respeito à existência de dados estatísticos para o estudo das variáveis selecionadas.

Embora existam trabalhadores assalariados sem carteira assinada em grandes empresas capitalistas ou públicas, este fato é raro, mesmo no período de agravamento da crise econômica. Por outro lado, a carteira assinada em empresas não-capitalistas é realmente uma exceção (op.cit. Pág.143). O que estamos querendo dizer é que, ao incorporamos o fator regulamentação, não impedimos o reconhecimento de pequenos produtores; pois, grande parte dos trabalhadores não-regularizados encontra-se inserida em micro-unidades produtivas.

## **1.2)Tipos de atividades**

Apresentamos, em seguida, a lista das atividades que integram a informalidade em Kinshasa. Por ser muito extensa, iremos reuni-las em três grupos (saúde, comércio e artesanato), no intuito de facilitar a interpretação e de favorecer uma análise mais consistente dos dados, assim como, de suas variáveis explicativas.

No primeiro grupo, que chamaremos aqui de saúde; encontram-se todas as atividades ligadas à administração de cuidados médicos, como os centros médicos, as policlínicas, as farmácias, os dispensários. No segundo grupo, que chamaremos de comércio, encontram-se todos os tipos de atividades ligadas à venda de bebidas (bares e boates), as padarias, os depósitos de bebidas, as pastelarias, as papelarias, os restaurantes, os açougues, além dos estabelecimentos que vendem produtos agrícolas e alimentícios. No terceiro grupo, que chamaremos de artesanato, encontram-se todas as atividades ligadas à sapataria, marcenaria, marroquinaria, bijuteria, costura, pintura, fotografia, construção de casas, conserto de eletrodomésticos, ateliers mecânicos, borracheiros, trabalho em chumbo, eletricidade, conserto de máquinas e móveis.

## **1.3 Objetivo**

Este trabalho tem por principal objetivo refletir a problemática do mercado informal na realidade congoleza, além de analisar os impactos da globalização nos circuitos produtivos de Kinshasa, enfatizando, a categoria de pobreza urbana. O problema consiste essencialmente em encontrar novas estratégias apropriadas e aplicáveis à análise desejada na situação de crise que a cidade de Kinshasa tem enfrentado.

Voltando à questão congoleza face à globalização, torna-se necessário um trabalho de conscientização da população, e dos dirigentes em particular, das causas do atraso da República Democrática do Congo. Torna-se urgente,

neste mundo de mudanças freqüentes e instantâneas, manter a população atualizada dos acontecimentos. Desejamos propor soluções para os problemas que os trabalhadores do circuito inferior enfrentam no seu cotidiano e chamar a atenção da opinião pública nacional e internacional para o drama ora vivido no Congo e, sobretudo, alertar os dirigentes de multinacionais, dos países avançados e dos organismos internacionais dos problemas socioeconômicos enfrentados pela população de países subdesenvolvidos. Enfim, buscar uma solução mais humanitária possível para resolvê-los.

Mostraremos que, apesar de todos os impactos negativos da globalização perversa (Santos, 2000), criar um mundo diferente ainda é possível. Podemos inventar uma outra globalização mais humana, onde a ética predomine sobre a estética, o valor de uso sobre o valor de troca, a solidariedade sobre a competitividade, onde “o cada um por si” seja substituído pela benevolência, onde o egoísmo cedera lugar ao amor ao próximo, onde o racismo cederá lugar à igualdade, onde a justiça substituirá a injustiça, onde a violência contra os fracos será substituída pela paz. O nosso trabalho pretende colaborar para que esta alternativa se afirme.

A pobreza que o nosso trabalho propôs-se a estudar é uma pobreza que ultrapassa a dimensão material. Ela é também espiritual, o que torna a situação mais complexa. O problema consiste essencialmente em encontrar novas estratégias apropriadas ao enfrentamento da crise de Kinshasa, que é similar à experimentada por outras cidades do Congo. Quando citamos a pobreza espiritual, referimo-nos à trama das relações sociais, como, por exemplo, poligamia, tribalismo, obscurantismo, hiper-religiosidade...

**Capítulo 1. Breve registro das características socioeconômicas e do cenário político da República Democrática do Congo**

A República Democrática do Congo (RDC) é um país localizado no centro do continente africano. A sua configuração decorre da conferência organizada em Berlim, em 1885, que homologou o chamado "dito de Berlim". Esta conferência teve, como principal finalidade, salvaguardar o equilíbrio europeu na África. Foi na conferência de Berlim que a África foi dividida entre as potências europeias.

Acredita-se que os primeiros habitantes da região do Congo foram os pigmeus. Com a chegada dos povos bantos, vindos do Norte da África em busca de terra para cultivo, os antigos habitantes foram deslocados para a floresta. Entre os séculos X e XV, os novos habitantes, além da prática agrícola, desenvolveram atividades baseadas na metalurgia do cobre e do ferro e, mantiveram atividades comerciais com as cidades mercantis da costa oriental da África<sup>9</sup>. Politicamente, estruturaram-se em vários reinos e impérios, como os impérios Lunda, Kuba, Luba, que reconheciam certa supremacia ao rei do Congo, denominado de Manicongo. Os portugueses iniciaram contatos com o rei banto em 1487; mas, nos séculos seguintes, o contato com os europeus limitou-se às feitorias costeiras, baseadas no comércio de ouro, peles, madeiras e, principalmente, escravos<sup>10</sup>.

A partir do século XVI, o Congo constituiu-se na maior reserva de escravos para as Américas. Já no século XIX, porém, o tráfico negreiro cedeu lugar, progressivamente, à ocupação colonial. Entre 1840 e 1872, o missionário inglês David Livingstone empreendeu uma série de explorações na África central, tendo cruzado várias vezes o território congolês. O interesse pelo continente africano aumentou devido aos relatórios dos exploradores endereçados às grandes potências europeias da época como, por exemplo, os do jornalista Henry Morton Stanley e de David Livingstone... Em decorrência, o rei da Bélgica Leopoldo II criou o comitê de estudos do Congo em 25 de

---

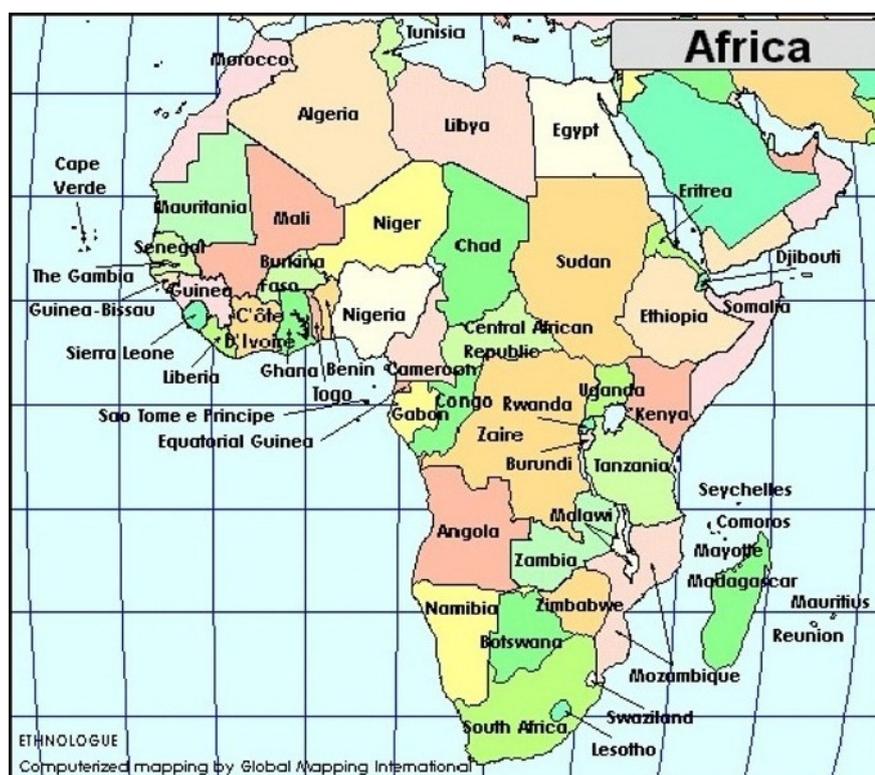
<sup>9</sup> KI-ZERBO, J. Histoire d'Afrique noire, 1972, pág.325.

<sup>10</sup> BOURGES, Wauthier. Les 50 Afriques, 1976, pág.140.

novembro de 1878<sup>11</sup>, sendo Stanley contratado para estabelecer relações comerciais com os grupos tribais do interior do novo território, incorporando-o ao domínio europeu.

Este novo território, que mais tarde irá constituir-se como Estado Independente do Congo (EIC), foi entregue ao rei Leopoldo II como propriedade particular no período de 1885-1908. Assim, somente no período 1908-1959 a Bélgica assumiu o território como colônia, sob a denominação de Congo-Belga, fronteira com nove outros países: República Centro Africana, Sudão, Uganda, Ruanda, Burundi, Tanzânia, Zâmbia, Angola e República Popular do Congo.

**Mapa 1-Divisão atual do continente africano**



Fonte: [www.Google.Com/](http://www.Google.Com/) de dia 20.03.2007

O esgotamento do período colonial começou pela economia: baixa do preço dos minérios, redução dos investimentos e aumento do desemprego. Em

<sup>11</sup> Mokili, D.K. Politiques agricoles et promotion rurale au Congo, 1998, pág.35.

meados da década de 1950, começou a tomar corpo o movimento político congolês. Em 1956, o grupo “Conscience Africaine”, que reunia jornalistas e funcionários, divulgou um manifesto reivindicando a emancipação do país. No ano seguinte, a Bélgica autorizou a realização das primeiras eleições na colônia. O ano de 1959 foi marcado por constantes distúrbios, que muitas vezes envolviam combates de rua, com mortos e feridos.

Pressionada, a Bélgica, em 30 de junho de 1960, finalmente reconheceu a independência ao Congo. O líder do Movimento Nacional Congolês, o nacionalista Patrice Lumumba, designado primeiro-ministro, formou o primeiro governo nacional, que tinha Joseph Kasavubu como presidente. Logo após a independência ter sido proclamada, explodiram os conflitos, diante das ameaças de retaliação econômica dos belgas pela nova política adotada pelo governo de Lumumba em relação aos recursos naturais do Congo. O exército belga foi deslocado para o Congo para proteger a população europeia e seus bens. Duas semanas depois, a força pública congoleza sublevou-se, exigindo a demissão dos oficiais belgas, e Moïse Tshombe proclamou a independência da região de Katanga e anunciou a secessão desta região rica em minérios. Nova secessão pronunciou-se em agosto, desta vez envolvendo a província de Kasai. Desde a independência, a trajetória do antigo Congo Belga expôs, de maneira exemplar, as dificuldades sociais e econômicas sofridas pela maioria dos jovens países da África negra, nos primeiros momentos após a ruptura da tutela das metrópoles coloniais.

A República Democrática do Congo vem enfrentando um cenário social, político e econômico desfavorável à superação da miséria dos tempos da colonização. Os dirigentes que impulsionaram o processo de independência acreditavam que o fim do regime colonial permitiria a construção de uma economia que beneficiaria o povo congolês, extinguindo os sofrimentos, a miséria e as humilhações a que foi submetido por um século de dominação europeia.

Sob a denominação de República do Congo, e depois de um curto

período de democracia, o país enfrenta guerras civis. Em 1962, apela para as forças de paz das Nações Unidas num esforço para evitar a guerra civil. O líder Patrice Lumumba, acusado de socialista, foi assassinado seis meses depois de assumir o poder, pelo fato de ter afirmado que o seu governo trabalharia em favor dos interesses da população congoleza.

O período da primeira república durou cinco anos (1960 - 1965). Com a crise, foi exposta a imaturidade da classe política, que conquistou a independência sem nenhuma preparação prévia para assumir a condução dos destinos do país. Os colonizadores, com o objetivo de permanecer no controle do Congo, não prepararam a população local, nem intelectual nem politicamente, para uma futura autonomia. Até às vésperas da independência, o país não tinha quadros universitários suficientes para assumir o governo. A Bélgica não considerou a formação de uma elite que a sucederia no poder e, no momento da independência, o país não tinha profissionais em muitas áreas vitais, como a de saúde.

A política paternalista dos belgas só começou a permitir o acesso à educação no início da segunda metade dos anos 1950. A primeira universidade foi inaugurada em 1954, com a denominação de Universidade de Lovanium, hoje Universidade de Kinshasa (UNIKIN). Na época da independência, o Congo contava com aproximadamente dez quadros universitários, um número muito abaixo do aceitável para administrar um país cuja superfície equivale a 81 vezes a da Bélgica.

Cinco anos após a independência, no dia 24 de Novembro de 1965, o então Coronel do Exército Mobutu Joseph, aproveitando a crise política, toma o poder depois de um golpe de Estado e instaura um regime ditatorial com forte apoio de potências como os EUA, a França e a Bélgica. As potências estrangeiras apoiaram a instalação de um governo autoritário e monolítico, apresentando-o como salvaguarda da paz e da unidade do país em constantes conflitos desde 1960. Iniciou-se, então, a segunda república (1965-1997), tendo Mobutu proclamando-se presidente. Pobre quando chegou ao poder, Mobutu era ao morrer um dos homens mais ricos do mundo. Fez a sua fortuna,

calculada em quatro bilhões de dólares, a partir de recursos públicos e através da corrupção. O país foi pacificado progressivamente e o regime de Mobutu adotou, externamente, as características de um governo progressista: em 1967, fez aprovar, por plebiscito, uma constituição presidencialista que criava um Estado unitário, já que reconhecia como partido único, o Movimento Popular da Revolução (MPR).<sup>12</sup>.

O Congo da época de Mobutu foi um dos principais clientes, senão o principal protegido, das potências ocidentais na África, durante a guerra fria. Neste período, o Congo teve um papel fundamental no continente, o de impedir que países africanos aderissem ao sistema socialista. A antiga metrópole assumiria a função de guia da antiga colônia. Formando a elite e protegendo os dirigentes políticos seus aliados, o antigo colonizador apresenta-se como fiador ou responsável pela manutenção do jovem Estado independente na arena internacional. Esta é a função pretendida pela Bélgica com relação à República Democrática do Congo, Ruanda e Burundi, como também da França, com relação a suas antigas colônias na África. Quando da ocorrência de rebeliões no período pós-independência - grupos lumumbista e mulelista-, a Bélgica (que beneficiava-se de ajuda logística dos Estados Unidos e da França) interveio, em 1964, na cidade de Stanleyville; e em 1977 e 1978, nas cidades de Kolwezi e Moaba ,visando a proteção dos seus interesses, dos quais não quer abrir mão desta região.

No início dos anos 1970 Mobutu lançou sua política de “africanização”, que proibiu o uso de denominações ocidentais e cristãs. Como parte da campanha, mudou, em 1971, o nome do país para Zaire. Este dirigente controlou a vida política do país por 32 anos, deixando a economia do país, nas últimas posições ao nível mundial. Esta triste realidade que os congoleses denunciam com um certo senso de humor, através de um dito corriqueiro: “O Zaire começa com um Z, a última letra do alfabeto...”. Neste país, repleto de riquezas onde, depois de uma independência arrancada a preço de sangue, o país muda de nome como que para renascer virgem de um passado que

---

<sup>12</sup> Grande Barsa, Barsa Planeta, Rio de Janeiro 2006.

abomina e que o atormenta, o do colonizado, do explorado, do dominado.

As atrocidades cometidas pelo ditador deixaram um saldo de milhares de mortos. Entre outras arbitrariedades, eram mantidos campos de concentração para os opositores do regime, tendo sido determinada a filiação compulsória de todos os recém-nascidos ao MPR. Apesar disto, ocorreu uma pequena estabilidade interna que foi rompida quando, em 1977, guerrilheiros angolanos, congolezes dissidentes e cubanos, herdeiros de Che Guevara, invadiram a região de Katanga, de onde foram expulsos com a colaboração de tropas francesas e marroquinas. No início da década de 1990, dificuldades econômicas e o endurecimento do regime geraram protestos que levaram o governo a fazer algumas concessões, como a adoção do multipartidarismo. A democratização do país esbarrou, no entanto, em conflitos entre os partidos de oposição e, ainda, na relutância de Mobutu em abrir mão do poder.

Este período (1965-1997) corresponde à primeira ditadura, que resultou na exploração das riquezas naturais do país em proveito dos dirigentes. A ditadura prolongou-se por 32 anos, culminando no desmonte das estruturas físicas e administrativas que possibilitaram a euforia econômica congoleza até o início dos anos 1960. Para exemplificar esta situação, citamos a produção de alguns minérios no período 1988 –1998 (Tabela 2). Em 1988, constatamos como demonstra a tabela 2 que a produção de zinco era de 61.100 toneladas. Esta produção havia caído para 1.200 toneladas em 1998.

Tabela 2. Produção de alguns minérios na República Democrática do Congo de 1988-1998.

Anos/Minerais	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
Cobre	468,4	442,8	355,7	235,1	147,3	48,3	30,6	35	40,1	37,6	35
Zinco	61,1	54	38,2	28,3	18,8	4,2	0,6	4,5	3,2	1,7	1,2

Cobalto	10	9,3	10	8,6	6,4	2,2	3,6	4,0	4,1	3,0	4,0
Ouro	3,8	2,5	5,2	6,1	2,5	1,5	0,8	1,2	1,2	0,4	0,4
Diamante	1816	1759	1954	1745	1350	1515	162	2202	2224	2197	2608
	3	9	7	0	1	0	9	4	0	7	4

-Em milhares de toneladas para o diamante em quilate.

Fonte: (Nsimba, R.2000.pág.25) apud Banco Central do Congo, relatório anual.

A ditadura gerou a decadência do dinamismo econômico deixado pelos belgas, atingindo-se a situação calamitosa dos dias atuais, quando o Congo, numa pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2004, ocupa o 168º lugar, num universo de 177 países pesquisados, quanto ao Índice de Desenvolvimento Humano<sup>13</sup>. Muitos governos que sustentaram direta ou indiretamente o regime ditatorial, no contexto da bipolarização, deram-se conta de ter apoiado um governo corrupto e sanguinário que, sob o pretexto de manutenção da paz, fez deste país um dos mais pobres do mundo.

A continuação da ditadura foi impossibilitada por muitos fatores, entre os quais destacamos a pressão interna pela democratização do país, a crise econômica, a emergência de contestações políticas externas, o desmoronamento do aparelho de Estado, a fragilidade das relações diplomáticas com a Bélgica desde 1988, a saída dos soldados cubanos de Angola, o desmoronamento do comunismo na Europa do Leste, a queda e a execução do então presidente da Romênia, Nicolae Ceausescu, que era amigo e inspirador político de Mobutu e a retirada incondicional do apoio ao governo de países ocidentais (França e E.U.A). Segundo Olivier Lanotte<sup>14</sup>:

*"A República Democrática do Congo, em 1960, era a segunda maior economia do continente africano do ponto de vista industrial. Trinta anos depois, o país tem todos seus indicadores socioculturais e econômicos no vermelho, com um*

<sup>13</sup> ATLAS GEOGRAFICO MUNDIAL, número 6, África. Pp.84e85

<sup>14</sup>Olivier Lanotte: la Republique Democratique du Congo, guerres sans frontieres, pág. 83.ED. GRIP, 2003, Bruxelas.

*Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) entre os mais fracos da África (0,429), um médico para 20.000 habitantes, um crescimento econômico anual negativo (-6,8% no período de 1989 a 1999), uma taxa de inflação de 25% e uma dívida externa de 11,9 bilhões de dólares (ou, seja 125% do PNB de antes da Guerra de 1996).O país encontra-se entre os que estão em péssima posição para embarcar no século XXI".(tradução nossa)*

Esses dados estatísticos mal refletem a realidade socioeconômica do país.O Congo, como uma grande parte de países africanos, experimenta uma miséria generalizada.Todos os setores da vida coletiva encontram-se afetados pela crise econômica. Frente à crise societária, os congolezes só dispõem da vontade e de sua imaginação para ter acesso a meios de sobrevivência. Nestas circunstâncias, segundo Marysse: "a economia formal acaba incorporando práticas que são próprias de uma economia informal. Assim, nos anos 1990, a maioria dos observadores afirmava que quase a metade do valor das transações em serviços e mercadorias não era registrada nas receitas do Estado". (tradução nossa)(op cit pág.84).

No que concerne à extensão territorial, o Congo, ocupa o terceiro lugar no continente africano e, ao nível mundial, ocupa o décimo segundo lugar. Este é um país sem infra-estruturas apropriadas a um crescimento econômico expressivo, na medida em que as disponíveis foram construídas no período colonial e encontram-se atualmente fora de uso. É neste quadro que devem ser refletidas as distâncias entre os locais de exploração de minérios e os portos. Como as regiões de extração de minérios são distantes (regiões Leste e Sul do país) do local de embarque para exportação (Oeste do país), o custo do transporte é elevado, reduzindo a possibilidade de uma exploração rentável de minérios com elevado valor por unidade ou peso.

O setor agrícola foi um dos que mais sofreram com a falta de investimento na manutenção e construção de estradas, o que prejudicou a comercialização de produtos. Apenas o setor de mineração atraiu a atenção dos dirigentes.

Mapa 2. Divisão administrativa da República Democrática do Congo



Fonte: [www.Africanet.Com](http://www.Africanet.Com) do dia 20.11.2005

Como antes dito, com o fim da bipolarização reduz-se a importância estratégica do continente africano. Esta mudança repentina acabou marginalizando, econômica e diplomaticamente, a África negra. Tendo perdido o pouco de relevância estratégica que detinha, os países africanos foram abandonados por seus “padrinhos” ocidentais. Este processo também atingiu a República Democrática do Congo, apesar de suas riquezas naturais.

Em maio de 1997, forças rebeldes depuseram Mobutu e assumiram o controle do país, que voltou a chamar-se República Democrática do Congo, denominação já utilizada no período 1964 - 1971. O líder destas forças, Laurent-Desiré Kabila, autoproclamou-se chefe de Estado e nomeou um governo de transição. Este governo, que trouxe esperança à população de gozar de uma verdadeira democracia, cometeu as mesmas atrocidades e erros dos governos anteriores. Um governo autoritário que muitos observadores denominaram de “clone”. A oposição e novos atores políticos iniciaram o combate à nova ditadura e novos conflitos eclodiram. Como também diz um ditado congolês: “A pobreza é a mãe de todas as guerras”.

Neste contexto, a República Democrática do Congo foi virtualmente dividida entre países vizinhos, sendo formadas duas linhas de guerra, uma oficial e outra oficiosa. A oficiosa ocupando as regiões do Leste Kivu Norte e Sul, Maniema, Equador e Alto Congo e, a oficial, ocupando Kasai-Oriental e Ocidental, Bandundu, Baixo Congo, Katanga e Kinshasa. Os conflitos foram mais intensos e sangrentos nas zonas economicamente mais importantes, isto é, com grande concentração de minas de diamantes-no Leste, na cidade de Kisangani, e no Centro, na cidade de Mbuji-Mayi; nas regiões de concentração de ouro ou nas zonas potencialmente ricas em nióbio, nas regiões de Kivu e Ituri. Nestas regiões, desenvolveu-se uma forma sistemática de pilhagem do patrimônio congolês, em favor dos interesses de Uganda, Ruanda, Burundi e de grupos rebeldes. Para financiar a guerra, a estratégia dos invasores consistiu na contratação de empresas cuja especialidade era a exploração de minérios. Para estas empresas, foi garantido o monopólio de exploração.

Compuseram o patrimônio pilhado: os recursos naturais e as indústrias. Os pesquisadores belgas Stefaan Marysse e Catherine André<sup>15</sup>, referindo-se à exploração do ouro na região de Kivu pelas forças invasoras, qualificam-na de verdadeira operação de pilhagem:

*“A guerra do Congo tem provocado uma reorientação de circuitos comerciais e de escoamento de ouro em favor de Ruanda, e, sobretudo, de Uganda. Desde a guerra de 1998, a comercialização de ouro é totalmente controlada por militares invasores e, por isso, os importadores privados foram obrigados a deixar o país. (...) Com base nos volumes exportados por Uganda, que não é e nem nunca foi produtor deste minério, o valor de ouro exportado equivalia a 95 milhões de dólares, em 1999, e 90 milhões de dólares em 2000. (...) Os valores alcançados pela pilhagem econômica foram de 19 milhões de dólares, em 1999, e de 18 milhões de dólares, em 2000 (...) O valor da produção aurífera desviado por Ruanda foi de 5,6 e 5,4 milhões de dólares respectivamente, para os anos 1999 e 2000”. Os militares invasores colocaram em prática uma estratégia de pilhagem institucionalizada, que busca o controle do território e do conjunto das regiões fronteiriças. Segundo os mesmos autores, os benefícios da pilhagem foram extra-orçamentários, isto é, não entravam em*

---

<sup>15</sup> Marysse Stefaan e André Catherine apud Olivier Lanotte: la République Democratique du Congo, guerres sans frontieres, ED. GRIP, 2003, Bruxelas.

*nenhuma receita dos países envolvidos, permitindo desta forma, a montagem de uma rede que financia a guerra.(pp.124e125).*

Estes novos conflitos envolveram as forças do governo, apoiadas por tropas do Zimbábue, de Angola, da Zâmbia e da Namíbia, no combate aos rebeldes, apoiados por soldados de Uganda, Burundi e Ruanda. O país será, assim, dividido em duas zonas: uma sob controle governamental e outra liberta. Frente à ameaça de destruição do Estado, uma força de paz enviada pela ONU obteve, em 2000, uma trégua na região. O envolvimento direto de seis países e de vários grupos guerrilheiros na guerra civil da República Democrática do Congo tem, como pano de fundo, a disputa por um território pródigo em riquezas minerais.

A ONU condenou, em maio de 2001, a exploração ilegal de recursos naturais no Congo, estimando que a pilhagem teria começado de maneira sistemática em 1998, com o início da guerra civil. Assim, a ONU reconheceu a existência de uma relação direta entre os conflitos e o saque das riquezas, apontando líderes da rebelião e dos países vizinhos como beneficiários diretos da pilhagem e ameaçando os envolvidos com sanções.<sup>16</sup>

A situação socioeconômica já precária tornou-se calamitosa, com o advento desta guerra africana. Os conflitos nesta região tomaram dimensões apocalípticas: pilhagens, crimes de guerra, violências sexuais, canibalismo, uma geração de crianças soldados tendo a morte como única perspectiva, criminalização da sociedade, ódio tribal... Há muitos elementos que fazem da África Central uma zona de turbulências, algumas vezes imprevisíveis. Segundo uma organização não governamental americana International Rescue Committee-(IRC) estima-se que, desde o início da guerra em agosto 1998 até março de 2001, contabilizavam-se 3.500.000 vítimas fatais, uma hecatombe silenciosa, que não mobilizou a intervenção da comunidade internacional...<sup>17</sup>

Os primeiros governos do país, que deveriam ter regulado o mercado e

---

<sup>16</sup> Almanaque, de 2004. Pág. 626

<sup>17</sup> Olivier Lanotte: République Democratique du Congo, Guerres sans frontieres, Editions GRIP, pág. 130, 2003, Bruxelas.

garantido os direitos sociais visando o bem-estar de todos, transformaram-se, pelo contrário, em grande freio ao crescimento econômico. A zairianização adotada em 1974, isto é, a nacionalização das empresas estrangeiras em todo o território nacional foi uma diretriz meramente política que beneficiou apenas os próprios donos do poder.

Passadas quatro décadas, os indicadores socioeconômicos denunciam a frágil situação da República Democrática do Congo. De fato, o país ainda não está livre da dominação ocidental. Afinal, a independência foi artificial, tendo acontecido somente devido às pressões internacionais. As guerras civis posteriores a 1960 resultariam da cobiça dos países desenvolvidos pelos recursos naturais da região. Somam-se a isso, os problemas políticos internos. Oportunistas arrebataram o poder para depredar recursos naturais. Assim, o desperdício de recursos e bens públicos tem sido uma constante.

No Congo, reina a desigualdade, como demonstra a concentração de renda. Uma minoria em situação muito privilegiada, proprietária de minas de diamantes e de ouro, e uma maioria muito pobre, sem moradia adequada, sem serviços públicos de saúde e de educação, sem emprego e sem perspectivas de vida. Segundo o jornal *Potentiel*, editado em Kinshasa, de 20 de maio de 2004, os diretores de empresas estatais, chamados localmente de Presidentes Delegados Gerais (PDG), ganham entre U\$ 6.000 a 21.000 por mês, enquanto que a maior parte de funcionários públicos recebe em média U\$ 20 e os trabalhadores de empresas privadas U\$ 100<sup>18</sup>.

Dessa forma, podemos dizer que os atuais problemas socioeconômicos do Congo ainda advêm de sua herança colonial. Estes problemas foram agravados por duas longas ditaduras, além da guerra e, conseqüentemente, por políticas baseadas no auto-enriquecimento e na pilhagem do patrimônio nacional pela classe política e por algumas potências ocidentais, em detrimento dos interesses da população. Este quadro culminou na precariedade dos serviços públicos de saúde, num sistema educacional caótico e num grande

---

<sup>18</sup> Jornal congolês, LE POTENTIEL, do dia 20.05.2004.

déficit habitacional, articulado às deficiências e contrastes de uma rede urbana dilapidada, com problemas primários de urbanização, carência de infraestrutura e, sobretudo, de critérios norteadores de investimentos públicos que favoreçam a população que se acumula sob a linha da pobreza.

Em janeiro de 2001, Desiré Kabila é assassinado, na capital, seu filho, o major-general Joseph Kabila, assume o poder e é formalmente empossado na presidência. Este dirigente pede a imediata retirada do país das tropas de Uganda e Ruanda e promete eleições, com pluralismo partidário e liberalização da economia. Joseph Kabila impulsionou de imediato o processo de paz, através de concessões: aceita negociar diretamente com os rebeldes e concorda com a mediação do ex-presidente de Botsuana, Ketumile Masire, como exigiam Uganda e Ruanda, o que o seu falecido pai não admitia. Após diversas negociações, as forças beligerantes firmam um cessar-fogo e no dia 07 de abril de 2003 terminam as hostilidades, tendo início a transição, com eleições previstas para todos os níveis, no dia 30 de julho de 2006.

O regime político do Congo é presidencialista, sendo o atual presidente Joseph Kabila (2001-2006). O poder legislativo é Bicameral-Câmara dos Deputados, com 500 membros e Senado, com 100 membros, todos provisórios por não terem sido eleitos e, sim, indicados por seus partidos políticos. A última Constituição data de 2003. O país tem o francês como idioma oficial e outras quatro línguas são utilizadas com fluência no Congo, correspondendo às suas quatro principais comunidades étnicas: lingala, swahili, kikongo, tshiluba. Encontramos ainda, no território congolês, mais de 458 dialetos, associados às respectivas tribos. As principais religiões praticadas pela população congoleza são: o cristianismo, 87.20% (católicos com 41%; protestantes com 32% , seitas cristãs africanas com 13.4% e outras seitas estrangeiras com, 0,8%), as crenças tradicionais, com 11.6%, e o islamismo, com 1.2%<sup>19</sup>.

### **1.1. Situação geográfica e econômica de Kinshasa**

---

<sup>19</sup> [www.Portalbrasil.Eti.br](http://www.Portalbrasil.Eti.br) de dia 16.05.2005.

A cidade de Kinshasa, objeto deste trabalho, estende-se numa superfície de 9. 965 km<sup>2</sup>, integrando o planalto do Kwango, uma cadeia de colinas ( Monts Ngaliema, Amba, Ngafula), uma planície e um pântano. A planície é a parte mais habitada e situa-se entre a baía de Ngaliema, no Leste, e o planalto do Kwango, ao Norte do Pool Malebo. Há vários rios, de diversas dimensões, que atravessam as planícies desta cidade, que é uma das maiores do continente em termos demográficos, com densidade de 752 hab/ km<sup>2</sup>. Trata-se da cidade mais populosa do Congo, com um forte crescimento demográfico como figura na Tabela 3. Situa-se nas margens do rio Congo e forma, juntamente com a vizinha cidade de Brazzaville do outro Congo (República Popular do Congo), uma aglomeração urbana com cerca de 8, 9 milhões de habitantes. Fundada em 1881 pelo explorador Henry Stanley com o nome de Leopoldville, tornou-se capital da então colônia belga em 1926, passando a chamar-se Kinshasa em 1966. A lei no 78.008, de 20 de janeiro de 1978, deu um novo estatuto à cidade, dotando-a de personalidade civil. A cidade é a capital do país e também, uma região.

Tabela 3. Evolução da população de Kinshasa 1920-2015.

Ano	Habitantes	Ano	Habitantes
1920	1.600	1970	1.323.039
1936	40.300	1974	1.990.700
1938	35.900	1976	2.443.900
1939	42.000	1984	2.664.309
1947	126.100	1991	3.804.000
1957	299.800	1994	4.655.313
1959	402.500	2003	6.786.000
1967	901.520	2005	7.500.000
1968	1.052.500	2015	Est. 12.000.000

Fonte: Populstat, Worldgazetter e [www.Paris-skyscrapers.Com/forum/viewtopic.pH](http://www.Paris-skyscrapers.Com/forum/viewtopic.pH) , acesso em 23.08.2006

Em 1960, a cidade de Kinshasa tinha uma população de mais de 400.000

habitantes, o que fez dela, desde esta época, a maior aglomeração urbana da África central. Em 1974, já tinha atingido uma população de aproximadamente de dois milhões de habitantes. As estimativas, do Censo Administrativo de 2005 indicam, aproximadamente, 7.500.000 habitantes. A cidade concentra todos os problemas dos grandes centros urbanos do Terceiro Mundo. De fato, enfrenta problemas sociais e econômicos, como fome, doenças, desemprego, subemprego, pobreza, exclusão social, violência, desnutrição, miséria... Tais são os desafios da maior parte da população desta cidade. Todas estas mudanças tiveram início quando aqueles que viviam em comunidades auto-suficientes no campo começaram a transladar-se para a capital, rompendo as fortes tendências históricas ao isolamento. Como figura na Tabela 3, no período entre 1970 e 1990, a população de Kinshasa mais que triplicou, passando de 1.323.039 habitantes, em 1970, para 4.655.313, em 1994.

Com as guerras que devastam o Nordeste do país, a insegurança instalou-se nas áreas rurais. Em conseqüência os produtores rurais abandonam suas terras e se concentram nas cidades, à espera do fim dos conflitos. De qualquer forma, mesmo quando terminam os conflitos, o desenraizamento já é total e a adaptação à miséria da cidade constitui-se numa outra forma de vida. A capital converteu-se, por estes processos, num aglomerado de grandes núcleos de população, sem nenhum serviço público e com dificuldades de abastecimento. Isto justifica também o seu crescimento demográfico. Observando-se a Tabela 3 fica, pois, evidência-se o fato de que a migração constitui-se num fator imprescindível à explicação das mudanças ocorridas em Kinshasa.

A guerra e a violência no Congo ainda apresentam outra face no momento atual - a absorção dos pobres e miseráveis pelas forças armadas, criando-se exércitos de mercenários, rebeldes e bandidos uniformizados. Para estes, alternam-se as atividades bélicas com algumas práticas especulativas, como tráfico de drogas e de armas, assaltos e outros tipos de violência. Além disso, o serviço militar no Congo constitui-se numa das poucas possibilidades de acesso a alimento, boas condições de vida e até a um pequeno salário, regular e pontual. Por este conjunto de fatores, a capital tornou-se, nos últimos

anos, numa cidade violenta e inóspita.

Kinshasa exerce a função de centro administrativo, econômico e cultural da República Democrática do Congo. A efetiva centralização do poder redistributivo, a sensação de proximidade do poder e a concentração na cidade da maior parte dos órgãos públicos, além da possibilidade de neles encontrar fontes de trabalho, converteram a administração do Estado num atrativo para abandonar o campo. Ainda assim, grande parte da região de Kinshasa é formada por uma zona rural, dispersa numa grande savana. As comunas de Maluku e Nsele ocupam mais de 70% da superfície da cidade-região. De fato, esta é uma cidade de muitos contrastes, com comunas residenciais e comerciais elegantes, escritórios de alto nível, e bidonvilles com vastas zonas rurais que ocupam e pressionam muitas vezes, o território urbano.

A administração é composta por um governador e um vice-governador, sendo a cidade dividida em 24 comunas. Cada comuna é dirigida por um comissário e dividida em sub-comunas. A cidade tem hoje mais de 300 sub-comunas. As comunas são: Bandalungwa, Barumbu, Bumbu, Gombe, Kalamu, Kasa -Vubu, Kimbanseke, Kinshasa, Kintambo, Kinsenso, Lemba, Limete, Lingwala, Makala, Maluku, Masina, Matete, Mont Ngafula, Ndjili, Ngaba, Ngiri - Ngiri, Nsele e Selembao. Seguindo a lei, os governadores e os vices governadores são eleitos diretamente pela população; porém, tendo as últimas eleições ocorridas em 1987. Com o regime autoritário vigente, os sucessivos governantes foram e continuam sendo escolhidos pelo presidente da República.

## 1.2. Pobreza urbana em Kinshasa.

Os conceitos usados ao longo deste trabalho, como os de pobreza, circuito inferior e mercado informal, correspondem, com mais precisão, à realidade dos países subdesenvolvidos. Mas, com o advento da globalização, da tecnologia de ponta, a sofisticada informatização e a liberalização do mercado financeiro, além da subordinação do capital comercial e do capital produtivo ao capital financeiro, até os países avançados têm enfrentado

problemas relacionados ao desemprego e às desigualdades sociais; mas, é claro, numa intensidade muitíssimo menor.

Neste trabalho, refletimos a pobreza segundo diferentes correntes analíticas; porém, a sua definição mais corrente corresponde à incapacidade de um indivíduo, uma família ou uma comunidade de satisfazer suas necessidades primordiais, que são: alimentação, moradia, educação, saúde e vestuário. Este conceito de pobreza é relativo, como também o é o de riqueza. Objetivamente, a pobreza é a carência de algo necessário; portanto, a pobreza relaciona-se estreitamente com a necessidade. Segundo o Billy-globe<sup>20</sup>:

*“A pobreza é um fenômeno relativo, os valores monetários não refletem a realidade; pois, os mais necessitados de países ricos têm uma renda maior que a renda dos mais necessitados de países mais pobres. Esses pobres sofrem menos as carências. Quanto mais um país enriquece-se, mais seus habitantes necessitam de serviços e de bens para participar da vida em sociedade. Se a pobreza e a riqueza são fenômenos relativos, também são subjetivos, por exemplo: 15 % dos belgas são pobres, isto é, têm renda de US\$ 1429 /mês para uma família com dois filhos. Entretanto, só 13% dizem que têm dificuldade em chegar ao fim do mês”. (tradução nossa).*

A primeira definição focaliza mais os números. Já para o dicionário Le Petit Robert<sup>21</sup>: “A pobreza é o estado de uma pessoa que não tem meios materiais, financeiros ou que os tem em quantidade insuficiente. Nenhuma definição da pobreza conseguiu o consenso ao nível mundial”. Sem dúvida, porque existem muitas formas de vivenciar estas condições. Ao nível mundial, a pobreza não tem cor e nem fronteira, submetendo-se aos números. Porém, de um continente para outro, apresenta fisionomias bem diferentes. Por exemplo: um pobre africano é bem diferente do pobre europeu. A segunda corrente focaliza além de materiais e do estado mental.

As condições de vida da maior parte da população de Kinshasa

---

<sup>20</sup> [www.statbel.fgov.be/press/pr030 fr.asp](http://www.statbel.fgov.be/press/pr030_fr.asp), acessado em dia 10.09.2005

<sup>21</sup> Idem

correspondem ao conteúdo das definições de pobreza acima citadas. A realidade socioeconômica de Kinshasa é dramática; pois, para muitas famílias, a alimentação constitui-se no seu principal e único objetivo. Ao nosso ver, trata-se, assim, de uma verdadeira miséria. Mas, para não encher este trabalho com uma gama de conceitos, nos limitaremos a utilizar o da pobreza. Para Majid Rahnema<sup>22</sup>:

*“O maior obstáculo no exame da pobreza é o fato da palavra nunca ter tido o mesmo significado para todos. Mas, o conceito é uma construção social e é impossível defini-lo de forma universal. Para o povo Tswana na República Sul Africana, os pobres diferenciam-se dos ricos pelas suas reações ao surgirem os gafanhotos. Os primeiros alegram-se com a sua chegada, porque deles alimentam-se, e os ricos os detestam, porque comem as plantas que alimentam o gado”.*

Este autor reconhece três tipos de pobreza:

-Pobreza convivial: presente nas sociedades vernáculas, cuja aparência é de um mundo simples, uma vida simples quase primitiva. Nestas sociedades, os hábitos são desenvolvidos localmente, nada vem de fora e as atividades econômicas são orientadas principalmente para a satisfação das necessidades da comunidade e ,não, para a busca de lucro.

-Pobreza voluntária: também presente nas sociedades vernáculas. Nesta categoria, busca-se a riqueza e uma vida longe da dependência material. Nestas circunstâncias, o verbo ser vale mais do que o verbo ter.

-Pobreza da era moderna: resulta diretamente das rupturas causadas pela instauração da modernidade. Encarna as contradições que decorrem da multiplicação das necessidades com finalidade puramente lucrativa, apesar das promessas de transformar a escassez em abundância. Na modernidade, a organização da produção revela duas faces:

---

<sup>22</sup> Majid RAHNEMA, embaixador e ministro iraniano nas Nações Unidas. Conferencia realizada na Orford no Canadá, em 18.10.2003.

Na primeira, apresenta-se como a criação indiscutível de abundância, sem precedentes, de bens e serviços. Na segunda, surge a escassez propositalmente construída. Esta escassez produzida, bem diferente da escassez natural, é hoje a principal causa da pobreza.

No Congo, alguns autores citam a pobreza sob o aspecto monetário (renda por habitante), outros citam a pobreza sob o aspecto humano (níveis vitais). Outros, ainda, recorrem às necessidades básicas para indicar a pobreza. Os leigos também têm sua forma de definir a pobreza, segundo seus pontos de vista. Para as igrejas evangélicas, por exemplo, o pobre é aquele que ainda não se converteu a Jesus Cristo.

A República Democrática do Congo não tem dados confiáveis sobre o volume e as características da população menos favorecida e até mesmo, sobre as condições de vida das famílias. O país não dispõe, assim, de estatísticas atualizadas sobre a pobreza. Durante o nosso trabalho de campo, entramos em contato com vários órgãos que poderiam nos ajudar na obtenção de informações. Infelizmente, não foi possível obter os dados que precisávamos. Um dos programas do governo, denominado de Document de Stratégie de Reduction de la Pauvreté (DSRP), enfrenta, no momento, as mesmas dificuldades na obtenção da informação.

As estatísticas disponíveis decorrem de algumas pesquisas realizadas na segunda metade dos anos 1980, principalmente sobre o orçamento familiar, envolvendo as cidades de Kinshasa, Lubumbashi, Kinsangani e Bandundu. Mesmo assim, estes dados são muito antigos e não são expressivos, por causa da rápida deterioração das condições de vida. Até porque os acontecimentos dos últimos 20 anos foram eventos tristes, mas ricos em histórias, deixaram conseqüências profundamente negativas em todas as áreas do país. Este período foi marcado por mudanças, que fizeram com que a já frágil e dependente economia do Congo regressasse de forma assustador.

### 1.3 Pobreza e seus indicadores em Kinshasa

Utilizaremos, neste item, alguns dados do Banco Central do Congo, da UNICEF, do PNUD, dos Ministérios da Saúde, de Desenvolvimento Social, do Planejamento e do Comércio. A análise destes dados permite reconhecer uma situação de penúria generalizada. Por exemplo, em 2001, o PIB/Hab era estimado a U\$ 74 e a renda diária por habitante era de U\$ 1.31, em 1973; em 1974, era de U\$ 0,91, e, em 1998, de U\$ 0,30. A economia do país encontra-se num estado avançado de deterioração, que tende a generalizar-se. Desta forma, a renda média dos congolezes situa-se abaixo do nível da pobreza absoluta, segundo relatórios da ONU<sup>23</sup>.

Pesquisa realizada pelo Institut National de Statistiques (INS), em 1985, revelou que a pobreza atingia indistintamente todas as classes sociais: aproximadamente 74% de famílias pobres. Os números muito elevados permitem caracterizar a pobreza na República Democrática do Congo como um fenômeno de massa, que atinge todo o território nacional.

Apesar da pobreza envolver toda a pirâmide social, existem desigualdades aberrantes no próprio território nacional, como, por exemplo, o PIB/Hab era de U\$ 322,9 em Kinshasa, em 1999, enquanto que na província do Equador era de apenas U\$ 25,3. As mulheres também são mais afetadas pela pobreza do que os homens. Como é difícil neste momento estimar o nível da pobreza no universo feminino, utilizamos os dados de uma pesquisa sobre a violência sofrida por mulheres e meninas (abril 1999). Esta pesquisa mostra que, em média, 44% das mulheres contra 22 % de homens não tinham qualquer tipo de renda, quer dizer, eram incapazes de satisfazer pessoalmente as suas necessidades.<sup>24</sup>

Apresentamos a seguir, na Tabela 4, dados gerais sobre a pobreza no Congo.

---

<sup>23</sup> Système des Nations Unies, RDC: Bilan Commun de Pays, Kinshasa, mai 2001.

<sup>24</sup> Profil PNUD(1998), Ministère de la Santé(2000) Plan Directeur de Développement Sanitaire 2000-2009. MICS II :Enquête UNICEF(2001)(données provisoires).\_K.Ntalaja (2001). Households Food Security and Poverty Assessment in the Democratic Republic of the Congo. PAM/USAID. Kinshasa, mai 1999.

Tabela 4. Alguns indicadores de pobreza na República Democrática do Congo em 2001 (idem).

<u>1.Pobreza Monetária</u>	
1.1 PIB/hab em (2001)	U\$ 74,00
1.2 Incidência (estimativa em 2001)	83,6%
1.3 Severidade (estimativa em 2001)	0,51
<u>2.Alimentação</u>	
2.1 Kcal/Hab por dia (1999);	1.836
2.2. Insuficiência ponderal (<1 ano) (1998):	10,7
2.3 Insuficiência ponderal (altura/idade) (< 5 anos) (2001)	38,2
<u>3.Saúde</u>	
3.1 Expectativa de vida ao nascer (1999):	50,0
3.2 Morte precoce (1999).	30,1
3.4 Taxa de mortalidade materna para 100.000 nascimentos (1999):	1289
3.5 Taxa de mortalidade infantil (1000) (2001):	129,0
<u>4.Saúde reprodutiva</u>	
4.1 Taxa de cobertura de cuidados pré-natais (2000)	68,2%
4.3 Taxa de cobertura de partos assistidos (2001)	60,7%
4.3 Uso regular de contraceptivos (2001)	31,4%
<u>5HIV/SIDA</u>	
5.1 Incidência HIV/SIDA (2000)	5,07%
5.2 Uso de preservativos (2000)	2,3%
<u>6.Educação( 2001)</u>	
6.1 Taxa de alfabetização	65,3%
6.2 Taxa de alfabetização de homens	79,8%
6.3 Taxa de alfabetização de mulheres	51,9%
6.4 Taxa de escolarização primária (integral)	51,6%
<u>7.Ambiente social</u>	
7.1 Taxa de acesso à água potável (2001)	26,1%
7.2 Taxa de uso instalações higiênicas(2001)	46,0%

7.3Moradias com canalização de esgoto coleta de lixo (2001)	42,2%
8.Índice de pobreza humana;	0,39.

Fonte: PNUD, Ministère de la Santé , Plan Directeur de Developpement de la Santé et UNICEF.

Os dados da Tabela 4 fornecem alguns indicadores da pobreza no país e revelam a dramaticidade deste fenômeno. Não é segredo para ninguém que a pobreza é nos dias atuais o (des) serviço social mais democrático da República Democrática do Congo, isto é, afeta a todos; mas, com mais severidade, para as mulheres e crianças. Segundo o Banco Mundial, a renda mínima para a sobrevivência é de U\$ 2,00 por dia, enquanto que em Kinshasa esta renda é de somente U\$ 0,85. O calculo da taxa de mortalidade infantil, um forte e expressivo indicador das condições de vida, demonstra que, em 2001, de 1000 crianças nascidas vivas, 129 morreram antes de completar um ano, enquanto que a taxa de mortalidade materna era de quase de 1300 por 100.000 gestantes. Quanto à instrução, também as mulheres são as mais prejudicadas. Enquanto os homens apresentam uma taxa de alfabetização de 79,8% , o percentual correspondente às mulheres é de 51,9%.Como consideramos que a pobreza torna-se mais grave quando também é espiritual, enfatizamos, neste momento, a gravidade dos riscos que ameaçam a população feminina e a infância no Congo.

#### 1.4. Serviços básicos e planos de vida.

##### 1.4.1. Saúde

Grande parte das instituições hospitalares está atualmente abandonada. A estimativa de cobertura dos serviços de saúde indica que aproximadamente 37% da população não têm acesso a atendimento médico. A taxa mais elevada de mortalidade é observada entre os mais pobres e vulneráveis, que são: as populações rurais e suburbanas; as mulheres em idade reprodutiva e as crianças de menos de 5 anos. A elevada mortalidade decorre da deterioração

de todos os indicadores de saúde; esperança de vida ao nascer; desnutrição; incidência de AIDS. Os partos não assistidos representam entre 65 e 85% do total, sendo uma das causas da elevada mortalidade materna. A taxa de mortalidade infantil, para crianças com menos de 5 anos, atingia 213 por 1000 crianças em 1998<sup>25</sup>. Convém acentuar, ainda, que a crescente mortalidade materna, no período 1998-2001, foi motivada pela guerra no Leste do país e pela destruição da pequena infra-estrutura hospitalar.

Quanto à saúde convém acrescentar que a taxa de infestados pelo vírus de AIDS em 1999, segundo dados da USAID (2000), era de 5,07%, fazendo com que, anualmente, mais de 300.000 pessoas morram desta doença. Deste total, 80% têm entre 15 e 45 anos. Em 1999, estimava-se em 8% a percentagem de mulheres grávidas infectadas. Esta percentagem cresceu rapidamente nas zonas dos conflitos no Leste do país. Por este motivo, a esperança de vida estimada, que era de 52,4 anos em 1994, pode situar-se em 50,8 anos, em 1997, segundo os dados do Ministério de Saúde. Conforme relatórios de centros de vigilância sanitária de algumas cidades, como Matadi (capital da província do Baixo Congo) e Lubumbashi (capital da província de Katanga), indicam que o número das pessoas infectadas dobrou entre 1997 e 1999: de 5,1% para 10% e de 4,8% para 8,6%.<sup>26</sup>

Estas taxas explicam-se, em parte, pelo fato de que na cidade de Matadi encontra-se o maior porto do país, que é a porta de entrada e de saída, via marítima. As entradas e saídas não são monitoradas de forma rígida pelas autoridades locais. Já Lubumbashi, a segunda maior cidade do país, em termos demográficos, hoje com um volume estimado de 1.425.000 de habitantes, recebeu muitos refugiados vindos da zona de conflito no Leste do Congo. Esta cidade também é a porta de entrada e de saída, por via terrestre, para os países sul africanos, onde a incidência da AIDS é extremamente elevada.

---

<sup>25</sup> Relatório do Enquête MICS2(Enquête Nationale sur La situation Des enfants et Des Femmes) sur la situation des enfants et des femmes en RDC, janvier 2002 ( données provisoires).

<sup>26</sup> Relatório do Ministério de Saúde da República Democrática do Congo e USAID em 2000.

A Organização das Nações Unidas para a AIDS (ONUSIDA) estima que aproximadamente 90% dos soropositivos não conhecem o seu estado de saúde. Alguns recusam o teste, seja porque o seu custo (U\$ 10) não está ao seu alcance seja porque preferem ignorar a doença. Quanto à malária, relatórios divulgados em 2000, pelo Ministério de Saúde, mostraram que, das 12 doenças sob vigilância das autoridades sanitárias, a malária é a principal responsável por riscos de epidemia: 92,3% das consultas médicas registradas e 52,4% dos casos que resultaram em morte (mortes registradas).<sup>27</sup>

Imagem 1. Grande vitima da pobreza



Criança, a grande vitima da guerra da malária e de outras patologias.

Fonte: *La Mission d'observateurs des Nations Unies au Congo (La Monuc)*, acessado no dia 20.04.2006.

A elevada incidência da malária em toda a cidade de Kinshasa deve-se, também, à falta de saneamento básico. Em muitas comunas, encontramos grande quantidade de lixo nas ruas. Até em comunas nobres da cidade, a limpeza, que é de responsabilidade da autoridade local, não tem sido realizada corretamente pela autoridade local. A seguinte frase expressa a indignação da

---

<sup>27</sup> Relatório da Epidémiologique Annuel des Maladies à potentialité épidémique sous la surveillance en RDC, publié en mai 2001.

população: “Kin, la belle est devenue Kin la poubelle.”<sup>28</sup>

A tuberculose também atormenta a população, figurando na lista das doenças infecciosas que mais matam na República Democrática do Congo, atingindo sobretudo adultos, empobrecendo as famílias e o país. A AIDS e os conflitos armados aumentaram os casos de tuberculose. Com efeito, 30% a 50% dos casos de tuberculose têm como causa principal o vírus de AIDS. Por isso, as recaídas ou as crises são constantes. Segundo dados disponíveis, 40% das mortes de infectados por AIDS são atribuíveis à tuberculose.

Da mesma forma, é crescente a taxa de prevalência do vírus da AIDS. São ainda escassos os meios disponíveis para melhorar as formas de atendimento e de prevenção da doença. Em 2001, o uso de contraceptivos chegava a 31,4% da população em idade reprodutiva<sup>29</sup>. A campanha de sensibilização e de conscientização da população é muito fraca, se comparamos com a velocidade com que cresce esta epidemia no território congolês. Ao nosso modo de ver, a campanha de prevenção deveria diversificar os veículos de comunicação utilizados na sensibilização da população. Constatamos, no trabalho de campo, que os veículos mais poderosos para este fim não estão sendo usados de forma eficaz. A campanha deveria ser “violenta” Já que o crescimento desta doença é galopante.

As mulheres, novamente, são vulneráveis do que os homens à contaminação pelo vírus da AIDS, como indica a Tabela 5, a seguir. De fato, segundo esta, mais da metade dos casos de AIDS corresponde à população feminina na cidade de Kinshasa.

Tabela 5: Incidência de AIDS por faixa etária e por sexo - Kinshasa-2001.

Faixa etária	Masculino	Feminino
--------------	-----------	----------

<sup>28</sup> Kinshasa deixou de ser a bela cidade para tornar-se lata de lixo ».

<sup>29</sup> Relatório da Epidémiologie Annuel des Maladies à potentialité épidémique sous la surveillance en RDC, publié en mai 2001.

00-04	8	10
05-09	2	4
10-14	2	3
15-19	2	5
20-29	9	16
30-39	11	12
40-49	7	6

Fonte: Ministère de la Santé, an 2002.

Além da falta de campanhas eficientes, há fatores culturais, como a poligamia, que explicam a incidência de AIDS na população de Kinshasa. A poligamia, que não é permitida por lei, é mais freqüente nas áreas rurais, onde a influência da cultura tradicional é mais forte. Já nas cidades, esta prática vem perdendo a sua força, em decorrência das próprias condições de vida urbana.

Numa cultura onde a prática de poligamia ainda é predominante, o homem monogâmico acaba abusando deste “pseudoprivilégio” para chantagear a sua esposa tornando-a mais submissa, abrindo caminho para abusar sexual e moral. Esta mulher vive aprisionada, já que a cultura congoleza ainda é muito resistente ao divórcio. Uma mulher divorciada tem vergonha de assumir o divórcio. Por isso, custa o que custar quer manter seu casamento, apesar de abusos e inconvenientes que pode trazer. Nesta sociedade, o celibato, a mãe solteira e o divórcio de mulheres ainda são reprovados e condenados.

#### **1.4.2 Meio Ambiente**

A população congoleza, castigada por seus múltiplos problemas, exerce pressão crescente e devastadora sobre os ecossistemas naturais. A situação é mais dramática na parte Leste do país, onde, em 1994, refugiaram-se quase dois milhões de ruandeses e burundises, vítimas da guerra civil que devastou os seus países. Este deslocamento provocou o desflorestamento e a destruição de fauna e dos maiores parques situados nesta região da República

Democrática do Congo. A caça cresce, envolvendo até de animais raríssimos (ocapi). Comerciantes e traficantes de peles de animais, marfins e ossadas de animais intensificam suas atividades, que envolvem tráfico de produtos utilizados na fitoterapia e outras plantas típicas dos ecossistemas nacionais.

As florestas congolezas recebem o impacto de uma variedade de atividades exercidas pelas populações locais. Estas atividades constituem a sua única fonte de renda. São estas atividades que garantem o acesso a produtos alimentícios e comerciais indispensáveis à sobrevivência. Estas atividades são: extração de madeira; de plantas comestíveis e medicinais, de resinas e raízes. As florestas também são atingidas por queimadas, pela agricultura, pela caça tradicional, pela exploração incontrolada de minérios e por loteamentos para o crescimento urbanístico.

Estas formas de exploração comprometem as faculdades autogeneradoras e autopurificadoras dos ecossistemas, causando danos irreparáveis a espécies vegetais e animais. Como disse Florentin Kage Mwanzita, presidente do Comitê Profissional Industrial de Madeira, em conferência realizada em Kinshasa no dia 15.06.2006:

*“A floresta congoleza enfrenta graves problemas. Existem cinco categorias de agentes exploradores deste patrimônio, que são: os camponeses; os que recorrem a empréstimos para negociar com os chefes tribais explorando pequenos espaços sem o uso de técnicas apropriadas; os que produzem o carvão e a lenha para necessidades domésticas; os agricultores que fazem da queimada a forma de fertilização das terras e os que têm grandes capitais fornecidos pelos bancos e que fundam verdadeiras empresas, empregando mão-de-obra qualificada, fazendo muito dinheiro com este patrimônio”.<sup>30</sup> (tradução nossa).*

### **1.4.3 Gênero**

São muitas as dificuldades de acesso à educação para ambos os sexos.

---

<sup>30</sup> FLORENTIN, Kage Mwanzita, president du Comitê Professionnel Industriel du Bois, numa conferência realizada em Kinshasa, no dia 15.06.2006.

Acrescenta-se a isto, o abandono da escola por adolescentes, em decorrência de gravidez, de casamento precoce e da tradição de algumas tribos de não privilegiarem a escolaridade de meninas. A taxa de escolaridade é muito baixa para o sexo feminino, enquanto que a escolarização dos meninos tende a crescer: Em 1995, a taxa de matriculados na rede escolar era de 61% para meninas contra 67% para meninos. Já em 1998, por causa da guerra que atingia a maior parte do país, muitas crianças transformaram-se em soldados, provocando a queda da taxa de escolaridade neste período: 32,3% para meninas contra 49,7% para meninos.

A queda acentuada da escolaridade feminina justifica-se pela violência sofrida pelas mulheres durante a guerra, como comprovou Olivier Lanotte<sup>31</sup>:

*“Como na antiga Iugoslávia, os beligerantes faziam do estupro uma arma de guerra. Numerosos testemunhos colhidos pela Human Rights Watch (HRW) afirmam que grupos armados hutu recorreram sistematicamente à técnica da violência sexual para aterrorizar civis, em particular os que participavam das forças civis de autodefesa(...). Também é eloqüente, o testemunho, reproduzido pelo autor, de uma mulher da cidadezinha de Cizenga, violentada em 1999: “Alguém me chamou. Eu estava com meu bebe no colo. O cara que me chamou, me disse para colocar a criança no chão e me obrigou a deitar no chão. Eu recusei, fui obrigada a pedir perdão, me ajoelhar e suplicar, e o cara me perdoou e foi embora. Mas, o que veio logo em seguida era menos compreensivo. Ele me violentou. Foi um desastre. Foi desumano. Ele jogou meu filho no chão. Eu gritei, e o homem apertou meu pescoço. Ele ameaçou matar meu filho com seu fuzil. Eu quis lutar para me salvar do estupro, mas não tinha tanta força para resistir. Meu filho de três anos estava ao meu lado. Após uma hora, ele foi embora. Eu pude levantar. Eu tinha vergonha de toda minha família. (...) Aquela noite, muitas mulheres foram estupradas. Em cada lar ou família, uma mulher. O número pode chegar a 200 mulheres no total. Mas, grande parte das mulheres tem vergonha de falar qualquer coisa acerca disto”. (op cit pág.123).*

---

<sup>31</sup> Olivier Lanotte. République Democratique du Congo, Guerres sans frontieres, Editions GRIP, pág. 122, 2003, Bruxelas.

## **Imagem 2. Refugiados de guerra**



As vítimas da guerra e da pobreza na República Democrática do Congo.

*Fonte: La Monuc (La Mission d'observateurs des Nations Unies au Congo), acessado no dia 20.04.2006.*

Em 1995, a taxa de analfabetismo entre as mulheres era de 45,9% contra 17,5% entre os homens<sup>32</sup>. A principal causa de pobreza das mulheres é a falta de oportunidades de trabalho. Com nível baixo de escolaridade, só contam com a sua capacidade física para enfrentar, simultaneamente, o mercado de trabalho e a condição de mãe e esposa. A pobreza de grande parte das mulheres congoleesas tem ainda outra explicação: a fraca produtividade de seu trabalho, devida a dificuldades no acesso a fatores de produção: terra, formação profissional e crédito.

Outra dificuldade está ligada à própria legislação congoleesa. Há um dispositivo jurídico que consagra a incapacidade da mulher casada no exercício de atividades econômicas. Esta mulher só pode trabalhar com prévia autorização do marido. Foi estabelecido, também, que apenas uma pequena

<sup>32</sup> BARY Abdoul Kader. *Problematique de la pauvreté au Zaïre, In* "plan d'action pour la reinsertion socio-économique des groupes vulnérables au Zaïre, pp. 10-12, Kinshasa, mai 1996.

minoria das mulheres, (10% das mulheres congolezas) têm o direito de gerir seus bens<sup>33</sup>. Nas regiões rurais, a mulher assume 75% da produção alimentar, sendo responsável pela estocagem e pela transformação dos produtos agrícolas em alimentos essenciais à sobrevivência da família. Esta mulher ainda comercializa 60% da produção; porém, muitas vezes não tem direito à renda assim obtida, que pertence ao marido.

A dependência econômica da mulher é uma das causas da violência doméstica. A violência sexual, o maltrato, as injúrias, a opressão física e as humilhações cotidianas são comuns. Os tipos de violência, infringidos às mulheres e meninas são: insultos, prostituição, dote não pago e práticas tradicionais como: incisão, casamento forçado, casamento precoce, casamento da viúva com um dos irmãos do falecido marido.

Não podemos deixar de destacar a violência sexual, sofrida por mulheres e meninas, nos cinco anos da guerra de agressão; uma guerra que deixou um legado de traumas físicos e mentais em milhares de mulheres. Todos os países (Ruanda, Burundi e Uganda) que invadiram a República Democrática do Congo apresentam elevada incidência de pessoas com AIDS, o que preocupa a sociedade congoleza. Segundo Olivier Lanotte<sup>34</sup>:

*“Em muitos relatórios desta guerra sofrida pela República Democrática do Congo, há queixas de violência sexual, de matança, de atos tortura e denúncias de enterro de mulheres vivas. Assim, no distrito de Kilambo, na província de Kivu, que estava sob o comando de Frank Kasereka, cinco mulheres, acusadas de bruxaria, foram torturadas sexualmente, agredidas moral e fisicamente, antes de serem enterradas vivas, perante um grande público impotente, que ocorreu para verificar se, entre as vítimas, não estavam a mãe ou a irmã”. (tradução nossa)*

Com o país numa crise socioeconômica sem precedentes, as meninas começam a se prostituir cedo, sem prévia educação sexual, já que a

---

<sup>33</sup> Relatório do Ministère des Affaires Sociales, UNICEF, Situation des lois coutumières et des droits des femmes en RDC, avril 1999.

<sup>34</sup> Olivier Lanotte. République Democratique du Congo, Guerres sans frontieres, Editions GRIP, pág. 123, 2003, Bruxelles.

sexualidade ainda é um assunto tabu no âmbito familiar. Estas meninas, por inexperiência, acabam engravidando nas suas primeiras experiências sexuais, gerando um outro problema freqüente nesta sociedade; "a criança bastarda". As famílias congoleesas não aceitam esta criança como legítima, porque nascida fora do casamento. Esta criança nascida de um namoro ou do concubinato enfrentará sérias dificuldades em sua inserção na sociedade congoleesa. A mãe também tende a ser rejeitada pela própria família, por não ter honrado os seus valores culturais. A jovem, que se tornou cedo mãe, dificilmente conseguirá um marido no futuro. Na maioria dos casos, continuará mãe-solteira para o resto da vida. Não tendo estudo, porque engravidou cedo, vê seu filho ser rejeitado. Esta mãe-adolescente e seu filho acabam alongando a fila dos pobres da cidade.

Em Kinshasa, as diferenças entre gêneros também são gritantes. Entretanto, apesar dos preconceitos, a mulher, muitas vezes é responsável pela manutenção da família. Os dados da Tabela 6, a seguir, mostram a distribuição dos chefes de famílias em % de acordo com o nível de instrução.

Tabela 6: Distribuição dos chefes de família segundo o grau de instrução – Kinshasa-2001.

Nível de estudos	Chefes de famílias %	
	Homens	Mulheres
Analfabeto	05,32	09,72
Alfabetizado	09,57	15,28
Com nível primário	31,91	20,83
Com nível secundário	48,94	52,78
Com superior	04,26	01,39
Total	100	100

Fonte: Programme National pour la Promotion de la Femme Congolaise à Kinshasa-2001

Apesar das desigualdades, as mulheres congoleesas têm batalhado para conquistar seu espaço, sobretudo na cidade de Kinshasa. Os dados acima

mostram que as mulheres desta cidade com segundo grau completo formam a maioria na posição de chefes de família. Isso é muito positivo para a sociedade, já que as mulheres escolarizadas incentivam o crescimento educacional de seus filhos do que os homens. Basta lembrar, neste sentido, um famoso ditado na sociedade congoleza: "Eduquer une femme, c'est éduquer toute une nation".<sup>35</sup>

#### 1.4.4 Nutrição

Também a desnutrição constitui-se num grande problema de saúde pública no Congo. Em novembro de 2000, o Programme d'Alimentation Mondiale (PAM) estimou que 16 milhões de pessoas, ou seja, 33% da população tinham carências alimentares sérias, em decorrência de deslocamentos obrigatórios, o isolamento, a falta de alimentos no mercado, a destruição de vias de acesso aos lugares de produção, a inflação, a guerra, o atraso do salário, a falta de segurança e o desemprego. Nos territórios ocupados durante a guerra (1998-2003), a taxa global de desnutrição das crianças de menos de 5 anos atingia 41% do total e, a de desnutrição grave, 25,79% .<sup>36</sup>

Ainda uma pesquisa realizada em abril de 1999 na cidade de Kinshasa encontrou uma taxa de desnutrição gravíssima de 2,1%, atingindo 25.000 crianças com menos de 5 anos num universo de 1.200.000, enquanto que a taxa de desnutrição crônica severa era de 13%( op cit.pág.4). A saúde pública no Congo reflete, sem dúvida, a gravíssima situação econômica já antes descrita, que destrói as oportunidades de trabalho.

#### 1.4.5 Emprego

Em 2000, o mercado formal de trabalho incorporava 2 % da população total; 4% da população economicamente ativa e 8% da população

---

<sup>35</sup>Educar uma mulher é educar toda uma nação

<sup>36</sup>Relatório do Programme d'Alimentation Mondiale (PMA), Profil et Determinants de la Pauvreté En RDC, 2000, pág.4.

economicamente ativa (PEA) do sexo masculino contra, respectivamente, 8%, 18% e 35% em 1958. A crise socioeconômica dos anos 1990 e os conflitos armados agravaram uma tendência histórica negativa, até chegar ao ponto em que a falta de emprego e de formação profissional passou a constituir as causas principais de situação social extremamente difícil. A consequência disso é o agravamento da pobreza e o aumento da vulnerabilidade e o desemprego no país.<sup>37</sup>

A economia do país é dominada pelas atividades do setor informal, enquanto que o setor formal caracteriza-se pelos salários irrisórios e falta de oportunidades. Este setor não cria oportunidades de emprego e quando cria, os salários são muito baixos. De fato, as condições de trabalho são desumanas, até mesmo no setor público, onde o salário médio mensal é de U\$ 20. No setor informal, na ausência de uma legislação apropriada e de uma política salarial coerente, paga-se o que se deseja aos empregados, já que os salários são apenas convencionais; mas, mesmo assim, o ganho ainda é, em geral, superior ao obtido no setor formal. O ganho médio no setor informal, segundo relatos obtidos no trabalho de campo, é de U\$ 250 a 300.

#### **1.4.6 Habitação.**

A crise do trabalho atinge, diretamente, as condições urbanas de vida, como permite reconhecer a questão da habitação. O déficit habitacional é muito elevado no Congo, tanto nas cidades como no campo. A questão habitacional é outro indicador da pobreza neste país. Na pesquisa realizada pela Enquête Nationale sur l'Habitat et Profil Sócio-Economique (ENHAPSE), em 1999, foi constada a extrema gravidade da carência habitacional em todas as cidades da República Democrática do Congo, envolvendo; promiscuidade, insalubridade, instalações inadequadas e impróprias, propensas a muitos tipos de acidentes.<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> Relatório do Banque Centrale du Congo, Evolution Economique, financière et monétaire récente, janvier 2002, pág.1.

<sup>38</sup> Relatório do Ministère du Plan /PNUD, Profil et de Commerce.Pauvreté et Dynamique en RDC:Niveaux et Tendances , Kinshasa, 1999, RDC-PNUD, Rapport sur le Developpement humain 2000.pág.5

Há problemas sérios relacionados à água encanada, ao esgoto, à luz e à coleta de lixo. Nas áreas rurais, as moradias são construídas com a técnica tradicional, o que as torna frágeis e de tamanho reduzido, com péssimas condições higiênicas. Os resultados provisórios de uma pesquisa realizada por MICS2 em 2001 revelaram que o esgoto só existia em 9,1% do total de habitações, enquanto que a coleta de lixo atingia 42,2% do total no mesmo ano.<sup>39</sup>

#### **1.4.7 Abastecimento de água potável e energia elétrica**

A população urbana encontra dificuldades no abastecimento de água e de energia elétrica. A UNICEF estimou que, para todo o território congolês, apenas 45% da população têm acesso à água potável. Já nas áreas rurais, estimava-se que este acesso ocorre em menos de 26% das moradias. Na cidade de Kinshasa, estima-se um déficit de quase 40% das moradias no que concerne o abastecimento de água potável<sup>40</sup>. Além disto, o fornecimento de água e luz é muito irregular. Esta irregularidade tem, como principal causa, a antiguidade das redes que, em alguns casos, datam do período colonial.

Esta precariedade tem uma explicação. O nível da pobreza não permite a um número significativo de famílias arcar com as despesas com água e luz elétrica. Assim, estas famílias não pagam mais por estes serviços, não apenas pela falta de dinheiro; mas, também, pela revolta gerada pelo descaso dos governantes. A falta de pagamento prejudica as empresas estatais que prestam estes serviços, impedindo assim, o seu funcionamento normal.

Quanto ao fornecimento de luz elétrica, observamos durante o trabalho de campo, grande irregularidade no fornecimento deste serviço. Em algumas comunas, contar com este serviço por 24 horas ao dia é raro, sobretudo nas comunas populares. Já nas comunas da classe média, a falta de energia é excepcional. Quando acontece, decorre de algum fato de força maior, e por

---

<sup>39</sup>Relatório da Enquête MICS2 sur la situation des enfants et des femmes en République Démocratique du Congo, janvier 2002 ( données provisoires).

<sup>40</sup>Relatório do Ministère des Affaires Sociales, UNICEF, situation des lois coutumières et des droits des femmes au Congo, avril de 2001.

pouco tempo, depois se normaliza. Segundo a Société Nationale d'Electricité (SNEL), estas comunas, bem abastecidas, foram beneficiadas por continua renovação da rede de fornecimento.

#### **1.4.8 Crescimento recente da pobreza urbana.**

A crise que afeta o país desde os anos 1970, o fracasso dos programas de estabilização monetária e de ajuste estrutural dos anos 1980, os dois períodos de pilhagens dos anos 1990 e, também, as guerras de 1996 e de 1998, com os deslocamentos em massa de populações para os grandes centros, têm modificado a fisionomia da pobreza urbana. Os índices da pobreza, em províncias recentemente estudadas, foram estimados em 75% da população total. Contrariamente à situação dos anos 1980, as cidades antes mais ricas do Congo enfrentam a pobreza com especial rigor: Kinshasa tem hoje uma renda média de U\$ 0,85 por habitante / dia e Lubumbashi de U\$ 1,06. Estas cidades são atualmente mais pobres do que Mbuji-Mayi, com U\$ 2,25 por habitante / dia, Boma, com U\$ 1,18 por habitante / dia e Matadi, com U\$ 1,15 por habitante / dia<sup>41</sup>.

A falta de transportes públicos e de boas estradas aumenta a precariedade da vida coletiva. A concentração e centralização em Kinshasa especialmente das atividades econômicas e sócio-políticas, principalmente em seu centro da cidade (comuna de Gombe), obrigam a população a enfrentar deslocamentos de longas distâncias. Repetem-se cenas dramáticas, oriundas da luta por transporte. Kombis e vans que têm normalmente capacidade para transportar 14 a 16 passageiros, chegam a transportar o dobro nos horários de maior fluxo.

### **Imagem 3. Transporte público em Kinshasa**

---

<sup>41</sup> Relatório do Ministère du Plan et de Commerce. Pauvreté et dynamique communautaire: Kinshasa, provisoire, Kinshasa, février 2000.



As condições e o funcionamento do transporte público em Kinshasa.

Fonte: Foto Mukenge Shay, de dia 25.06.2006.

Neste capítulo, procuramos reunir o máximo possível de informações sobre a história recente da República Democrática do Congo, o estado da sua rede urbana e, particularmente, os desafios enfrentados na luta pela sobrevivência em Kinshasa.

## Capítulo 2. Características atuais do cenário mundial

No plano mundial, a década de 90 foi marcada pelo acirramento da crise social, em decorrência do desemprego provocado pela incorporação de técnicas e de formas organizacionais que liberam mão-de-obra na indústria e nos serviços. Além disso, a privatização de empresas públicas contribuiu para a emergência de um desempregado com até alto nível de escolaridade. Estes processos tiveram conseqüências mais nefastas nos países subdesenvolvidos. Nestas circunstâncias, agrava-se a situação enfrentada pela frágil economia congoleza, que não consegue competir até mesmo com o dinamismo econômico alcançado por países subdesenvolvidos.

Com o fim da guerra fria e automaticamente o termino da bipolarização, o desenvolvimento do capitalismo tornou-se simultâneo com o aumento da racionalização da vida social. As mais diversas esferas da vida social têm sido submetidas à calculabilidade e organizadas por critérios que visam a eficácia e a produtividade. Como o mercado, a empresa, a cidade, o Estado e o direito têm sido submetidos à lucratividade. A rigor, o desenvolvimento das ciências, traduzido em tecnologia, condiciona e permite a afirmação de um vasto e complexo processo de racionalização do mundo.

A administração das coisas, gentes e idéias, o calculo do deve-e-haver, a definição jurídica das responsabilidades, a codificação do que é privado e do que é público passam a construir, cada vez mais, a trama das relações sociais. A racionalidade gerada com o mercado, a empresa, a cidade, o Estado e o direito tende a organizar progressivamente os mais diversos tipos de relações sociais: da fabrica à escola, do governo à família, dos sindicatos aos partidos políticos, dos movimentos sociais às correntes de opinião pública e até as igrejas. Aos poucos, tudo se burocratiza segundo um padrão racional legal.

As multinacionais impõem, com crescente eficácia, a sua própria estratégia: planejam os investimentos e a sua distribuição espacial e, impõem a regulamentação que desejam aos países periféricos. Atualmente, a

globalização encurralou as administrações nacionais em matéria de política econômica e financeira. A República Democrática do Congo é uma das grandes vítimas desta nova conjuntura. Já que tem sido enfraquecida a capacidade dos governos de definirem os termos de seu próprio dinamismo macroeconômico.

A história da modernidade pode ser apreendida como uma história de sistemas coloniais e imperialistas. As nações mais poderosas, em cada época, formam colônias, protetorados ou territórios em conformidade com suas estratégias geoeconômicas e geopolíticas, como demonstra a história do Congo durante os 75 anos da colonização belga. As guerras, as diversas transformações sóciopolíticas e econômicas, os conflitos e as revoluções povoam largamente essa história, revelando tensões que se desdobram no jogo das forças sociais tanto nas metrópoles, como nas colônias e, ainda, nos enclaves instalados nos países dependentes.

Desde o início dos anos 70, o mundo conheceu grandes transformações, provocadas pelo processo de globalização da economia ou, como prefere Chesnais (1996), a mundialização do capital. A reestruturação produtiva, o neoliberalismo e a globalização são os determinantes do atual processo de exclusão e, ainda, responsáveis pelas crises sociais. Estas transformações começaram a ser mais sentidas no Congo na segunda metade dos anos 1980, com o acirramento da crise socioeconômica. Como afirma Chesnais:

*“Contrariamente ao que o termo parece sugerir, a globalização não significa a integração cada vez maior do conjunto dos países à economia mundial. Ao contrário, tudo se passa cada vez mais no interior da Tríade (EUA, Europa e Japão). Há uma polarização internacional que aprofunda brutalmente a distância entre os países situados no âmago do oligopólio mundial e os países da periferia. Estes não são mais apenas os países subordinados, reservas de matérias primas, que sofrem os efeitos conjuntos da dominação política e do intercâmbio desigual, como na época clássica do imperialismo. Apenas, estes países não apresentam mais interesse, nem econômico e nem estratégico. Cresce a desigualdade entre os países, entre o Norte e o Sul, e dentro dos próprios países, tanto os emergentes quanto os do primeiro mundo, onde uma pobreza nova surge e se desenvolve a passos rápidos, sendo o desemprego a*

*sua face mais visível. (Chesnais, 1996:37-39,313)<sup>42</sup>*

Com o fim da bipolarização, os antigos aliados ocidentais desinteressaram-se do Congo e de outros países africanos. A segurança e o desenvolvimento do continente africano, em pleno marasmo, pouco interessam ao ocidente. O que deixa a entender é que os antigos aliados do Congo não são mais motivados em conquistar territórios, nem mesmo em afirmar a presença no cenário mundial. Estes antigos aliados priorizaram crescentemente os seus problemas internos, como por exemplo, o bem-estar, a paz e a prosperidade de suas populações. Esta nova conjuntura isolou, ainda mais, o Congo no cenário mundial, agravando, assim, a sua situação. Como afirma Bauman:

*“A globalização é, para uns, o que devem fazer para serem felizes, para outros, é a causa da infelicidade. Para todos, ela é o destino irremediável do mundo, um processo que afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. O que para alguns significa globalização, para outros significa localização, o que para alguns é sinalização de liberdade, para muitos outros é um destino indesejável e cruel.<sup>43</sup>(pp.37-39)*

No Congo, a abertura do mercado mundial trouxe progresso para alguns segmentos da economia e regressão em muitos outros. Hoje, até os moradores de aldeias longínquas têm celulares, enquanto a miséria alcança níveis inimagináveis. Conforme ainda disse Bauman (op.cit pág.9):

*“A globalização gera a redistribuição de privilégios e carências, de riqueza e pobreza, de recursos e impotência, de poder e ausência de poder, de liberdade e restrição. Ela deu oportunidades aos mais ricos de ganhar dinheiro de forma rápida, utilizando a mais recente tecnologia para movimentar grandes somas de dinheiro mundo afora com extrema rapidez e com grande eficiência. Infelizmente, a tecnologia não causa impacto positivo nas vidas dos pobres do mundo. De fato, a globalização é um paradoxo: é muito benéfica para poucos, mas deixa de fora dois terços da população mundial. Os antigos ricos precisavam de pobres para fazê-los e mantê-los ricos. Essa dependência*

<sup>42</sup> CHESNAIS, François, A mundialização do capital, pp. 37-39, São Paulo: Xama, 1996.

<sup>43</sup> BAUMAN, Zygmunt, A globalização: as consequências humanas, Pág.8, Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED. 1999.

*mitigou em todas as épocas o conflito de interesses e incentivou algum esforço, ainda que débil, de assistência. Os novos ricos não precisam mais de pobres”.*

Um longo processo de inovações tecnológicas atingiu a sua culminância na década de 1970, a ponto de ser considerado, por alguns autores, como uma terceira revolução industrial. A automação, a robótica e a microeletrônica invadiram o universo fabril e os serviços. A microeletrônica tem permitido a crescente flexibilização dos processos de produção com a individualização cada vez maior dos produtos, alterando o paradigma anterior de produção massiva e em série. Com a afirmação desta revolução, a conseqüência mais imediata é o crescimento da economia informal. O rápido crescimento da economia denominada de informal ou subterrânea tem sido documentado em todo o mundo capitalista, levando alguns autores a detectar uma tendência à convergência entre sistemas de trabalho do Terceiro-Mundo e dos países capitalistas avançados. O trabalho vai se tornando tão rarefeito que, para sobreviver, aceita-se qualquer tipo de trabalho, qualquer forma de remuneração.

A terceira revolução industrial provocou, o que Singer (1999)<sup>44</sup> denomina de:

*“(...) exclusão social. Este autor apresenta duas concepções de exclusão social: individual e estrutural. Pela individual, os indivíduos são excluídos ou porque não possuem as qualificações exigidas pelo mercado ou porque deixam de migrar para onde suas habilidades são requeridas ou porque preferem permanecer ociosos, fora dos relacionamentos econômicos e sociais que criam a normalidade. No reconhecimento de exclusão estrutural, parte-se do fato de que qualquer economia de mercado depende da existência de estruturas – empresas, órgãos de governo, organizações não-lucrativas – que formam os canais de integração econômica. Mecanismos competitivos de mercado regem a economia cuja lógica não implica no pleno emprego. As decisões empresariais dependem de quanto o consumidor dispõe-se a gastar, configurando a demanda, e de quanto o empresário dispõe-se a aplicar, produzindo a oferta. Assim, a demanda por trabalho pode ser de qualquer grandeza, menor, igual ou maior do que a oferta de trabalho, ou seja, o número*

---

<sup>44</sup> CATTANI, Antonio David (org.). A outra economia, pp. 151 e 152, Veraz Editora, Porto Alegre, 2003.

*daqueles que desejam ou necessitam trabalhar. Neste quadro, o autor conclui: "portanto, é provável que a maior parte do desemprego seja involuntária".*

*A exclusão social é principalmente determinada pela dinâmica das empresas, não podendo ser controlada atuando-se apenas através de intervenção na oferta de trabalho. Para Singer: "Os fatores que influenciam a inclusão e a exclusão são históricos, podendo variar no espaço e no tempo" (Singer, 1999, p.82-83) (op.cit. Pp.82-83).*

Nos países, como o caso da República Democrática do Congo, onde o desenvolvimento capitalista é precário, a exclusão decorre principalmente de fatores estruturais. Já nos países em que este processo completou-se, os fatores individuais, responsáveis pela exclusão social, em tese seriam mais importantes. Mas, mesmo nestes últimos países, a globalização e a fragilização da antiga estrutura de relações de trabalho são responsáveis pelo surgimento de novos tipos de exclusão.

Desde o término da Segunda Guerra Mundial, acelera-se a internacionalização do capital. Desde então, o capital perdeu parcialmente suas características nacionais e adquiriu dimensão internacional. Ao mesmo tempo em que começavam a predominar as formas de reprodução do capital em escala internacional, o capital altera os mecanismos da acumulação em âmbito nacional. Verifica-se uma metamorfose qualitativa e quantitativa do capital, que adquire novas condições e possibilidades de reprodução. Seu espaço ampliou-se além das fronteiras nacionais, tanto em países avançados como pobres conferindo-lhes uma conotação mundial.

Com a nova divisão internacional do trabalho e a flexibilização dos processos produtivos, as empresas, corporações e conglomerados transnacionais adquirem preeminência sobre as economias nacionais, redesenhando o mapa do mundo. A globalização define as relações econômicas internacionais há algumas décadas, desafiando a República Democrática do Congo para competir no mercado globalizado, o Congo necessita, urgentemente, mudar a postura de suas elites econômicas e

políticas e formar as novas gerações. Só desta forma o Congo poderá enfrentar este turbulento e veloz mercado para assim, evitar os efeitos perversos e indesejáveis deste.

Porém, a dinâmica do mercado informal e a predominância de trocas paralelas são também realidades irrecusáveis deste país. As transferências monetárias dos migrantes, que vivem em países mais avançados, sobretudo os do hemisfério Norte, tornaram-se uma nova forma de auxílio ao desenvolvimento local, permitindo que milhares de famílias congolezas enfrentem a crise que abala o país. A emigração tem auxiliado a melhorar o nível do bem-estar socioeconômico da população.

De fato, as transferências financeiras e materiais tornaram-se fontes importantíssimas do desenvolvimento econômico do Congo. O próprio financiamento do mercado informal depende destas transferências, fazendo com que, em todo o território nacional, existam escritórios da Western Union e de outras entidades especializadas em realizar transferências internacionais de recursos financeiros. Estima-se que, atualmente, o número total de emigrantes congolezes situa-se entre 3 a 4.000.000 de indivíduos. Segundo dados da Western Union, os emigrantes transferiram U\$ 4.800.000.000 ao Congo em 2003. Ainda segundo a mesma fonte, este montante que parece ser grande, não representa a totalidade das transferências, já que são utilizados outros canais para este fim como, por exemplo, os correios e as redes sociais<sup>45</sup>.

Observando a dinâmica das relações internacionais, constatamos que os principais fornecedores de produtos e serviços à República Democrática do Congo são: União Européia, com 52,9% do total; países emergentes, com 25,8%; Estados Unidos, com 9,2% e outros com 12,1%, enquanto que seus principais clientes são: Ásia, com 40,8%; países emergentes, com 33%, Estados Unidos; com 19,3% e outros países, com 6,9%. Nas trocas internacionais, os recursos naturais representam a principal força da economia

---

<sup>45</sup> MWAYILA, Tshiyembe. La transition en République Démocratique du Congo: Bilan, enjeux et perspectives, pág.19, L'Harmattan 5-7, 75005, Paris.

congolesa. Diamante, cobre e cobalto eram responsáveis por 85 % das exportações em 2002<sup>46</sup>.

Apesar da manutenção dessas relações no mercado mundial e de possuir amplos recursos naturais, a instabilidade política faz com que o país enfrente problemas socioeconômicos mais agudos do que algumas nações mais pobres do mundo. O país tinha um PIB estimado de U\$ 7 bilhões em 1998; uma PEA formada por 20 milhões de pessoas; um volume de importações de U\$ 470 milhões e de exportações de U\$ 690 milhões; os gastos com a defesa atingiam U\$ 356 milhões no mesmo ano, com um efetivo de 50 mil mobilizados. O país mantém relações com as seguintes organizações: Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional (FMI), Organização Mundial de Comércio (OMC), Organização das Nações Unidas (ONU), Organização da Unidade Africana (OUA) e South African Development Community (SADC).<sup>47</sup>

Na trama dessas relações, ocorre também um forte intercâmbio de mão-de-obra, predominando a emigração para países ricos. Com as transformações ocorridas nos últimos tempos, cresceu a incorporação desta mão-de-obra estrangeira em atividades consideradas inúteis, sujas, ingratas e perigosas. Grande parte do trabalho braçal nas cidades européias e americanas é realizada atualmente por estrangeiros, incluindo congoleses. Estes assumem praticamente todos os serviços de limpeza urbana, dos hospitais, dos cemitérios, dos sanatórios e das minas de carvão.

Os migrantes congoleses, em particular, e africanos em geral, geralmente constituem agrupamentos de pobreza na sociedade mais opulenta. *Uma rápida análise deste fenômeno demonstra, em primeiro lugar, que a causa da migração é a insatisfação com a sociedade de origem, fundamentada numa situação de múltiplas carências. Pode-se dizer, ainda, que os imigrantes em geral são originalmente pobres ou, ao menos, que não podem ser incluídos entre os ricos do seu país de origem. Em segundo lugar, observa-se que a*

---

<sup>46</sup> Atlas geográfico mundial, 2005, pp. 84 e 85, Editorial Sol 90, S.L.Barcelona.

<sup>47</sup> Almanaque, 2004, pág. 343.

*migração não é mais projetada como definitiva, como o era a dos europeus deslocados para América e a Oceania, que, apesar das dificuldades iniciais, acabaram inserindo-se na sociedade receptora, como afirma Afonso Maestro Juan. (1979).<sup>48</sup>*

Os novos migrantes vivem entre dois mundos e participam de duas culturas, duas formas de vida e dois sistemas de valores, muitas vezes incompatíveis. Economicamente, estão inseridos no sistema produtivo do país de destino. Porém, ainda preservam aspirações econômicas geradas em seus lugares de origem: compra de casas ou terras; solução dos problemas econômicos do resto da família e de amigos; obtenção de prestígio através de um padrão elevado de consumo. Não chegam a participar integralmente da vida da sociedade receptora. A tudo isto há que se acrescentar as barreiras criadas pelo clima, pela língua, pela religião, pelo estilo de vida e pelas próprias características étnicas.

Estes trabalhadores migrantes congolezes encontram-se longe dos elementos da sociabilidade de seu país de origem. Perante um ambiente ingrato e hostil, os imigrantes tentam refugiar-se entre seus compatriotas, o que aumenta a sua distância com relação a sociedade receptora. Por vezes, alguns deles levam anos, no país receptor, sem falar a língua local. A aspiração de regresso ao seu país de origem faz com que vivam em condições ainda piores do que as permitidas pelo salário. Impõem-se uma rigorosa economia, privando-se de tudo que consideram supérfluo; vivendo, às vezes, em condições mais precárias do que em sua terra natal. O autor deste trabalho teve a oportunidade de experimentar esta situação em Bruxelas, onde encontram-se milhares de congolezes, vivendo, em condições alarmantes.

Normalmente, a emigração de congolezes representa um bom investimento para o país de origem, em termos econômicos e políticos. É fonte de divisas, ao mesmo tempo em que significa o alívio de tensões sociais geradas pela falta de oportunidades também proporciona uma significativa

---

<sup>48</sup> Afonso Maestro Juan, a pobreza nas grandes cidades, Salvat Editora do Brasil, S.A. -Rio de Janeiro, pp. 53-55.1979.

bagagem de conhecimentos novos para os migrantes. No Congo, há décadas, muitas famílias sacrificam seus magros recursos financeiros para que seus filhos possam migrar para países desenvolvidos, em busca de melhores condições de vida para si e para os que permaneceram no país.

Hoje, encontram-se congolese em todas as partes do mundo, o que constitui-se num grande patrimônio para o país. Com o seu processo de desenvolvimento brutalmente interrompido pela colonização, a República Democrática do Congo, como outras ex-colônias africanas, tenta imitar os sistemas políticos e modelos econômicos de seus antigos colonizadores. Como a ocidentalização tornou-se o modelo de desenvolvimento a ser seguido, neste momento de grandes turbulências, a migração de congolese tem impactos positivos na economia do país. Sem sombra de dúvida, sem a migração para os países do hemisfério norte, a população congolese estaria numa situação bem mais crítica do que a atual. Entretanto, não queremos aqui enaltecer esta prática, já que caberia aos governantes congolese traçar políticas que permitissem a fixação de mão-de-obra no país, assim evitando a fuga de cérebros e de recursos humanos.

Por outro lado, o tratamento do tema da exclusão social tem se tornando obrigatório nos debates sobre a sociedade contemporânea, tanto nos países centrais como periféricos. Os denominados excluídos formam um segmento social numericamente crescente: os inúteis no dizer de Castel (1995), os desqualificados, conforme Paugam (1994), os desnecessários, segundo Nascimento (1994). Como afirmou Paugam: "O sucesso da noção de exclusão é (...), em grande parte, ligado à tomada de consciência coletiva de uma ameaça que pesa sobre franjas cada vez mais numerosas e mal protegidas da população" (1996 b: 15).

A atual modernização, nos países do Terceiro-Mundo, só cria um número muito limitado de empregos, em decorrência da tecnologia utilizada. Uma grande parte dos empregos indiretos é criada nos países centrais ou encontra-se reservada para os naturais desses países. A agricultura também vê diminuir seus efetivos, pela incorporação tecnológica ou por seu atraso. Na

República Democrática do Congo, e na cidade de Kinshasa particularmente, deteriora-se o mercado de trabalho e uma percentagem elevada dos habitantes não tem atividade remunerada e nem alcança uma renda permanente.

A existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas, cria, na sociedade urbana, uma profunda fratura entre aqueles que podem ter acesso, de maneira permanente, a bens e serviços e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não têm condições de satisfazê-las. Assim, são criadas, ao mesmo tempo, diferenças quantitativas e qualitativas no acesso ao consumo. Essas diferenças são causa e efeito da emergência e da manutenção, nessas cidades, de dois circuitos de produção, distribuição e consumo de bens e serviços.

A cidade que estudamos nesta dissertação, é uma cidade que apesar das transformações econômicas recentes na escala mundial, apresenta também uma realidade bem diferente da encontrada nas cidades que receberam impactos positivos proporcionado pelo advento da globalização da economia mundial. Trata-se de uma realidade onde predominam as atividades típicas do circuito inferior, que constroem territórios singulares, Como disse Ana Clara T. Ribeiro<sup>49</sup>:

*“O território constitui-se numa categoria mediadora posicionada entre o passado e o presente, cujo domínio é indispensável ao desvendamento dos futuros possíveis. Esta mesma capacidade mediadora emerge no intercambio entre gerações e conjunturas. É aliás na densidade do território, e através da conjugação entre espaço banal e cotidiano, que afirma - se o homem lento, real categoria político-filosofica trazida por Milton Santos (1994). O homem lento para este autor, é aquele que desvenda os recursos indispensáveis à vida” (pág. 94).*

O homem lento é, sem dúvida, o mais atuante em Kinshasa e na totalidade do território congolês. Faz milagres para melhorar suas condições de

---

<sup>49</sup> RIBEIRO, Ana Clara T., Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário. In: SILVA, Catia A. da et al. Formas em crise: Utopias necessárias, pág. 94, Ed. Arquimedes, Rio de Janeiro, 2005.

vida e desdobra-se dia e noite para , de uma maneira ou de outra, enfrentar múltiplos problemas e carências.

Na República Democrática do Congo é vítima das últimas modernizações tecnológicas, porque os benefícios oriundos desta, foram menores, se comparamos com o que ocorreu nos países centrais. A má gestão transformada em sistema por regimes políticos predadores, que dirigiram o país desde a sua independência, desestabilizou infra-estruturas de produção, antes mesmo da sua destruição pelas pilhagens ocorridas em 1991 e 1993 e, pelas guerras ditas de libertação de 1996 e 1998. Com isto, foram fechadas ou precarizadas muitas empresas, tanto nacionais como estrangeiras.

O mercado no Congo existe, sobretudo, como ideologia. Os efetivos atores do mercado são as multinacionais, que não estão comprometidas com princípios éticos e nem com o futuro do país. A própria lógica de sobrevivência das empresas globais faz com que funcionam sem nenhum altruísmo, o que estimula e difunde um individualismo sem precedentes na história da humanidade. Este fato pressiona e altera valores e crenças tradicionais dos congolezes.

As multinacionais têm assumido papéis que antes pertenciam ao Estado, assim, a assistência social tornou-se tarefa das grandes corporações. Assumindo este papel, as empresas escolhem os que serão beneficiados e os que não serão. Desta forma, apenas uma minoria da população é contemplada, enquanto que a maioria permanece marginalizada. Com a manifestação desta tendência, o Estado torna-se cada vez mais omissivo ou inoperante. Por isso, as populações dos países periféricos, como o Congo, sofrem de uma penúria sem precedentes. A situação do cidadão congolês é mais grave ainda, porque há décadas que os dirigentes não priorizaram o social.

Os países africanos são as grandes vítimas deste novo perfil assumido pelo Estado. No início dos anos 60, a República Democrática do Congo era um país respeitado internacionalmente, com um parque industrial de bom nível, imensos recursos naturais e gigantescas empresas estatais (Gecamines,

Regideso, Onatra, Miba...), uma ampla rede de fornecimento de energia elétrica e mão-de-obra abundante. 45 anos após a independência, o país encontra-se imerso numa crise socioeconômica, em pleno processo recessivo, com desemprego crescente, grande queda da renda salarial e acentuada deterioração dos serviços públicos de saúde, educação e assistência social. Com a deterioração dos serviços, a população busca, no cotidiano, a sua sobrevivência. Como disse Ana Clara T. Ribeiro (op. Cit pág.93):

*“ A relação indissolúvel do espaço-tempo exige que a compreensão do território envolva o cotidiano, esta temporalidade alienada que contraditoriamente manifesta continuas micro rupturas e desvios práticos. É nesta temporalidade que se afirma o homem lento, conquistador de oportunidades de sobrevivência e real sujeito das resistências que emergem nos espaços clean e nas grandes superfícies da última modernidade. É na agência cotidiana que o homem lento, conduzido pela cultura ordinária, aparece como portador de futuros e também como inventor de soluções. Assim, é na espaço-temporalidade do cotidiano que a natureza prática do senso comum adquire a potência das territorialidades resistentes,(...) ainda mais, em tecido social. São os que experimentam a escassez que precisam desvendar as múltiplas ações possíveis permitidas pelo espaço herdado e costurar projetos num tecido social esgarçado e precário. (pág.93)*

Nesta direção, observam-se iniciativas sóciopolíticas que buscam romper com práticas e lógicas que destróem o tecido social. Presenciamos, no cotidiano, o surgimento de grupos da sociedade civil e partidos políticos que articulam práticas de resistência. Há novas propostas e novos projetos que apontam para o fato de que a mudança é viável. A solidariedade como princípio ético e político vai além das convicções pessoais, alcançando um leque inédito de práticas econômicas e sociais. Na República Democrática do Congo, em geral e em particular na cidade de Kinshasa, observa-se, dia após dia, o surgimento de movimentos sociais e políticos que resistem ao caos vivido pela população, provocado por vários fatores já citados ao longo deste trabalho, exemplo de movimentos sociais como União para a Democracia e o Progresso Social (UDPS); Partido Democrático e Social Cristão (PDSC). Além de ONGs, de intelectuais e da mídia, instituições nacionais e internacionais, entidades religiosas, instituições de apoio à democracia e à luta por igualdade,

solidariedade, ética, equidade e justiça social transformam, atualmente, a cena urbana.

Estas instituições e movimentos travam, atualmente, uma luta por valores que permitam enfrentar a crise social. O consumismo incontrolado e a busca incessante pelo lucro, que são as marcas registradas da nova fase do capitalismo, são responsáveis pelo surgimento de valores e práticas, que não faziam parte dos costumes dos congolezes. Estas novas circunstâncias têm provocado situações perversas, o mérito perde o seu peso frente ao clientelismo e ao favoritismo, solidariedade apaga-se frente ao individualismo e a ganância supera todos os limites aceitáveis. O tráfico de drogas, a prostituição e a pedofilia são fenômenos muito recentes no cotidiano da cidade de Kinshasa como de toda República Democrática do Congo. Estas são realidades que reconhecemos como conseqüências do consumismo e do individualismo sem fronteiras.

Uma das características das transformações atuais é a velocidade na difusão de informações. Todavia, nas condições atuais, as técnicas de informação são utilizadas, apenas, por um número limitado de agentes econômicos e atores sociais. As técnicas da informação são apropriadas por algumas grandes corporações, esta monopolização acaba aprofundando as desigualdades sociais. Dessa forma os países subdesenvolvidos, como é o caso do Congo, acabam se tornando ainda mais periféricos e, portanto mais atrasados, gerando, desigualdade. Conforme disse Ana Clara T. Ribeiro (Idem pág.100):

*“A naturalização da escassez e da carência impõe a redução do corpo a um simples objeto, negando a força subjacente às tentativas de complementaridade, realizada pelo homem lento, com a ação dos dominantes. Esta ação subordina-se à crença de que a velocidade sistemática é a única definição possível da eficácia. Porém, esta crença oculta o fato de que aquele que deixa-se seduzir por seus encantos colabora na destruição da urdidura do social!”.* (pág.100).

Refletindo a extrema valorização atual da velocidade, transcrevemos palavras de Tuiávii, chefe da tribo Tiavéa, nos mares do Sul<sup>50</sup>:

*“Pouca gente há no ocidente que tenha tempo, de fato; talvez ninguém mesmo. É por isto que quase todos levam a vida correndo com a velocidade de pedras atiradas por alguém. Quase todos andam olhando para o chão e balançando com os braços para caminhar o mais depressa possível. Se alguém os faz parar, dizem mal-humorados: Não me aborreças, não tenho tempo, vê se aproveitás melhor o teu. Dá a impressão de que aquele que anda depressa vale mais e é mais valente do que aquele que anda devagar”*(pág.51).

O capitalismo contemporâneo é um sistema cuja finalidade é a rentabilidade pela rentabilidade. A orientação atual do capitalismo não é mais o crescimento da atividade econômica, mas o lucro financeiro imediato. Assim, a prioridade é dada à especulação contra outras possíveis diretrizes econômicas. O predomínio da abordagem financeira reduz a economia a uma guerra entre grandes predadores, enquanto as populações dos países do hemisfério Sul, especificamente os africanos, assistem a este espetáculo passivamente humilhadas pelo manto pesado de um desemprego estrutural sufocante. *Diz Majid Rahnema*<sup>51</sup>:

*“A nova ordem de produção instaurada pela revolução industrial representa uma ruptura social e epistemológica no domínio das atividades humanas. Origina grandes mudanças na percepção de conceitos como riqueza e pobreza, produzindo sistematicamente novas necessidades, provocando, de uma só vez, grande impacto no equilíbrio orgânico que é próprio de sociedades vernáculas. Por isso, mudaram a definição das necessidades e a forma de satisfazê-las, assim, como as normas culturalmente estabelecidas que sempre serviram para distinguir o necessário do supérfluo “.*(tradução nossa)

A nova pobreza é um produto direto da nova ordem de produção, encarna todas as contradições do sistema, em particular a multiplicação das necessidades com fim puramente lucrativo e a promessa da transformação da escassez em abundância, beneficiando a todos. A atual fase do capitalismo fez

<sup>50</sup> O papalagui, comentários de Tuiávii, quarta edição, pág. 51.1992.

<sup>51</sup> Majid Rahnema, embaixador e ministro iraniano nas Nações Unidas. Conferência realizada na Orford no Canadá, no dia 18.10.2003.

do consumismo a felicidade suprema. Para satisfação das novas necessidades, não raramente recorre-se à violência. Uma onda de violência e de crimes varre a cidade de Kinshasa. Políticos, empresários, artistas, homens e mulheres, crianças e adultos, religiosos e ateus, classe média e pobres tornaram-se as suas vítimas. A violência é hoje a experiência mais universalizada nesta cidade, como, alias, no resto do país.

As relações sociais ensinadas e praticadas no Congo, ao longo da sua historia, eram baseadas em valores e princípios positivos de nossas tradições de muitos séculos, tais como: solidariedade, senso de divisão, espírito de comunidade, amor pelo próximo, benevolência e reciprocidade, para citar alguns. *De acordo com o dizer de Ana Clara T. Ribeiro*<sup>52</sup>:

*“A face contemporânea do capitalismo coloniza a rede urbana através de redes de serviços que destróem a singularidade dos lugares; rompe os pactos sociais que orientavam as políticas públicas inclusivas e aumenta a concorrência intracapitalista, impossibilitando a permanência de atividades econômicas com raízes culturais profundas; desinstitucionaliza relações sociais, impossibilitando a previsão do futuro e aumentando o medo individualmente vivenciado” (pág.94).*

Não há dúvida de que as práticas do novo capitalismo afetaram profundamente a estrutura sóciopolítica, religiosa, cultural e econômica do Congo. Sem ainda aprofundar a apropriação dos dados obtidos em nossa pesquisa de campo, podemos registrar, neste momento, que a pobreza é maior na cidade de Kinshasa do que nas áreas rurais. A própria obtenção do alimento é insegura para a população de Kinshasa, nas áreas rurais os pobres alimentam-se, pelo menos aparentemente. A carência hoje vivida em Kinshasa explica-se pelas características atuais da pobreza defendida, por Majid Rahnema<sup>53</sup>:

*“A nova pobreza é resultante do sistema capitalista, que apresenta-se como*

---

<sup>52</sup> RIBEIRO, Ana Clara T., Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário. In: SILVA, Catia A. da et al. Formas em crise: Utopias necessárias, pp. 94, Ed. Arquimedes, Rio de Janeiro, 2005.

<sup>53</sup> Majid, Rahnema, embaixador e ministro iraniano nas Nações Unidas. Conferência realizada na Orford no Canadá, no dia 18.10.2003.

*um criador indiscutível de abundância de bens e serviços. Oriunda da escassez socialmente produzida, resultante da desmedida produção de bens e serviços, esta escassez é bem diferente da escassez natural, sendo hoje a principal causa da pobreza urbana”.(tradução nossa).*

Neste momento de grandes mudanças, acentuam-se dramaticamente as desigualdades sociais e Kinshasa não escapa a esta realidade. Para os que gozam dos benefícios da globalização, o espaço perdeu sua qualidade restritiva e é facilmente transposto tanto na sua versão real como virtual. Para os demais, resta a espacialidade amarrada dos pobres, daqueles impedidos de se mover e que encontram-se fadados a suportar, passivamente, quaisquer mudanças que afetem o lugar.

A última modernidade poderia ser então definida como um período em que a ordem depende de um “começo”, isto é, da dissolução de instituições e do espaço herdado. A nova sedimentação do mundo ocorre entre comunas, cidades, regiões, países, mas, também, entre as classes sociais, na realidade da República Democrática do Congo, os mais abastados são donos de minas de diamante, nióbio e ouro, proprietários de fazendas e donos de empresas. As classes média e alta são compostas por políticos e seus familiares, pelos representantes de multinacionais e governantes que gozam de todos os privilégios trazidos pelas formas atuais de consumo ou do que a última modernidade oferece, enquanto a maior parte da população encontra-se sujeita à penúria e à escassez.

Os que não podem consumir são os novos excluídos do ambiente construído, já que o novo critério de inclusão é a aptidão e a capacidade de consumo. Na nova ordem econômica, valoriza-se a inclusão pelo consumo, o que produz exigências políticas contraditórias, porém complementares: por um lado, exige-se o incremento da liberdade do consumidor e, por outro, a manutenção da exclusão. Os excluídos são aqueles que Milton Santos<sup>54</sup> chama:

---

<sup>54</sup> Milton Santos. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal, Ed. Record, Rio de Janeiro, 2000:72.

*“(...) de pobres estruturalmente globalizados. Os novos pobres seriam a criação da nova fase do capitalismo, que resulta de um sistema de ação deliberada. Examinando os processos pelos quais o desemprego é gerado, constatamos que a divisão social e territorial do trabalho e a fragilização do Estado contribuem para uma produção científica, globalizada e voluntária da pobreza. Nesta nova fase, os pobres são necessariamente os excluídos” (pág. 72).*

Os congolezes não integrados ao processo de desenvolvimento do país são, muitas vezes, perseguidos em suas atividades cotidianas e manifestações culturais, por reivindicarem melhores condições de vida. Conforme Wacquant<sup>55</sup>:

*“A busca da pureza moderna expressou-se diariamente com a ação punitiva contra as classes consideradas perigosas; a busca da pureza pós-moderna se expressa diariamente com a ação punitiva contra moradores de ruas pobres e de áreas urbanas proibidas, os vagabundos e indolentes. As políticas de segurança ‘caça aos marginais’ e suas versões miméticas tupiniquins são provas vivas disso, na busca da ordem urbana contra a impureza dos camelos, flanelinhas, vendedores ambulantes, cambistas e mendigos. Os estranhos não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo. Eles poluem a alegria com a angústia, embaralham as fronteiras e por isso produzem mal-estar e insegurança( pág.79).*

O que talvez não tenha sido suficientemente enfatizado é que a globalização não globaliza o mercado de trabalho e nem a distribuição de renda. Há, assim, um progressivo bloqueio à mobilidade de trabalhadores. Na globalização, a liberdade limita-se às movimentações financeiras, de bens e tecnologias. Crescem, na maioria dos países avançados, o discurso antiimigração, o preconceito e o racismo.

O tratamento infligido aos africanos em geral, em particular os congolezes que chegam à Europa demonstra a existência deste bloqueio. Migrantes, que muitas vezes fogem das guerras civis e da pobreza, são muitas vezes tratados como criminosos. No próprio Congo, a prática não é diferente. Os migrantes das zonas rurais que chegam a Kinshasa são alvos prediletos da

---

<sup>55</sup> Wacquant apud Vera Malaguti Batista, O medo na cidade do Rio de Janeiro: Dois tempos de uma história, p.79, Editora Revan, 2003.

policia local. Sofrem por causa da sua origem, além de terem maior dificuldade em encontrar trabalho. Tornam-se, com mais probabilidade, moradores de rua, aumentando o contingente de pobres urbanos. Segundo Eugenio R.Zaffaroni<sup>56</sup>:

*“A nova ordem mundial pode ser entendida à luz do conceito da barbarização secundária, por seu impacto na metrópole da periferia do mundo. A liberdade irrestrita do capital financeiro despedaçou as redes de segurança societárias, detonando um processo de polarização que não pode mais ser contido pelas estruturas legais do welfare state e criando uma desigualdade assustadora(...) com o desmantelamento do welfare state, iniciado por Reagan, começa nos EUA a popularização de medidas policiais e jurídicas que instauram uma ‘caça aos pobres’ e um processo de penalização da precariedade “.(op. Cit pp.80e 84).*

A criminalização da pobreza pode ser reconhecida em todo o mundo globalizado. Nos dias atuais, a pobreza não é mais exercito de reserva de mão-de-obra, como o defendia Marx. Tornou-se uma pobreza sem destino, que precisa ser isolada, neutralizada e destituída do acesso a qualquer tipo de poder. Visualiza-se o alcance deste resultado através de uma estratégia bifurcada, criminalização da pobreza e brutalização dos pobres. Os considerados inimigos da ordem pública são submetidos, diariamente, ao sistema penal, ao terror dos motins em penitenciárias e aos corredores da morte.

Não é coincidência que a política de combate ao trafico de drogas, ao nível internacional, encontre-se dirigida indiscriminadamente aos mais pobres, sejam eles moradores de favelas no Rio de Janeiro, camponeses Colombianos, imigrantes ilegais ou indesejáveis nos países desenvolvidos. Diz Bauman (op cit ): “A combinação de estratégias de exclusão, criminalização e brutalização dos pobres impede a condensação de um sentimento de injustiça capaz de rebelar-se contra o sistema”(pág.84).

---

<sup>56</sup> ZAFFARONI, Eugenio R. Apud Vera Malaguti Batista, O medo na cidade do Rio de Janeiro: Dois tempos de uma historia, p.80, Editora Revan, 2003.

O que torna caótica a situação dos excluídos é o predomínio, na conjuntura atual, do individualismo, que dificulta a luta dos excluídos. A incapacidade de organizar-se para lutar por seus interesses ocorre localmente e, também, internacionalmente. A política dos países centrais em relação aos mais pobres deixa-os em desvantagem política e ideológica. Além da falta de vontade política para organizarem-se em favor da sua soberania, as políticas, internamente, têm sido convertidas em administração tecnocrática da desigualdade e de risco. E neste contexto que Bauman entende (Idem. Pág.84):

*“(...) a modernidade como uma impossibilidade fixar-se, instaurando aí a questão da identidade. Com essa associação, ser moderno significa estar em movimento. As fronteiras tornam-se mais elásticas. O caráter trágico da cultura pós-moderna produz a mistura de desejo e medo, com seu espetáculo de horror, suas ambivalências irremediáveis, suas fronteiras dissolutas (as mercadorias podem viajar pelo mundo global, os homens, não... principalmente os que pretendem ir do Sul para o Norte, da África para a Europa)”(pág.84).*

Nestas circunstâncias, há uma redução vertiginosa e radical da retórica da solidariedade mundial. Ela não gira mais em torno de bem-estar social. Além dos impactos negativos do novo capitalismo, criando fatores externos responsáveis pelo agravamento da penúria da população congoleza, os governos também têm a sua parcela de responsabilidade no agravamento das carências.

Na República Democrática do Congo, atualmente, o valor do indivíduo depende de bens adquiridos ou conquistados. Entra nesta lógica de posse, o fato de ter um carro, uma roupa de marca, uma boa casa, alguns objetos de valor e maior poder aquisitivo. Pouco importa, se a pessoa é instruída, exercendo funções de elevada responsabilidade na sociedade e ser tratada como um simples indivíduo. A sociedade tornou-se mais materialista. Assim, a caridade, o favor, a benevolência, o amor ao próximo e a solidariedade tendem

a desaparecer. Segundo Ana Clara T. Ribeiro<sup>57</sup>:

*“A concepção dominante de mercado é cercada de algumas características entre as quais salientamos (...) a decomposição fragmentadora do indivíduo, pela infinita multiplicação de necessidades; a colagem de desejos e sonhos a bens e serviços; o predomínio da estética sobre a ética; o excesso de imagens, que reduz as margens de liberdade do imaginário e da imaginação; a onipresença do capital financeiro, que cola o lucro a cada produto ou serviço”.*

Os países subdesenvolvidos são os que mais sofrem com os efeitos do neoliberalismo. Efetivamente, a denominada pós-modernidade não trouxe desenvolvimento ao Congo. Conforme Octavio Ianni<sup>58</sup>:

*“O neoliberalismo dos tempos da globalização do capitalismo retoma e desenvolve os princípios que se haviam formulado e postos em prática com o liberalismo ou a doutrina da mão invisível, a partir do século XVIII. Mas o que distingue o neoliberalismo pode ser o fato de que ele diz respeito à vigência e generalização das forças do mercado capitalista em âmbito global. É verdade que alguns de seus pólos dominantes e centros decisórios localizam-se nos Estados nacionais mais fortes. Em escala crescente, no entanto, formam-se pólos dominantes e centros decisórios localizados em empresas, corporações e conglomerados transnacionais. Ai nascem diretrizes relativas à desestatização, desregulação, privatização, liberalização e regionalização. São diretrizes que o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial encarregam-se de codificar, divulgar, implementar e administrar. Enquanto o liberalismo baseava-se no princípio da soberania nacional, ou ao menos tomava-o como parâmetro, o neoliberalismo passa por cima dele, deslocando as possibilidades de soberania para as organizações, corporações e outras entidades de âmbito global “. (pág.78)*

A soberania na República Democrática Congo não vem diminuindo com o advento do neoliberalismo. De fato, a soberania nunca existiu. As potências ocidentais, apesar da descolonização, mantêm a sua ingerência nos problemas próprios do Congo. Apesar da independência, a Bélgica controla o país até hoje. Tanto é que todos os dirigentes políticos que já governaram o Congo são

---

<sup>57</sup> RIBEIRO, Ana Clara T. Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário. In: SILVA, Catia A. da et al. Formas em crise: Utopias necessárias, pp.103, Ed. Arquimedes, Rio de Janeiro, 2005.

<sup>58</sup> OCTAVIO, Ianni. Teorias da globalização, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

de alguma forma, “crias” deste país e de seus aliados. Desta maneira, a política externa da Bélgica é responsável, em grande parte, pela crise que a maioria da população do Congo enfrenta.

A Bélgica apoiou o regime de Mobutu durante 25 anos. Só em 1989, com a chegada ao poder de partido socialista (neerlandês), que ganhou as eleições em 1988, conseguiu-se pressionar o regime ditatorial congolês. Em 1990, o governo Belga aproveitou-se dum evento ocorrido na Universidade de Lubumbashi, onde mais de cem estudantes foram mortos por terem se manifestado contra o regime, este evento foi usado para fazer maior pressão sobre as autoridades congolêsas. Esta radicalização de posição da Bélgica resultou na ruptura, por Mobutu das formas de cooperação entre os dois países até então vigentes.

Neste contexto, a atual situação de pobreza na República Democrática do Congo deve-se à ação das corporações transnacionais e às estratégias dos governantes. Os monopólios repercutem negativamente no nível de vida da população e o Estado participa do agravamento deste quadro através de sua política econômica e fiscal. O modelo econômico desta fase do capitalismo é responsável por uma distribuição de renda cada vez mais injusta, que impede a expansão do mercado de trabalho, assim como o desenvolvimento de um dinâmico mercado interno. O aumento da pobreza em Kinshasa, como nas outras cidades do Congo, é uma das conseqüências da conjugação destes fenômenos. Conforme Rattner (1972): *“A concentração econômica e espacial é correlativa de um fenômeno paralelo de acumulação da pobreza (...) nos próprios centros de crescimento econômico”*.<sup>59</sup>.(pág.152).

A pobreza e a desigualdade social são compatíveis com o crescimento rápido, caso sejam de origem recente. Na realidade, agravam-se tanto nos países periféricos quanto centrais. A razão disto é que a modernização tecnológica e a informatização engendram disparidades econômicas crescentes, permitindo a instauração de um mercado dinâmico e exclusivo. Os

---

<sup>59</sup> RATTNER apud MILTON, Santos, O espaço dividido, os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos, Rio de Janeiro, 1979, Pág.152.

investimentos realizados com uma grande parte dos recursos nacionais, em nome do progresso beneficiaram apenas os privilegiados, ao preço de uma injustiça crescente. Enfim, a globalização, a informatização, a robotização e a financeirização da economia... são invenções humanas. Segundo Erich Fromm:

*“O homem criou um mundo de coisas feitas por ele como nunca havia antes existido, e construiu um complicado mecanismo social para administrar o mecanismo técnico por ele criado. Porém toda essa criação o supera. Não sente a si próprio como criador e centro, porém como servidor de um golem que suas mãos criaram. Quanto mais poderosas e mais gigantescas forem as forças que liberar, mais impotente se sentirá como ser humano. Defronta-se com suas próprias forças, encarnadas em coisas que ele criou e alienou de si mesmo. Está possuído por suas próprias criações e perdeu o domínio de si. Produziu um bezerro de ouro e afirma: ‘Esses são vossos deuses, que vos traíram fora do Egito’.”<sup>60</sup> (pág. 106)*

---

<sup>60</sup> Fromm Erich apud Maestro Alfonso Juan. A pobreza nas grandes cidades, Salvat Editora do Brasil, S.A. - Rio de Janeiro, 1979.

### Capítulo 3. Kinshasa : os dois circuitos da economia urbana

A realidade de Kinshasa oferece-se como um real e extraordinário exemplo da problemática tratada por Milton Santos, nosso principal autor, no livro “O espaço dividido”: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos’:

*“Um dos dois circuitos é o resultado direto da modernização tecnológica. Consiste nas atividades criadas em função do progresso tecnológico e das pessoas que dele se beneficiam. O outro é igualmente um resultado da mesma modernização; mas, um resultado indireto. Corresponde aos indivíduos que só se beneficiam parcialmente ou não das atividades expressivas da modernização. Sem dúvida, é necessário distinguir os países de velha civilização urbana daqueles que só conheceram esse fenômeno recentemente (...). Nos primeiros, o fenômeno da modernização tecnológica cria estruturas novas que se impõem às estruturas preexistentes (...). Nos outros, a modernização tecnológica cria, de um só golpe, as duas formas integradas de organização econômica urbana”.<sup>61</sup>.(pág.29)*

Sem sombra de dúvida, as áreas centrais das grandes cidades não são apropriadas exclusivamente pelos mais ricos. Constituem uma espécie de território de todos, onde os pobres também encontram alguns meios, ainda que precários, de sobrevivência. Nestas áreas, são feitas as compras, há oferta de diversão e entretenimento. Aí, os pobres exercem também algumas atividades econômicas, em busca de sua sobrevivência.

Os traços socioeconômicos que caracterizam a experiência da pobreza vivida no circuito inferior da economia urbana incluem: a luta constante pela sobrevivência, períodos de desocupação e de subemprego, salários

---

<sup>61</sup> SANTOS, Milton: O espaço dividido, os dois circuitos da economia dos países subdesenvolvidos, pp. 29, Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

mediócras, uma multiplicidade de ocupações não qualificadas, trabalho infantil, ausência de poupança, escassez crônica de liquidez, falta de fontes legais de financiamento, ausência de reservas alimentares, compras freqüentes em pequenas quantidades de produtos, na medida da necessidade, penhora de bens pessoais, recurso a juros usurários obtidos com prestamistas locais ou familiares, serviços de crédito espontâneos e informais organizados por vizinhos e familiares e uso de objetos e moveis de segunda mão. Algumas destas práticas decorrem da própria cultura e outras resultam do agravamento da crise social.

#### Imagem 4. Mercado Central de Kinshasa



Produtos típicos do circuito inferior

Fonte: [www.Congovision.Com](http://www.Congovision.Com), acessado em 20.08.2006.

Kinshasa, como as outras cidades do Congo, condensa e concentra pobreza e miséria. A situação de carência afeta uma grande parte dos seus habitantes. A tragédia social é evidente para o mais cego dos observadores. Entretanto, nem tudo é pobreza na cidade de Kinshasa. Como nas grandes cidades de países menos sofridos, há também uma face risonha. Esta realidade pode ser observada na comuna da Gombe, onde se encontra o centro comercial e administrativo, e também nas comunas que abrigam a elite: Banda Lungua, Kalamu, Kasa-Vubu, Lemba, Limete, Ngaliema, Matete, uma

parte de Mont Ngafula, Barumbu, Lingwala e Kinshasa.

No outro extremo, as comunas que concentram a pobreza são: Bumbu, Kimbanseke, Kintambo, Kinsenso, Makala, Maluku, Masina, Ndjili, Ngaba, Ngiri-Ngiri, Nsele e Selembao. A cidade de Kinshasa é uma cidade que apresenta duas faces, radicalmente opostas. Aliás, esta é a realidade de todas ex-colônias africanas. Esta dupla face resulta do colonialismo, uma realidade que implica a existência de colonizadores e colonizados. Atualmente, a estrutura urbana é mais complexa. Assim, em cada uma destas duas cidades, existem gradações construídas pelas comunas. Ainda assim, a existência de zonas residenciais da elite local na cidade dos colonizados ou de seções mais pobres na cidade dominante não impede que permaneça operante a oposição entre a cidade do dominador e a do dominado. Constituem a configuração de dois momentos históricos diferentes e de duas realidades socioeconômicas freqüentemente antagônicas. Como antes disto, esta configuração de comunas data da colonização, grande parte da elite habita em comunas que, no período colonial, eram reservadas ao colonizador. Como desde a independência pouco se fez, a configuração continua quase a mesma, com poucas mudanças.

Segundo dados do INS, ocorreu um crescimento extraordinário da população nos últimos vinte anos. De 1984 a 2004, passa-se de 2.664.309 para 7.017.000 habitantes. Este crescimento teve várias causas, já citadas ao longo deste trabalho: êxodo rural provocado pelas péssimas condições de vida no campo e deslocamentos das diversas guerras que encheram a capital à procura de melhores condições de vida. O INS reconheceu a seguinte distribuição por sexo: 50,5% homens e 49,5% mulheres, o que corresponde a uma taxa de masculinidade de 102 homens por 100 mulheres. Também identificou as seguintes características; (i) 50% da população com menos de 15 anos; (ii) densidade média de 441 hab/km<sup>2</sup>; (iii) maior densidade, de 25.761 hab/km<sup>2</sup>, na comuna de Kinshasa e menor densidade, de 7 hab/km<sup>2</sup>, na comuna de Maluku. O ritmo médio de crescimento da população é de 4,7% aa. A Tabela 7, a seguir, apresenta a população média nas 24 comunas que integram a cidade.

Mapa 3. Divisão administrativa de Kinshasa- 2007



Abreviaturas: Kinshasa (Kin), Kasa-Vubu (K-V),Lingwala (Ling.), Ngiri-Ngiri (Ng-Ng),Kalamu (Kal.).

Fonte: [www.Google.com/](http://www.Google.com/) kinshasa, acesso em 20.03.2007.

Tabela 7: População de Kinshasa por comuna -1967-2004

Comunas	1967	1970	1984	2003	2004
1.Ngaliema	30 640	63 844	252 151	660 646	683 135
2.Kintambo	29 890	38 748	49 297	103 257	106 772
3.Gombe	17 890	22 615	17 360	31 307	32 373
4.Barumbu	44 900	59 553	69 147	145 370	150 319
5.Kinshasa	56 640	73 826	74 708	159 430	164 857
6.Lingwala	37 240	46 209	49 173	91 520	94 635

7.Mt.Ngafula	2 040	29 811	52 820	252 412	261 004
8.Selembao	55 150	46 908	126 589	324 534	335 581
9.Bandal.	45 220	60 243	97 214	195 680	202 341
10.Kasa-V.	56 540	67 525	74 888	152 141	157 320
11.Kalamu	78 310	100 441	160 719	304 961	315 342
12.Ngiri-NG.	50 930	64 272	82 303	169 087	174 843
13.Bumbu	37 560	61 366	113 968	318 396	329 234
14.Makala	37 200	49 346	108 939	245 487	253 844
15.Lemba	37 480	61 607	159 775	338 321	349 838
16.Ngaba	17 810	36 702	74 447	174 703	180 650
17.Limete	28 270	41 340	128 197	363 357	375 726
18.Matete	42 290	63 369	104 902	259 933	268 781
19.Kisenso	26 320	39 578	117 774	373 439	386 151
20.Ndjili	80 000	102 881	157 010	427 583	442 138
21.Masina	18 700	36 158	158 080	469 195	485 167
22.Kimbans.	64 440	83 006	353 209	915 217	946 372
23.Nsele	*	24 096	28 963	136 290	140 929
24.Maluku	*	14 678	2 676	173 734	179 648
Contada à parte	36 060	34 917			
Total	901 520	1 323 039	2 664 309	6 786 000	7 017 000

Fonte: Institut National de Statistiques (INS).

\*As comunas de Maluku e de Nsele não faziam parte da cidade de Kinshasa em 1967.

A República Democrática do Congo conta com mais de 400 tribos, quase todas representadas em Kinshasa, o que confirma o carácter cosmopolita desta cidade. As comunas de Kimbanseke e Ngaliema são as mais populosas com, respectivamente, 946 372 e 683 135 habitantes. Já as menos populosas são as comunas de Nsele e Maluku com, respectivamente, 140 929 e 179 648 habitantes. Estas duas comunas ainda possuem uma grande área rural. A comuna de Kimbanseke revela-se a mais populosa pelo fato de que é a maioria

da população é constituída de migrantes provenientes das províncias de Bandundu e de Baixo Congo, fronteiriças da província de Kinshasa.

Tabela 8. População por faixa etária e sexo-Kinshasa-2004, (em milhares) do INS.

Faixa etária	Sexo Masculino.	Sexo Feminino	Total
0-4	737	732	1469
5-9	603	602	1205
10-14	478	478	956
15-19	292	288	580
20-24	255	259	514
25-29	230	243	473
30-34	205	223	428
35-39	201	210	411
40-44	170	159	329
45-49	120	103	223
50-54	95	76	171
55-59	53	39	92
60-64	43	34	77
65-69	28	20	48
70-74	14	12	26
75+	8	7	15
Total	3 532	3 485	7 017

Fonte: Institut National de Statistiques (INS)-2005.

A leitura dos dados da tabela 8 permite a realização das seguintes observações:

1) A população com menos de 20 anos representa 60% do total; 2) A população com mais de 60 anos representa menos de 3% do total e 3) A população economicamente ativa representa 38% do total, considerando-se o intervalo de 20a 60 anos.

Ainda segundo o INS, o número médio de pessoas por família é de 6,7. Quase metade das famílias tem mais de sete filhos (45,8%); as famílias com 4 a 6 filhos representam 37,1% do total e as com 1 a 3 filhos representam 17,1%. O número de pessoas por habitação representa um grande desafio para as famílias e o Estado, gerando problemas sociais e sanitários.<sup>62</sup>

Tabela 9. Densidade demográfica por comuna-Kinshasa-1984(Em milhares).

Num. ordem	Comuna	Densidade	Num. ordem	Comuna	Densidade
1	Kinshasa	25.761	13	Kintambo	12.640
2	Kalamu	24.341	14	Kisenso	07.095
3	Ngiri-Ngiri	24.207	15	Lemba	06.742
4	Ngaba	23.265	16	Selembao	05.456
5	Bumbu	21.503	17	Limite	04.731
6	Matete	21.409	18	Kimbanseke	04.593
7	Makala	19.453	19	Ngaliema	03.086
8	Lingwala	16.956	20	Masina	02.268
9	Kasa-Vubu	14.978	21	Mt.Ngafula	00.147
10	Barumbu	17.712	22	Gombe	00.090
11	Bandal	14.296	23	Nsele	00.027
12	Ndjili	13.773	24	Maluku	00.007

Fonte: INS: Censo Científico de julho de 1984.

A cidade de Kinshasa enfrenta, desde os anos 1990, uma crise multiforme. As duas pilhagens, ocorridas em 1991 e 1993, aconteceram na capital e destruíram grande parte da sua infra-estrutura econômica. As guerras de 1996 e 1998 provocaram um fluxo massivo de refugiados do interior do país, na medida em que nas duas guerras, todas as outras cidades foram atingidas, com exceção de Kinshasa. Estas populações na busca de paz e de bem-estar

<sup>62</sup> IN

refugiaram-se em Kinshasa. Infelizmente, a cidade não tem a infra-estrutura necessária para a recepção adequada de tantos refugiados, fazendo com que esta situação tenha repercutido negativamente na saúde, na habitação e no mercado de trabalho.

A partir do pós-guerra, a cidade passa por um período de difícil coabitação. Após o acordo político alcançado em 2003, os ex-beligerantes concentram-se na cidade, o que gera permanentemente uma situação de muita agitação e tensão. Os atos criminais, como seqüestros, assassinatos, pilhagens, assaltos, extorsões resultam numa situação de insegurança generalizada. Por outro lado, a escassez de recursos que a população enfrenta, tem a conduzido a se desinteressar simplesmente da gestão da cidade. Dando assim, mais prioridade em buscar os meios para suprir suas necessidades cotidianas.

O espaço residencial não tem recebido investimentos significativos desde a independência. Surgiram zonas de ocupação anárquica que formam verdadeiras bidonvilles, com todas as condições precárias. A cidade apresenta um déficit habitacional antigo, que decorre da falta de poder aquisitivo da maior parte da população. Empresas de construção de casas populares - como Office National de Logements (ONL), MARANALINE, COPELA - que, no período pós-independência, desenvolveram políticas habitacionais, sob regime de locação-venda, perderam a sua capacidade de operação em decorrência da crise econômica e financeira que atinge o país.

Quanto ao mercado de trabalho, Kinshasa é a cidade do Congo que apresenta o maior nível de desemprego, que cresce muito por causa do êxodo rural ocorrido nos últimos 10 anos. Apesar das profundas dificuldades que enfrentam em Kinshasa, os migrantes das áreas rurais não retornam aos seus lugares de origem, por estes apresentarem condições ainda mais precárias. Muitos desempregados e subempregados buscam alternativas de sobrevivência, como exemplifica a agricultura urbana, desenvolvida nas periferias da cidade.

\*\*\*

Por causa da dependência do exterior e da falta de planejamento governamental, a cidade possui, na realidade, dois mercados, correspondentes aos dois circuitos da economia urbana. Os países subdesenvolvidos, como o Congo, são tributários de um número limitado de exportações, o que resulta em dependência estrutural. Em muitos casos, as exportações dirigem-se a um só país, ou a um conjunto limitado de países, com graves conseqüências para a soberania nacional.

Na realidade socioeconômica e política da República Democrática do Congo, manifesta-se a oposição entre moderno e tradicional, principalmente nas grandes cidades. Como disse Milton Santos<sup>63</sup>:

*“A cidade não pode ser estudada como uma máquina íntegra. Nós chamamos esses dois subsistemas de circuito superior ou moderno, e circuito inferior. O circuito superior originou-se diretamente da modernização tecnológica e seus elementos mais representativos são hoje os monopólios. O essencial de suas relações ocorre fora da cidade e da região que os abrigam e tem por cenário o país ou o exterior. O circuito inferior é formado de atividades de pequena dimensão e interessando principalmente às populações pobres, é, ao contrário, bem enraizado e mantém relações privilegiadas com a região”.*

Estes dois circuitos atividades convivem Kinshasa, apesar da centralidade detida por esta cidade frente a outras cidades vizinhas. Em verdade, as atividades do circuito inferior são predominantes na economia da cidade. Este circuito compreende as atividades de fabricação tradicionais, como o artesanato, assim como, os transportes tradicionais (carroças, localmente chamadas de chariots) e a prestação de serviços. É constituído, essencialmente, por formas de fabricação trabalho-intensivas, por serviços não-modernos fornecidos a varejo e pelo comércio não-moderno e de pequena dimensão. O circuito superior, por sua vez, é constituído por bancos, pelo grande comércio, pela indústria de exportação, pela indústria urbana moderna,

---

<sup>63</sup> SANTOS, Milton: O espaço dividido, os dois circuitos da economia dos países subdesenvolvidos, pp. 16, Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

por serviços modernos, pelos setores atacadista e de transporte especializado.

O circuito inferior é em grande autofinanciado. Quanto mais pessoas o compõem, mais o mercado assim criado se expande. Também quanto maior a cidade, mais poderá abrigar mercados e mais importantes serão estes mercados diários. Em Kinshasa, as comunas mais populosas são as que mais concentram um número maior de mercados populares. A extrema divisão de trabalho no circuito inferior constitui-se, em si mesma, num estímulo aos investimentos. O fracionamento e a continuidade das atividades, deste circuito criam uma multiplicidade de formas de contato e de articulação, entre os que dele participam, sendo assim criadas outras atividades. Como afirmou Milton Santos, os dois circuitos são até certo ponto interdependentes; mas, a dinâmica do circuito inferior é dependente e se explica pela dinâmica do superior.

Historicamente, a passagem de uma economia de subsistência para um sistema econômico mais complexo trouxe escravidão e colonialismo. Hoje, a crescente complexidade da sociedade traduz-se em diferentes graus de inserção na economia extrovertida. Neste contexto, tende a desaparecer o igualitarismo das aldeias, que era predominante na cultura congoleza, sobretudo, antes do surgimento das cidades, da escravidão e da colonização. Com a colonização, a população urbana foi parcialmente absorvida no exercício de papéis econômicos nascidos com a cidade e a modernização, sendo que o excedente econômico que as transformações tecnológicas propiciaram, e que encontrou seu campo de desenvolvimento nas cidades, permanecendo concentrado, principalmente, em determinados segmentos sociais.

Ainda hoje, a agricultura praticada pela maioria do povo é do tipo familiar e de subsistência. Geralmente utilizam-se ferramentas rudimentares: enxadão, facão e machado. Devido à falta de produtos e de novas técnicas para a melhoria do solo, os agricultores congolezes praticam a técnica chamada de alqueive, isto é, um sistema itinerante que consiste em deixar em descanso por um período o espaço cultivado após a colheita, para que o solo recupere a

fertilidade.

Com esta técnica, são obtidos os produtos de primeira necessidade, como: mandioca, milho, banana, feijão, arroz, verduras e frutas. Ao lado destes cultivos, encontra-se a criação de galinhas, porcos, cabritos, ovelhas e gado. A agricultura moderna, voltada para a exportação, é desenvolvida por uma pequena minoria de trabalhadores e empresas, com técnicas avançadas, sendo os seus principais produtos: óleo de dendê, cacau, café, borracha, chá e cana-de-açúcar. O descaso dos dirigentes políticos com relação à agricultura também é uma das causas da pobreza, provocando o êxodo rural sem precedentes e fazendo com que se concentre em Kinshasa uma abundante mão-de-obra desempregada.

A República Democrática do Congo caracteriza-se, hoje, por um cenário de cidades populosas, com grande número de desempregados, e um campo vazio, o que resulta em desabastecimento. Esta situação tem também outras causas. Generaliza-se a percepção de que a grande cidade permite o acesso a melhores condições de vida e a diferentes formas de entretenimento e conforto. Porém, para a maioria dos migrantes, a experiência urbana reduz-se à inserção em qualquer tipo de atividade que possibilite arcar com as despesas do dia-a-dia. Nestas condições, Kinshasa tornou-se o lugar de todos os tipos de violência e do pequeno assalto ao seqüestro.

Em Kinshasa, a partição socioeconômica torna-se lentamente maior. Afastam-se, a pobreza e a riqueza, sendo gerados dois pólos, que concentram dois grupos humanos opostos: o dos detentores do poder de decisão e que concentram a riqueza e, aqueles que procuram servir, de alguma forma, aos primeiros, com diversas posições intermediárias. Esta situação cria, em Kinshasa, uma urbanização avançada e, do outro lado, bidonvilles superlotadas, que muitas vezes, funcionam como um mecanismo de inserção urbana dos migrantes e dos pobres em geral.

A concentração populacional nas cidades depende da subordinação do campo e assim, do acionamento dos produtores rurais ora como força de

trabalho ora como fornecedores de produtos de primeira necessidade. A cidade e o urbano transformam-se no oposto do campo e do rural, sendo criados novos vínculos com a agropecuária. Estabelece-se a dialética campo-cidade, que persiste com intensidade variável em meio às múltiplas crises sofridas em Kinshasa.

Esta cidade é uma cidade marcada por grandes diferenças de renda, que geram uma tendência à radical hierarquização das atividades na escala intraurbana, pela coexistência de atividades da mesma natureza mas, com qualidades muito diferentes. As possibilidades de consumo dos indivíduos variam muito nesta localidade. Existem de fato fronteiras difusas e complexas entre as duas faces da mesma moeda - riqueza e pobreza. Os contatos entre estas faces, na maioria das vezes, são conflituosos. Muitas vezes, estas fronteiras convertem-se em zonas perigosas, onde abundam assaltos, seqüestros, assassinatos, mendicância, drogas, estupros, desconfiança, tristeza e medo. Com as duas guerras ocorridas nos últimos sete anos, muitas armas ainda encontram-se nas mãos de vândalos e desertores. Estes, com a penúria e a crise de valores que prevalecem na cidade, buscam a sobrevivência, através da violência.

A cidade de Kinshasa, como outras metrópoles dos países subdesenvolvidos, apresenta uma face rica e ordenada. Esta é a vitrine através da qual veicula-se a realidade urbana, ignorando ou escondendo a angústia que se armazena nos fundos. Para a maioria dos habitantes, a vida urbana significa: moradias incômodas e mínimas; falta de higiene, conforto e privacidade; alta incidência de alcoolismo e consumo de drogas; dificuldades financeiras e materiais; iniciação precoce à vida sexual de crianças e adolescentes; grande incidência de chefia feminina (hoje, em média, com sete filhos por família), contradizendo práticas ainda vivas nas áreas rurais. Este quadro estimula-nos a citar palavras de Le Corbusier<sup>64</sup>:

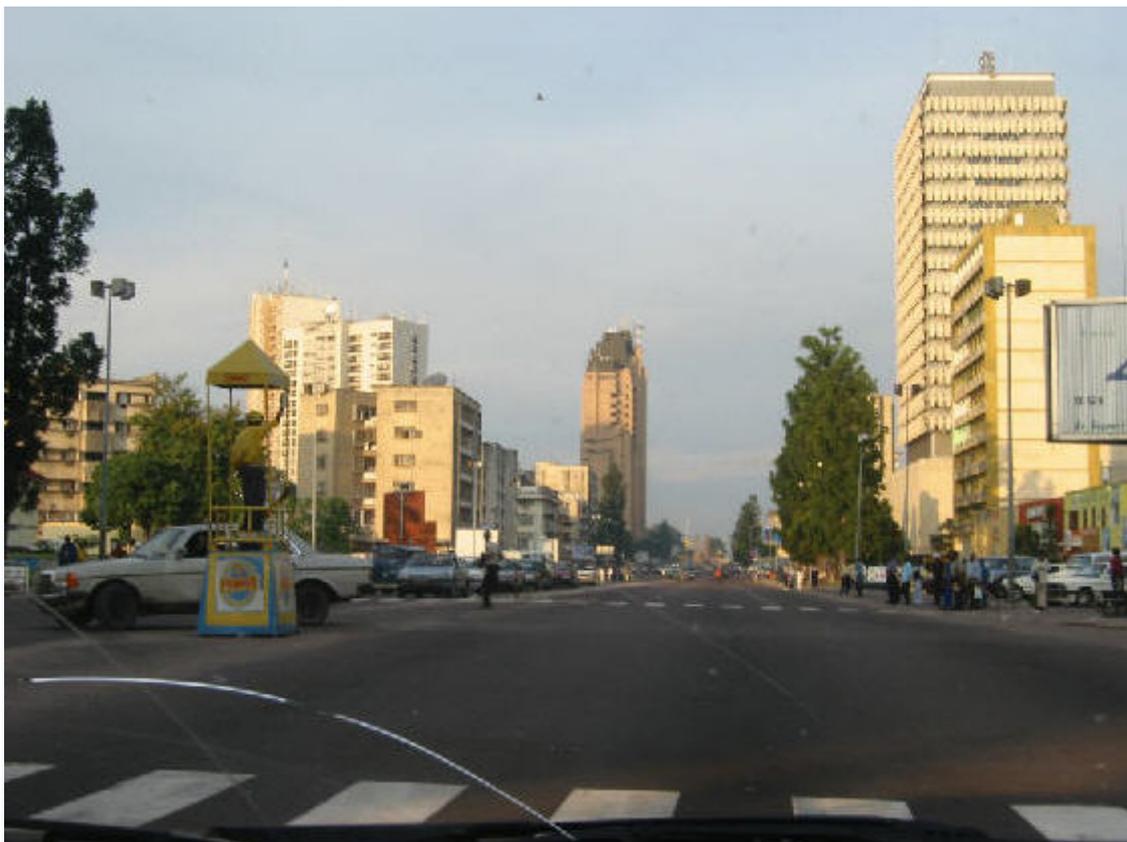
---

<sup>64</sup> LE CORBUSIER apud JUAN Maestro Alfonso. A pobreza nas grandes cidades, pág.26, Salvat editora do Brasil, S.A. - Rio de Janeiro, 1979.

“O emprego da máquina transformou por completo as condições de trabalho. Rompeu um equilíbrio milenar assestando um golpe mortal no artesanato, esvaziando os campos, engrossando as cidades e, ao liquidar harmonias seculares, perturbou as relações naturais que existiam entre o lar e os locais de trabalho. Um ritmo furioso que, unido a uma precariedade desalentadora, desorganiza as condições de uma vida, opondo-se à satisfação das necessidades fundamentais. As habitações abrigam mal as famílias, corrompem sua vida íntima. O mal é universal e expressa-se , nas cidades, por um amontoamento que as converte em presas da desordem e, no campo, pelo abandono de numerosas terras”.(pág.26).

Nestas circunstâncias, a problemática tratada pela teoria dos dois circuitos da economia urbana é de grande relevância para a compreensão do planejamento no Congo. Como a finalidade do sistema capitalista é a sua expansão, pouco interessando as suas conseqüências. Nos países de origem colonial e periférica, coexistem duas realidades bem diferentes no mesmo território ou na mesma cidade. O capital investe nos locais de sua escolha, isto é, onde a lucratividade é maior e onde não existam restrições normativas prejudiciais aos seus objetivos.

Imagem 5. Centre-Ville de Kinshasa



Zona nobre de Kinshasa, onde vive a elite e localizam-se as multinacionais.

Fonte: [www.allafrica.com](http://www.allafrica.com), acesso em 20.02.2006.

O circuito superior é composto por serviços oriundos da modernização tecnológica, com bancos, grande comércio, supermercados, salões de beleza sofisticados e todos os serviços direta ou indiretamente vinculados à exportação. Estes serviços encontram-se concentrados numa área bem delimitada da cidade. Esta situação perdura desde a colonização até os dias atuais, já que as elites políticas, que governaram a cidade após a independência, não mudaram esta estrutura, iniciada e implementada pelos colonizadores. Por isso, quando a população necessita de determinados serviços, como os oferecidos por bancos, correios, agências da administração pública, cartórios e ministérios, hospitais e laboratórios, melhores cinemas e restaurantes tem que dirigir-se à área central da cidade, onde estes serviços foram e permanecem concentrados.

A cidade de Kinshasa, na década de 1960, tinha uma população de 1.200.000 habitantes e uma economia que crescia lentamente. Hoje, a cidade tem mais de 7.000.000 habitantes, com uma economia em estado de paralisia. Este ritmo do crescimento demográfico aliado à estagnação econômica resulta num gigantesco saldo de pobres e miseráveis na cidade, como em todo o resto do país.

A passagem do campo para a cidade supõe o rompimento de determinados relacionamentos, costumes, hábitos e instituições de caráter tribal e regional incompatíveis com as condições existentes na cidade. No Congo, esta passagem não envolve apenas a passagem de uma cultura rural para outra urbana. Envolve, efetivamente, um salto na evolução histórica. Neste país, o êxodo rural não se faz apenas de modo individual ou familiar. Em muitos casos, todo o clã, os chefes com seus pertences, suas esposas, seus filhos, seus netos e seus empregados deslocaram-se para a cidade.

O conceito de exclusividade territorial, decorrente da ordem hierárquica tribal ou tradicional e de sua peculiar economia, é fonte de conflitos e tensões com as instituições urbanas e, até mesmo, com outras etnias ou clãs; tensões que, freqüentemente, degeneram em conflitos políticos. Algumas tribos esquecem-se ou ainda não aprenderam que a cidade é um lugar ou espaço comum, onde têm de conviver povos cujas hostilidades podem ser seculares e cujas culturas, práticas, valores e crenças diferenciam-se. Muitos conflitos que degeneram em guerras civis são resultantes destas tensões tribais que eclodem nas cidades.

Nestas condições, o processo de desintegração é gravíssimo e suas conseqüências traumáticas aos níveis individual e grupal. Há que acrescentar, ainda, a ausência de perspectivas profissionais, devido à falta de grandes indústrias na cidade. Kinshasa tem origem num assentamento histórico, acrescido dos centros administrativos e comerciais criados pelos colonizadores. Nesta cidade, a desocupação toma proporções prodigiosas, singulares e dificilmente reconhecíveis pelas categorias das estatísticas

ocidentais, que não apreendem a real magnitude da questão social congoleza. Em Kinshasa, existem exércitos de engraxates; guardadores de carros, farmácias ambulantes, seguranças particulares, vendedores ambulantes, mendigos profissionais, pastores ambulantes, cambistas, Khadafi (vendedores de gasolina ambulantes), vendedores de produtos tradicionais, formando uma legião de desesperados.

Conforme referência anterior, a singular conjuntura econômica e política que a República Democrática do Congo atravessa vem ocasionando a concentração de um novo tipo de pobre na cidade de Kinshasa, que formam, inclusive, novas comunas; os refugiados da recente guerra civil. Como a cidade não foi atingida pela guerra, grandes segmentos de população atingidos pela guerra, refugiam-se nela. O fim da guerra civil determinou o êxodo de populações de clãs inteiros, que tiveram de buscar refúgio em regiões que não haviam sido atingidas pelas hostilidades. Afinal, o fim das guerras não significa imediatamente paz.

A mudança supõe um doloroso processo de transformação que afeta desigualmente os membros da família e, ou do clã. A sociedade tribal é formada por grupos de pequenas dimensões, em boa medida auto-suficientes, culturalmente homogêneos e controlados pelas tradições. A família neles ocupa uma posição central, estando estruturada de modo rigidamente hierárquico. Esta estrutura contraste, com a vida numa grande cidade como Kinshasa, uma cidade de dimensões gigantescas, social e culturalmente heterogênea e submetida a contínuos e velozes processos de mudança, produzidas pela inovação técnica e pela incorporação de práticas ocidentais, que muitas às vezes são muito diferentes dos costumes e valores tradicionais dos congolezes.

E, em alguns casos de suas funções, a família é substituída por outras instituições. Portanto, na mudança do campo para uma cidade do tamanho de Kinshasa, a estrutura familiar tradicional ou tribal sofre grandes impactos. Nas áreas rurais, a família está estruturada com base na autoridade do pai. Esta estrutura, que estimula relações diretas e estáveis, não é suscetível de ser

transferida para a cidade, onde predominam os valores econômicos e a hierarquia tende a ser estabelecida com base na renda individual.

Nas zonas rurais, a autoridade do chefe de família, seja o pai ou o avô, é aceita de modo absoluto. Os outros membros da família permanecem como seus serviçais. Enquanto não ocorre a sua substituição, algo que em geral acontece apenas com a sua morte, suas decisões são soberanas e indiscutíveis. "Le chef coutumier" (o chefe de tribo), como é chamado localmente, cumpre as funções de organizador da produção e de mantenedor do equilíbrio do clã. Na cidade, mudam os papéis assumidos por anciãos ou chefes migrantes varia substancialmente. Estes convertem-se numa espécie de seres inúteis, que não participam da formação da renda das famílias, tornando-se, em cargas. Para eles, tendem a ser reservadas tarefas que seriam consideradas humilhantes para a sua antiga posição na tribo.

A vida urbana, para esta categoria de pessoas, gera traumas psicológicos. Como a cidade não as esperava ou não está preparada a recebê-las, convertem-se em marginais. Na cidade, não há a mesma solidariedade que existe no campo, onde os velhos não são jamais pobres velhos, mas bibliotecas vivas. Ocupam posições-chave no sistema gerontocrático de poder que impera no campo. Não sofrendo de solidão e as necessidades são menores. Os problemas deles aumentam quando chegam à cidade. A desintegração da família e o desaparecimento da pequena comunidade, juntamente com o predomínio de grandes distâncias e a constante mobilidade, fazem com que estas pessoas percam a posição social e econômica que tinham na aldeia.

Em Kinshasa, estão sujeitas a uma vida medíocre relegadas às comunas mais pobres da cidade. Transformam-se em porteiros ou sentinelas, guardadores de carros ou pequenos vendedores de artigos como cigarros e frutas. Esta categoria de pessoas, por causa da sua migração para grande cidade, acaba não sendo nem útil para cidade e nem mais para o campo. A cidade demanda pessoas com certos requisitos materiais e intelectuais, desnecessários no campo. Para assumir sua antiga profissão, não precisava

tanto de qualidade intelectual e material. O choque entre as duas realidades e concepções de vida é gigantesco.

As crianças e os jovens também, sofrem os traumas da migração rural-urbana e da desintegração social que incidem sobre as comunas mais pobres. No meio rural, a socialização e a aprendizagem acontecem num território delimitado e em ritmo lento, com o apoio dos estreitos laços familiares. Predominam, portanto, os vínculos afetivos que são característicos dos grupos primários. Na cidade grande, sua perspectiva sociológica muda. Seu universo de ação amplia-se enormemente em alguns casos e, noutros restringe-se à rua, ao quintal, ao pátio, à moradia... Diminui a intensidade da vida familiar, devido ao tipo de trabalho dos pais que, em muitos casos, só vêm os filhos à noite.

Criança e o jovem, que crescem nestas circunstâncias, buscam grupos de referência que lhes permitam substituir a antiga sociedade na rua, no mercado, nos descampados, nas obras e nas zonas periféricas. Neste contexto, buscam reencontrar a solidariedade perdida num grupo que compartilhe os seus sonhos e projetos, que podem ser uma aventura inspirada num filme, na televisão, em revistas ou livros. Deste modo, a turma adquirirá para esta criança ou jovem uma importância fundamental, em meio a uma sociedade contraditória, decepcionante, violenta e frustrante.

Na turma, no bando ou na gangue, esta criança ou jovem pode encontrar a sua realização, mesmo que o seu preço sejam a delinqüência, a criminalidade, o banditismo e a perda de elos com outros grupos sociais. Aparecem, assim, as rixas sangrentas, as torcidas organizadas e os schegues (marginais). São milhares de jovens que, devido a todos estes motivos, desembocam na marginalidade, aumentando assim, o número de pobres e marginais na cidade. Estes jovens também não tendo outras perspectivas de vida tornam-se alvos fáceis de dissidentes políticos, que os transformam em crianças-soldados, crianças-bombas, como ilustra a imagem abaixo.

## Imagem 6. Criança-soldado.



Crianças soldados, usadas pelos rebeldes e países invasores durante a guerra de 1998-2003.

**Fonte:** Monuc, 20.05.2006.

A crise atravessada pela economia da República Democrática do Congo deu origem, também, a processos de desestruturação da vida social. Paule Bouvier<sup>65</sup> observou:

*“Uma ‘desconexão sociocultural’ que se manifesta por um dismantelamento de estruturas familiares, um ressurgimento do sagrado, (...) de igrejas, e de sectarismo. Muitas vozes elevam-se para denunciar a proliferação, na cidade de Kinshasa, de igrejas e outras seitas que exploram a simplicidade ou ingenuidade de seus adeptos para enriquecer” (pág.88). (tradução nossa).*

Bob Kabamba<sup>66</sup>, um influente analista social dos problemas sóciopolíticos da sociedade congoleza, também observa: *“A crise econômica favorece esta proliferação de seitas, com a colaboração e a influência nefasta da televisão. As falsas acusações de bruxaria multiplicam-se, em qualquer situação de desgraça, de doença e de morte na família. Acusam, sem prova, um idoso ou uma idosa de ser bruxo ou bruxa. Algumas seitas privilegiam acusações contra crianças e as castigam para provocar a confissão. São numerosos os*

<sup>65</sup> P. BOUVIER Apud Olivier Lanotte. République Democratique du Congo, Guerres sans frontières, Editions GRIP, 2003. Paris.

<sup>66</sup> BOB KABAMBA, numa entrevista pessoalmente, em Kinshasa, junho de 2006.

*fenômenos que fazem agravar a crise e a miséria desta população” (Tradução nossa).*

Como constatamos durante o trabalho de campo, em Kinshasa, manifesta-se atualmente uma hiper-religiosidade. Assiste-se a uma proliferação de novos movimentos religiosos e seitas com milhares de adeptos e cultos quase diários, liderados, em sua maioria por pastores carismáticos que se dizem capazes de oferecer curas, empregos, casamentos, prosperidade, bens e paz aos necessitados. Em múltiplos aspectos, inclusive os espirituais, a pobreza urbana significa carência e contradição com a sociedade rica e abundante com a qual coexiste no mesmo espaço físico.

A carga pesada das sucessivas modernizações tem sido suportada pelos pobres, os que estão abaixo na hierarquia da renda, os desempregos. Estes são os que pagam, bem mais do que os outros, os custos sociais dos diversos planos de desenvolvimento. No Congo, importante parte dos recursos públicos, cuja aplicação é feita em nome do progresso, beneficia os que já são ricos, ao preço de uma injustiça social crescente. Assim, aumenta o número das bidonvilles, sua área, sua população, em Kinshasa, na medida em que cresce pobreza urbana. Nas condições atuais, a globalização e a urbanização agravam, profundamente, as desigualdades sociais. Estas desigualdades são atualizadas através da dinâmica dos circuitos superior e inferior da economia urbana (imagem 7).

## Imagem 7.Mercado Central de Kinshasa-2006



Mercado Central, localmente também chamado de Zando, onde são comercializados os produtos alimentícios e outros produtos característicos da economia tradicional de Kinshasa (integra o circuito inferior da economia urbana).

Fonte: Mukenge Shay, 20.06.2006.

Quanto à dinâmica dos dois circuitos, cabe dizer que os diferentes segmentos sociais podem consumir fora do circuito ao qual encontram-se fundamentalmente articulados. Trata-se, porém, de um consumo parcial ou ocasional, sobretudo as classes médias dirigem-se, freqüentemente, tanto ao circuito superior como ao inferior. Por outro lado, a força de trabalho do circuito inferior é exclusiva deste circuito. Quanto às atividades, estas também podem existir nos dois circuitos. Isto acontece, por exemplo, em certas formas de

fabricação em que ainda há coexistência de empresas utilizando tecnologias de diferentes origens e idades.

Os dois circuitos não formam dois sistemas impermeáveis entre si. Em primeiro lugar, porque a própria existência de uma classe média impede falar-se em circuitos fechados. Em segundo, porque o funcionamento de cada circuito depende de sua articulação interna, horizontal, e de uma articulação externa vertical, que realiza a comunicação entre atividades dos dois circuitos. O comportamento e a evolução de cada circuito estão ligados a variáveis que lhes são próprias e que modificam a sua importância relativa, como a chegada incessante de pobres na cidade, que fazem crescer o circuito inferior, ou, ainda, a existência de infra-estruturas e de apoio do Estado, que atraem as atividades do circuito superior.

As cidades do Congo apresentam singularidades com origem na sua história. Com os diferentes costumes de cada cidade, as atividades de cada circuito também se diferenciam, aliás, a natureza fez cada região ou cada cidade diferente da outra, pelo clima e recursos naturais. Como expõe Jacques Maquet<sup>67</sup>:

*“Distingüia cinco civilizações negro-africanas, baseando-se não apenas nos aspectos mais salientes destas culturas; mas, tentando incluí-las num quadro histórico e sociológico. Este autor partiu de critérios tecnológicos e distinguiu as antigas civilizações africanas, que ele denominou de civilização do arco, referindo-se aos que praticam a caça, como os pigmeus. Uma outra, que denomina de civilização da lança, dos pastores, como as do Leste do Congo, que vivem do gado, tendo como valores culturais importantes a guerra e a luta armada (...). Há, também, a civilização dos celeiros, dos agricultores, que já usufruíram de excedentes agrícolas, tendo assim, a possibilidade de criar grandes organizações políticas, as grandes monarquias africanas (impérios lunda e luba, por exemplo) da etnia bantu. Esta é a civilização das cidades, com artesanato muito desenvolvido e o comércio com o exterior de ouro, de marfim, de prata, como as etnias sudaneses. Por fim, a civilização industrial, caracterizando a entrada da África em contato com a civilização ocidental,*

---

<sup>67</sup> Jacques Maquet apud KABENGELE Munanga, revista Fundação João Pinheiro, 14 (7-10): 66-74, Belo Horizonte, Jul. a out., 1984.

*exemplificada pelas práticas de etnias bakongo na província do Baixo Congo.”(pp.7 e10).*

As práticas inerentes às mais de 400 tribos congolenses fazem da cidade de Kinshasa um mundo riquíssimo no que concerne a diversidade, o que se rebate nos conteúdos do dinamismo do circuito inferior. Neste circuito, a pulverização de empresas favorece a criação de ofícios: o elevado número de alfaiates permite a proliferação de armarinhos e, de igual modo, a multiplicação de pequenas empresas de construção incorpora toda uma multidão de marceneiros, carpinteiros, ferreiros, pedreiros, pintores. Tudo é pretexto para a invenção de novas fontes de renda. O abastecimento cotidiano da cidade motiva um grande movimento de rua, surgindo os pequenos ofícios ligados às necessidades pessoais e um transporte fragmentado e, portanto, de pequenos volumes. Em quase todas as ruas da cidade existe um intenso e vivo comércio.

A presença de funcionários, estudantes, religiosos ou um simples evento, nos lugares públicos, na cidade anima o pequeno comércio, os serviços e o artesanato. Pedreiros e marceneiros encontram trabalho na construção de casas que demandam um novo padrão de conforto; jardineiros encontram biscates nos pátios ou quintais de comunas nobres; pedreiros e fotógrafos vêem um novo mercado se abrir nos fluxos urbanos; mecânicos de carros e bicicletas, consertadores de geladeiras, fogões, carrinhos de mão também se beneficiam do circunstancial aumento do ritmo urbano.

O circuito inferior oferece à população pobre uma grande variedade de fontes de renda graças ao somatório de possibilidades decorrente da multiplicidade de pequenas empresas, em geral familiares ou individuais. Cada unidade de produção, de comércio ou de serviço, entretanto, só pode oferecer individualmente, um número pequeno de oportunidades de trabalho. Por isso, as atividades relacionadas a este circuito, apesar de seu dinamismo diário, não crescem de forma significativa. Aqui, reina a perpetuação da pobreza, por falta de acesso à técnica, a formas de financiamento e à capacitação profissional. Tratam-se de atividades que visam a sobrevivência e a garantia da vida

cotidiana de milhares de famílias.

Por toda parte, desde os centros urbanos até as aldeias perdidas na floresta, os mercados são o centro da vida social. Porém, defrontamo-nos com a nítida insuficiência de dados estatísticos concernentes ao circuito inferior da economia urbana. Particularmente para o pequeno comércio, a ausência das estatísticas em muitas cidades é gritante. A falta de dados relativos ao circuito inferior constituiu-se num grande desafio do nosso trabalho. Recolhemos, porém, os dados que permitem uma aproximação da realidade vivida em Kinshasa. O que mais nos preocupa, não são necessariamente as estatísticas exatas; mas, sim, as razões da manutenção de grande parte da população na pobreza. Precisamos identificar, assim, os fatores socioeconômicos responsáveis pela permanência da maioria da população no circuito inferior, apesar dos avanços tecnológicos e do grau de desenvolvimento urbano já alcançados. Conforme Maunder <sup>68</sup>(1960):

*“A economia urbana tradicional que chamamos de circuito inferior, como estática, em oposição à economia moderna julgada dinâmica. Esse raciocínio corresponde a um clichê, segundo o qual as atividades de serviços (leia-se circuito inferior) bloqueiam os mecanismos de desenvolvimento. Se o circuito inferior tem sua dinâmica interna e tem força para criar atividades e para proporcionar algumas melhorias, sua função fundamental é perpetuar uma situação de pobreza. São as elites da cidade ou de outros lugares que absorvem uma parte não negligenciável da renda urbana”.*(pág.17)

O que pode ser esperado de um negócio que tem como capital inicial menos do que U\$ 200 - valor declarado por alguns comerciantes durante o trabalho de campo - num país afetado pela inflação? Apenas a perpetuação da pobreza impera. A rotatividade no circuito inferior é muito grande, já que muitos negócios não resistem por bom tempo. Sem dúvida, as possibilidades de falência são evidentes e inevitáveis.

Esta característica marcante do circuito inferior, que é a perpetuação da

---

<sup>68</sup> MAUNDER apud Milton Santos, o espaço dividido, os dois circuitos da economia dos países subdesenvolvidos, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

pobreza, deve-se também a uma deformação do processo do desenvolvimento. A modernização tecnológica despreza a participação de uma parte da população, que alguns autores chamam de marginal, protoproletariado, reserva de mão-de-obra, superpopulação. Estes pobres, segundo Gunder Frank: “não são economicamente marginais, mas explorados, não são politicamente marginais, mas oprimidos (op cit pág. 19.)”. Esta situação é responsável pela criação ou pela expansão do circuito inferior da economia urbana, através da agregação de novos pobres e migrantes.

A compreensão do tamanho de Kinshasa, portanto, seria incompleta sem se levar em conta o circuito inferior. Este circuito, entretanto, também pode aparecer como uma herança de condições econômicas tradicionais. Seria o caso de afirmar-se que tradição e pobreza são sinônimos? Sob um ponto de vista histórico, esta sinonímia não é obrigatória nem evidente. Nas condições atuais, de grandes transformações mundiais, o aprisionamento no tradicional significa, sobretudo, estar destinado à pobreza. Assim, pobreza e circuito inferior aparecem como causa e efeito inegáveis da mesma situação histórico-estrutural, muito mais do que permite reconhecer a dicotomia tradicional-moderno. Antes da colonização, a economia congoleza era uma economia comunitária, na qual a tribo plantava, criava animais, caçava e mantinha um hábil artesanato. Nesta economia não havia fome e nem o desenvolvimento econômico. É a sua subordinação a outros determinantes da riqueza que gera, assim, a sua articulação à reprodução da pobreza.

As empresas familiares e os trabalhadores autônomos são numerosos, o capital é muito pequeno, a tecnologia tradicional e a organização deficiente. A busca por liquidez é permanente e as despesas com publicidade inexistentes. Desta forma, o endividamento substitui a poupança. As fotos a seguir mostram como a economia criada pela dinâmica do circuito inferior eclode em Kinshasa.

Imagem 8. Praça Vitória ( os dois circuitos lado a lado)-Kinshasa-2006.



Rond-Point Victoire na comuna de Kalamu. Este ponto articula o circuito superior e o circuito inferior da economia urbana.

Fonte: Mukenge Shay, dia 20.06.2006.

O circuito inferior constitui-se num mecanismo de integração social permanente, ainda que precária. Interessa, em primeiro lugar, a toda uma massa de migrantes insolventes e não-qualificados. Fornece trabalho e renda com uma imobilização mínima de capital. Responde, ao mesmo tempo, às necessidades de consumo e de obtenção de renda. Em consequência a melhor definição dessa situação seria: equilíbrio na miséria.

### Imagem 9. Barraca de produtos típicos-Kinshasa-2006



Produtos consumidos pela população que depende do circuito inferior da economia urbana em Kinshasa.

Fonte: Mukenge Shay, dia 20.06.2006.

Por outro lado, a face moderna da pobreza aparece registrada no empobrecimento dos trabalhadores integrados nos centros dinâmicos da economia do país, pela deterioração salarial, e degradação dos serviços públicos que afeta a qualidade de vida na cidade de Kinshasa ou, pela pressão representada pelo desemprego em larga escala que atinge o país. O modelo de modernização da economia tem sido acompanhado, como observou Eckaus (1955.idem.):

*“(...)De imperativos no plano tecnológico que acarretam a limitação das possibilidades de substituição dos fatores de produção. Essa rigidez impede a expansão do emprego. De fato, as técnicas mais eficazes para a expansão industrial foram concebidas como se a mão-de-obra fosse escassa. Se o modelo está longe de ser perfeito nos países desenvolvidos, é aberrante para os países subdesenvolvidos e provoca um crescimento industrial*

*acompanhado do aumento do subemprego e do não-emprego. Chega-se à conclusão irônica, formulada por Singer (1970, pp. 70-71), de que “a criação de empregos conduz ao aumento do não-emprego”.(pág.548).*

Se esta é a tendência geral, os seus impactos serão muito mais graves e fortes nas circunstâncias econômicas e políticas que caracterizam a vida em Kinshasa. Como lembra Rattner (1972b, *ib.*pág.35):

*“A concentração econômica e espacial é correlativa de um fenômeno paralelo de acumulação da pobreza (...) nos próprios centros de crescimento econômico”.O aumento de favelas em número, em superfície e em população, nas cidades do Terceiro Mundo está em relação com a pobreza urbana e os modelos de consumo importados.A liquidez é coisa rara, e em vez de gastá-la no aluguel de uma casa, as pessoas são induzidas a preferir outros tipos de consumo, que entram nos hábitos através de um grande esforço de publicidade, em prejuízo de outros consumos essenciais, como o de alimentação e de moradia. “No derrisório orçamento de pobres e de uma boa parte das classes médias, há uma verdadeira competição para o uso do dinheiro líquido disponível”.(pág.35)*

Na realidade de Kinshasa, algumas pessoas optam por uma moradia inadequada para dar prioridade a formas de consumo: shows ou roupas e sapatos de marca. Kinshasa é afinal, uma das capitais da música moderna do continente africano. Por esta razão, muitos jovens acabam imitando os hábitos de artistas e celebridades, difundidos pelos meios de comunicação, o que também agrava a pobreza. Durante o nosso trabalho de campo, tivemos a oportunidade de dialogar com muitos grupos de jovens que exibiam vestimentas aparentemente de marca, apesar de seu aspecto faminto. Esta juventude privilegia a satisfação de necessidades superficiais em detrimento de necessidades mais fundamentais. Trata-se, assim, de uma falsa e enganosa participação no circuito superior.

A atual flexibilização do mercado de trabalho e a nova divisão internacional de trabalho, além da estagnação econômica e das crises políticas são causas do crescimento desordenado do circuito inferior em Kinshasa.De

acordo com Milton Santos<sup>69</sup>:

*“Para a grande maior parte da humanidade, a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e a classe média perde em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a AIDS, se instalaram e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A morte infantil permanece a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção. A perversidade sistemática que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas”. (pp19e20).*

É frente à atual globalização, que tem conseqüências nefastas para a grande maioria da população dos países pobres, que torna-se indispensável criar um outro processo de desenvolvimento capaz de contrariar a atual concepção hegemônica de mercado, que apresenta-se como a única versão possível das relações socioeconômicas, tecnológicas, financeiras e culturais como ocorre. Para Ana Clara T. Ribeiro (2004a)<sup>70</sup>, neste sentido, o mercado socialmente necessário, corresponderia ao denominado, por Milton Santos, de circuito inferior da economia urbana. Este outro mercado concreto e próximo, conforme a autora: “Possui raízes ancestrais, ainda anteriores àquelas que alimentam a concepção hegemônica de mercado” (pág.107). Assim, não pode ser negado. Ao contrário, as suas potencialidades precisam ser reconhecidas, em direção ao desvendamento de um novo ideário para o desenvolvimento. Milton Santos <sup>71</sup>sugere que o caminho seria: “A construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana. (pp. 19 e20) .”.

As redes de troca de tantas experiências congoleas, os movimentos sociais, os projetos de desenvolvimento local e os experimentos da economia solidária são algumas das soluções ora refletidas para os problemas sociais

<sup>69</sup> Milton Santos. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal, 2<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Record. 2000.

<sup>70</sup> Ana Clara Ribeiro Torres. Formas em crise: Utopias necessárias, p.107, ED.Arquimedes, Rio de Janeiro, 2005.

<sup>71</sup> SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal, pp 19 e 20, 2<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Record. 2000.

resultantes de globalização. A economia informal de trabalho assume funções importantes no combate ao desemprego aberto e no que concerne à inserção social, podendo dar origem a cooperativas. Estas organizações desempenham funções que antes eram atribuídas ao Estado. Nestas condições, a economia informal integra-se ao terceiro setor, tomando a forma de organizações não-governamentais (Ongs) e redes sociais.

São necessários novos caminhos que garantam a conquista de uma sociedade justa, livre, soberana, acolhedora, tolerante e pacífica. Encontrá-los depende do reconhecimento da força e da experiência daqueles que conseguem encontrar as condições de sobrevivência em situações extremamente adversas.

### **3 .1 Características dos dois circuitos da economia urbana em Kinshasa.**

Não é possível caracterizar os dois circuitos da economia urbana através de variáveis isoladas. Antes, é necessário considerar o conjunto de atividades. De cada circuito. Porém, podemos dizer, desde já, que a diferença fundamental entre as atividades do circuito inferior e as do circuito superior encontra-se baseada na tecnologia e na organização; incluindo, portanto, os recursos materiais e humanos.

O circuito superior utiliza tecnologia capital intensiva, enquanto que o circuito inferior fundamenta-se em trabalho intensivo, em geral apoiado em técnica de origem local ou localmente adaptada e recriada. O primeiro circuito é imitativo e, em grande parte, extrovertido, nos países periféricos, enquanto que o segundo dispõe de um potencial de criação considerável, apesar de sua precariedade e instabilidade.

Quadro 1.Características dos dois circuitos

	<b>CIRCUITO SUPERIOR</b>	<b>CIRCUITO INFERIOR</b>
--	--------------------------	--------------------------

<b>-Tecnologia</b>	Ajustado aos padrões dos países centrais: Ex: IBM, Coca Cola, Peugeot e Nestlé, Banco Central do Congo, Banco do Congo, Banco Comercial do Congo. Miba, Gecamines, Regideso Snel. Banco Comercial do Congo, Banco de Kinshasa, Banco de Credito Agrícola, Banco Internacional da África, Banco Mundial, Citibank.	Trabalho intensivo: Durante o trabalho de campo, encontramos entidades que não dispunham nem de uma simples calculadora. O recurso à tecnologia concentra-se na categoria “saúde”: microscópios, computadores, tomógrafos, RX...Na categoria “venda” existem poucos equipamentos, como computadores e xerox. Já na categoria: “artesanato” surgem pequenas máquinas: fotográficas e de costura.
<b>-Organização</b>	Burocrática: Incorporação de procedimentos e técnicas de controle do trabalho e da informação. Inclui o treinamento e a gestão moderna dos recursos humanos. Há organização da matéria prima, utensílios e capitais. Deste conjunto de elementos, resultam: organização material e social. <sup>72</sup>	Face a face: Em muitas unidades, não há hierarquia rígida. Nas categorias “venda e artesanato”, há falta de regras estáveis. Por isso, a mudança de atividades é freqüente, e a falência também. Já na categoria “saúde”, há mais rigor. Para ingressar neste segmento, é necessário formação, às vezes de nível acadêmico.
<b>-Capital</b>	Muito elevado: o capital investido corresponde a investimentos estrangeiros e à captura da poupança interna, incluindo a carga tributária. Ajusta-se às regras do mercado financeiro e às diretrizes das agências multilaterais. Ex: Miba, Gecamines, Regideso, Móbile, Petrocongo, Michelin.	Reduzido: O capital investido é muito pequeno, com exceção parcial da categoria “saúde”. Na categoria “artesanato”, a exceção é a oficina mecânica. Na categoria “venda”, ocorrem investimentos apenas nos segmentos bebida e alimento.
<b>-Emprego</b>	Muito reduzido: Concentra a mão-de-obra estrangeira e deixa poucas oportunidades aos congolezes. Segundo os dados da OIT, a economia formal incorpora, em 2000, 4 % da PEA.	Volumoso: Nas categorias “venda e artesanato”, há a incorporação de um grande número de trabalhadores. Já na categoria “saúde”, são poucas as pessoas envolvidas. Como já dito, o ingresso nesta categoria de

<sup>72</sup> FAYOL, Henri. Administração industrial e geral; pág..72,9 ed., São Paulo, Atlas, 1976.

		atividades, exige formação e investimento inicial significativo.
<b>-Assalariamento</b>	Dominante: Há a tendência ao ajuste às regras formais do trabalho, mesmo que o salário possa ser extremamente baixo.	Não-obrigatório: Em muitos casos, há assalariamento; mas, não encontramos ninguém com carteira assinada. Como muitas unidades são familiares, são incorporados esposas, filhos e netos; por vezes, sem qualquer tipo de remuneração.
<b>-Formação de estoque</b>	Na indústria e no comércio, predominam os estoques que garantam a exportação e a distribuição interna de produtos. Mantém grandes quantidades de estoque e abastecem da cidade em mercadorias e serviços.	Pequenas quantidades. Pelo pequeno capital investido, não há como manter grandes estoques. Compra-se freqüentemente dos atacadistas para revenda cotidiana no varejo. Por isso, quando faltam produtos nos atacadistas, eclode o desespero. Como há escassez crônica de dinheiro efetivo, muitas empresas não têm reservas monetárias. Predominam as compras freqüentes de pequenas quantidades.
<b>-Formação de preços</b>	Fixos (em geral): Os preços são estipulados pelas corporações em alguns casos, pelo governo.	Submetidos à negociação entre comprador e vendedor: Em quase todas as categorias, existe a pechincha. A fixação de preços, pode inclusive depender, inclusive, da fisionomia ou aparência do comprador, como é comum nas categorias "venda" e "artesanato". -Os homens barrigudos são as maiores vítimas dos vendedores; pois, na concepção local, ter barriga avantajada é sinônimo de ter posses. A pechincha e a fidelidade podem criar relações de amizade entre o vendedor e o comprador, permitindo a venda fiada.

<b>-Crédito</b>	As empresas e agências têm acesso a formas oficiais de crédito e a formas de financiamento propiciadas por suas matrizes no exterior e agências multinacionais ou governos estrangeiros.	Pessoal, não institucional: O crédito bancário é inexistente. A fonte de financiamento é formada por empréstimos pessoais, doações e presentes de membros da família e amigos. Os migrantes congolezes são os principais financiadores destas atividades.
<b>-Margem de lucro</b>	A margem de lucro global é muito elevada por ter origem em alta produtividade, em monopólios e nas formas de controle da circulação mundial de bens e serviços.	Elevada por unidade, mas pequena em relação ao volume de negócios: As práticas especulativas predominam. A lucratividade por unidade é grande, pois dela dependem a preservação do negócio e a manutenção da família.
<b>-Relação com a clientela</b>	Impessoais ou com papéis claramente definidos.	Diretas, personalizadas: Em muitos casos, o comprador e o vendedor conhecem-se pelo nome ou aparência. A manutenção desta relação permite a confiança e a formação de clientela. A confiança é necessária, pois não existem a compra e a venda mediadas por cheques, cartões de crédito ou débito em conta corrente.
<b>-Custos fixos</b>	As organizações investem pesadamente em tecnologia e infra-estrutura. Da mesma forma, o funcionamento dos grandes bancos depende de investimentos e sistemas de informação.	Desprezíveis: Custos elevados foram encontrados apenas, na categoria "saúde". Na categoria "Artesanato", por vezes, é indispensável o acesso a um capital inicial significativo, assim como nas oficinas mecânicas.
<b>-Publicidade</b>	Indispensável: Televisão, rádio, jornal, revista e outdoor são alguns dos veículos utilizados na propaganda de produtos e serviços. Os produtores de cerveja e as empresas telefônicas são as campeãs nos investimentos em publicidade.	Nula: Predomina a comunicação boca a boca. Poucos empreendimentos anunciam seus produtos e serviços através de jornais locais, outdoors e estações de rádio.

<b>-Reutilização de equipamentos e materiais</b>	Nula: Poucas empresas interessam-se pela reciclagem de equipamentos e materiais. O controle do mercado toma este esforço desnecessário. Além disto, inexistem políticas públicas dirigidas a este tipo de racionalização da produção.	Freqüente: Nas categorias “venda” e “artesanato”, o reaproveitamento de materiais é muito intenso. Nada é desperdiçado, envolvendo fogões velhos, ventiladores, panelas, sapatos e roupas usados...
<b>-Overhead</b>	Indispensável. A preservação das rotinas de produção das grandes corporações exige a previsão de investimentos a longo prazo. Por outro lado, o funcionamento das grandes empresas impõe a organização de reservas que garantam o controle de riscos e manutenção de investimentos.	Dispensável: Com a crônica escassez monetária e sem fontes institucionais de financiamentos, torna-se inviável poupar para reinvestir a longo prazo. O lucro é absorvido nos negócios e no consumo das famílias.
<b>-Ajuda governamental</b>	Importante. A ação do governo pode ser demonstrada pelos dados do Banco Central, que reduziu, em 30%, o financiamento das empresas estatais, provocando uma queda da inflação de 13,7% em 1997. <sup>73</sup>	Nula ou quase nula: Não há nenhuma ajuda por parte das entidades governamentais. O governo só intervém para tributar, mantendo-se totalmente ausente do estímulo das atividades econômicas.
<b>-Dependência direta do exterior</b>	Muito elevada. Trata-se de atividades em grande parte voltadas para o mercado externo e dependentes de tecnologia e até de financiamentos de entidades estrangeiras. As empresas envolvidas na prestação de serviços públicos de água e eletricidade dependem do exterior para aquisição de produtos e equipamentos para a manutenção de seus serviços.	Reduzida ou nula: Como já foi dito, as atividades têm, como fonte de financiamento, familiares e amigos e, sobretudo, familiares que moram fora do país. Estas atividades, por vezes, dependem dos produtos importados pelas grandes corporações.

Acontece, freqüentemente, de grandes firmas criarem e controlarem

<sup>73</sup> Rapport annuel 1997 de la Banque Centrale du Congo, p. 168.-Apud MWAYILA, Tshiyembe, La transition en Republique Democratique du Congo: bilan, enjeux et perspectives, pág.61, L'Harmattan, 5-7, 75005, Paris.

bancos, sendo esta uma maneira de também controlar outras atividades e, eventualmente, absorvê-las. Já as atividades do circuito inferior são baseadas simultaneamente em dinheiro líquido e em doações de amigos e parentes com mais recursos. O crédito, aqui, é de outra natureza, com uma larga percentagem de crédito pessoal direto, que é indispensável à preservação do trabalho daqueles que não podem acumular. A obrigação de reembolsar periodicamente aos que fornecem o crédito torna desenfreada a procura por dinheiro líquido.

As atividades do circuito superior manipulam grandes volumes de mercadorias, enquanto que as do circuito inferior, tanto no comércio quanto na fabricação, trabalham com pequenas quantidades, fazendo com que o estoque praticamente inexista. Contudo, no circuito superior, as quantidades também podem ser reduzidas. Este é o caso das lojas especializadas, onde os preços são muito altos em virtude da qualidade do produto oferecido (pedras preciosas, diamante e ouro) ou da especialização da demanda, como nas empresas ligadas à moda.

No circuito superior, os investimentos são muito elevados, em decorrência da tecnologia utilizada. Ao contrário, no circuito inferior, as atividades são baseadas em investimentos reduzidos, sendo dispensada a organização burocrática do trabalho. O emprego oferecido pelos dois circuitos é um resultado da combinação dessas variáveis. As atividades modernas, que conduzem de preferência ao assalariamento, empregam poucas pessoas, apresentando tendência constante à redução dos postos de trabalho. Nos serviços, manifesta-se uma tendência geral à elevação do emprego, graças, em boa parte, às instituições públicas. Mas, no que diz respeito aos serviços e à indústria, o emprego é criado apenas nas maiores cidades do país, como Kinshasa e Lumbubashi.

No circuito inferior, a previsão do lucro é praticamente impossível, porque os preços são definidos em função do cliente. A relação cliente e vendedor é um fator determinante dos rumos da negociação. O cálculo dos custos fixos pesa pouco. Já que impera a reutilização de equipamentos e materiais. Neste circuito, regatear e pechinchar, além de provar antes de

comprar, são algumas das regras estabelecidas. Assim, é grande a oscilação dos preços. Neste circuito, o lucro pode ser abusivo, prejudicando o mais pobre.

Na República Democrática do Congo, o circuito superior emprega um número importante de estrangeiros: senegaleses, indianos, japoneses, americanos, franceses, belgas, chineses, paquistaneses, libaneses... No circuito inferior, o trabalho é quase totalmente realizado por congolezes. Às vezes, porém, estrangeiros participam como comerciantes, trabalhando por conta própria.

As atividades do circuito superior são, em grande parte, baseadas na publicidade, utilizada para modificar gostos e interferir no perfil da demanda. No circuito inferior, a publicidade não é necessária, graças aos contatos freqüentes e pessoais com a clientela. Tampouco seria possível, já que a margem de lucro é aplicada diretamente na sobrevivência diária dos agentes econômicos e seus familiares.

O trabalho no circuito inferior raramente é permanente e o contrato freqüentemente assume a forma de um acordo pessoal entre patrão e empregado, sendo, em muitos casos, apenas verbal. Neste circuito, é grande a importância do trabalho familiar. A média de ocupados por empreendimento é baixa; mas, em compensação, o número global de pessoas ocupadas é considerável. Este circuito é o verdadeiro fornecedor de ocupações para a população pobre da cidade. Estas características estão ligadas às condições técnicas e financeiras das atividades desse setor e a suas relações com o conjunto da economia da cidade.

Nas atividades do circuito inferior, criam-se ações e práticas de solidariedade entre familiares e conhecidos. As famílias congolezas são muito extensas, incluindo tios, primos, sobrinhos e avós. Isto faz com que o circuito inferior abrigue muita gente com pouco investimento. Neste circuito, trata-se, antes de tudo, de sobreviver e assegurar a vida cotidiana da família, bem como, na medida do possível, de ter acesso a formas de consumo

características da vida moderna.

As atividades do circuito inferior quase não têm custos fixos e quando os têm, são baixíssimos. Neste circuito, uma das bases da atividade é justamente a reutilização de bens. E este fato é facilmente verificável, tanto no ramo de conserto de roupas e de aparelhos como no de veículos e de eletrodomésticos ou ainda, na construção de casas. Como disse Milton Santos, citando Lavoisier<sup>74</sup>:

*“O circuito inferior pode ser definido segundo a fórmula, nada se perde, nada se cria, tudo se transforma... O jornal usado torna-se embalagem, o pedaço de madeira se transforma em cadeira; as latas, em reservatórios de águas ou em vasos de flores. Isso ocorre também com relação às roupas que passam do pai para o filho, do irmão mais velho para o irmão mais novo, se já não foram compradas de segunda mão; na construção das casas aproveitam-se todos os tipos de materiais abandonados ou vendidos a baixo preço”.* (pág.156).

As atividades de circuito superior usufruem direta ou indiretamente da ajuda do governo, enquanto que as do circuito inferior não dispõem deste apoio e, freqüentemente, são perseguidas, como no caso dos vendedores ambulantes da cidade de Kinshasa.

O circuito inferior tende a ser controlado, subordinado, dependente. A sua integração é local (Kinshasa e pequenas cidades vizinhas), enquanto que, no circuito superior, as atividades localmente realizadas integram-se às de outras cidades do país ou do exterior. Este é o caso da Société Nationale d'Électricité (SNEL), que depende da tecnologia e de outros inputs, capital e de matérias-primas em grande parte obtidos no exterior. Assim, o circuito inferior encontra os elementos necessários à sua dinâmica na cidade, enquanto que o circuito superior depende de sua inserção noutras escalas de realização da economia.

### **3.2.Persistências do mercado informal em Kinshasa**

---

<sup>74</sup> Milton Santos: O espaço dividido, os dois circuitos da economia dos países subdesenvolvidos, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

Frente ao desmoronamento da economia do Congo, a população de Kinshasa só dispõe da sua imaginação, da sua criatividade e de sua boa vontade para encontrar meios que garantam a sobrevivência. É o reinado do famoso artigo XV: "vira-se!"<sup>75</sup>. Como o setor formal não emprega a população, as soluções surgem do setor informal.

No circuito inferior, concentram-se os interesses econômicos do povo. Nesta economia, encontramos integradas pessoas que foram excluídas ou que nunca conseguiram ingressar no mercado formal de trabalho. Encontramos também aquelas pessoas que, devido aos baixos salários – em Kinshasa, convém recordar, os salários pagos nos serviços públicos são baixíssimos -, buscam, no trabalho por conta própria (individual ou familiar), a complementação de sua magra renda.

No Congo, este tipo de economia é praticado pelas diversas tribos. Para algumas, esta experiência antecede até mesmo o próprio capitalismo, permanecendo viva. As atividades desta economia têm se tornado mais relevantes, gradativamente, para economistas, políticos e cientistas sociais. De fato, um modelo de acumulação de capital, que privilegia o capital financeiro em detrimento do capital produtivo, gera, em sua contraface, a proliferação de estratégias individuais e coletivas de sobrevivência na República Democrática do Congo. Com o desemprego crescente e a miséria batendo todos os recordes, observamos, nas ruas de Kinshasa como das outras grandes cidades do país, um número sempre crescente de crianças, jovens e adultos que se encontram diante do desafio de inventar qualquer atividade para fazer face às suas necessidades mais imediatas e urgentes.

Em todos os cantos da cidade de Kinshasa, vende-se de tudo, em todas as horas do dia. Até parece, por vezes, que a única ocupação disponível é o pequeno comércio. A pobreza é tão grande que a impressão que se tem é de que todos são vendedores. Em muitos casos, a família inteira participa destas

---

<sup>75</sup> PEPÉ Kallé, um dos grandes músicos da música congoleza, popularizou esta expressão em 1985, na canção, "Artigo XV, se vira para sobreviver" "Que você seja jovem ou adulto, todos nós, nos encontramos perante a mesma realidade: a vida difícil, o pesadelo diário, o que fazer, senão se referir ao artigo XV, virar-se para sobreviver em Kinshasa".

atividades. Nas grandes avenidas, convivem mendigos, doentes, vendedores, refugiados de guerra, órfãs, crianças abandonadas, pivetes, mecânicos ambulantes, traficantes, loucos, drogados, alcoólatras, desempregados, ladrões, famintos e miseráveis.

Também multiplicam-se as barracas de cachorro quente, os barzinhos, as lojinhas, as feirinhas populares, organizados familiarmente ou em grupos de dois ou mais sócios, que , em geral, são amigos de longa data. Segundo Milton Santos<sup>76</sup>:

*“O circuito inferior de economia é formado por um conjunto de atividades e de situações de emprego resultantes de uma urbanização sem industrialização. Este circuito, (...) é o resultado de uma situação dinâmica e engloba serviços como o doméstico e os transportes, assim como atividades de transformação como o artesanato e as formas pré-modernas de fabricação, caracterizadas por traços comuns que vão além de suas definições específicas e que têm uma filiação comum” ( pp.157-158).*

Em Kinshasa, aproveita-se de tudo, tudo tem uma finalidade, nada é desperdiçado. O objeto comprado por um membro da família, para seu uso pessoal, poderá vir a servir adiante para os outros familiares. Isso vale para roupas, sapatos, móveis... Tudo que é útil para ao cotidiano, só vai para o lixo quando não serve para mais nada e nem para ninguém. Assim, nos chamados mercados negros de Kinshasa, encontra - se uma variedade muito expressiva de artigos e objetos.

Aliás, o circuito inferior é muito eficiente no reaproveitamento de recursos. Muitos utensílios são frutos de recuperação. A vida de um carro, de uma geladeira ou de um ventilador pode ser prolongada pela capacidade desenvolvida pelos trabalhadores deste circuito. A idade tão elevada dos veículos na cidade de Kinshasa talvez seja o exemplo mais concreto e surpreendente desta capacidade de recuperação. Assim, a sobrevivência em Kinshasa deve-se, em muitos casos, ao funcionamento e à vitalidade das

---

<sup>76</sup> Milton Santos :O espaço dividido, os dois circuitos da economia dos países subdesenvolvidos, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979

pequenas e médias empresas que operam no setor informal.

O crescimento incessante do mercado informal em Kinshasa, conforme referência anterior, origina-se no êxodo rural: 55 % da população do Congo vivem nas áreas urbanas, contra menos de 20 %, em 1960, por ocasião da independência. Os novos migrantes pressionam o limitado mercado de trabalho de Kinshasa e os que não conseguem uma ocupação formal procuram a obtenção da renda no circuito inferior da economia urbana. Os atores do mercado informal organizam seus empreendimentos, individual ou associativamente, contando com sua própria força de trabalho e a de membros de sua família. A vitalidade permitiu que a economia popular se transformasse num poderoso meio de sobrevivência, que se opõe à exclusão cultural, política e social que ameaça parte significativa da população. Atualmente, o transporte público, por exemplo, é feito, em quase sua totalidade, por empresas informais, como ilustra a imagem 10.

As atividades do circuito inferior, em sua maioria geridas por congolezes, significam a recusa da morte por uma população cuja vulnerabilidade não tem mais como ser demonstrada. A economia congoleza é uma economia baseada na informalidade desde a independência. Por este motivo, alguns alegam que, por fazer parte dos costumes da população, a intervenção do governo, os ajustes fiscais e na legislação enfrentariam a resistência de empregadores, autônomos e empregados. Porém, este é um argumento em grande parte abstrato e genérico. De fato, as atividades do circuito inferior apresentam problemas que demandam a intervenção corretiva do poder público, como os ligados à falta de crédito, energia elétrica e à violência.

### **3.3. Fatores internos e externos da crise**

Todos os especialistas que estudaram e analisaram a economia congoleza são unânimes em reconhecer que a crise que afeta o país começou com a política colonial e agravou-se logo após a independência. Este fato tem uma explicação clara e simples. A economia do Congo Belga estava a serviço do desenvolvimento da Bélgica, uma economia cuja finalidade era o

desenvolvimento prioritário da metrópole. Este foi o germe da crise que se seguiu logo após a independência. Segundo *Malikwisha Meni*<sup>77</sup>:

*“O PIB do Congo Belga em 1958 estava no mesmo nível que o PIB canadense. Mas, logo em seguida, tomamos itinerários diferentes: enquanto que o Canadá desenvolve-se e se encontra, hoje, entre as 7 grandes potências econômicas mundiais, a República Democrática do Congo encontra-se atualmente entre os Países Menos Avançados (PMA), segundo dados do Pnud de 1998”.*(tradução nossa).

### **Imagem 10. Boulevard Lumumba-Kinshasa-junho 2006.**



Boulevard Lumumba, no subúrbio de Masina e de Kimbanseke, concentra a pobreza e o descaso.

Fonte: Josué Kalala, 2006

<sup>77</sup> MALIKWISHA Meni. L'importance du secteur informel en RDC, Un article publié dans le bulletin de l'ANSD, vol. 1, decembre 2000, pp.21-40. Kinshasa: Academie Nationale des Sciences du Developpement (ANSD). Seance du jeudi le 27 janvier 2000.

Mesmo após a independência, a economia do país continuou a serviço das grandes potências, o que impediu o seu desenvolvimento mais amplo e harmonioso. O ex-presidente de Zâmbia Kenneth Kaunda espôs, com eloquência, a exploração da África pelo ocidente: "Até o momento, a indústria mundial nos explorou, mantendo umas poucas aparências. Agora, furta-nos abertamente. É um hold-up permanente às nossas riquezas, e pedem que a gente assista a isso de mãos ao ar... esperando a gorjeta".(pág.165)-A título de exemplo, citou a evolução do preço da venda de cobre. Os termos de troca degradam-se incessantemente; 190 toneladas de cobre por um jipe em 1960; 350 toneladas por um jipe, em 1970 A relação é ditada pelas companhias ocidentais.<sup>78</sup> Nas relações econômicas dos países ocidentais com a África, o comprador é quem fixa o preço.

Muitos observadores da crise das instituições no Congo avançam hipóteses explicativas desta. Mas, a hipótese que mais se aproxima dos fatos é a da combinação de múltiplos fatores, ligados tanto à situação sóciopolítica interna, quanto às circunstâncias geopolíticas regionais em ebulição como, também, à conjuntura política e econômica a nível mundial. Nesta direção, Servan-Schreiber e Jean-Jacques, no livro: O desafio mundial, registram uma declaração do responsável pela África do Departamento de Estado dos Estados Unidos ao New York Times: "Para os Estados Unidos, a posição do Congo na África é semelhante à do Brasil na América do Sul. A corrente em favor do Congo dá esperanças de que ele consiga estender sua hegemonia sobre o continente(op cit pág 237) <Caso não consiga, o remédio será a aplicação da velha estratégia: a força.Soldados, mercenários, armas, sobretudo armas, sempre armas, que constituíram e continuam constituindo a mais cômoda e lucrativa a única moeda de troca utilizada na apropriação de abundantes matérias primas.

A economia do Congo, após a independência, permaneceu baseada no extrativismo mineral, alimentada, em grande parte, pela exportação de cobre, diamante, ouro e cobalto. Dessa forma, a queda do preço, no mercado

---

<sup>78</sup> KAUNDA apud Servan-Schreiber e Jean-Jacques, O desafio Mundial, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

mundial, de dois minérios (cobalto e cobre), na década de 70, teve grande impacto negativo no desenvolvimento econômico e social do país. Nesta época, os dois minérios eram responsáveis por 60% das exportações. Esta perda não foi compensada, fundamentalmente pela ausência de políticas capazes de redirecionar e diversificar a estrutura produtiva do Congo.

A queda do preço do cobre e do cobalto pode ser demonstrada pela redução das receitas do Estado no período de 1980-2000. Atualmente, a contribuição de empresas e pessoas físicas para os cofres públicos é insignificante: U\$ 200.000.000, em 2000, frente a U\$ 1.176.000.000, em média, na década de 1980(Tabela 10).

Tabela 10. Arrecadação do Estado no período de 1980-2000(em milhões de dólares).

Ano	1980	1990	1991	1994	1998	1999	2000
Volume de recursos	1.176	785	391	138	375	250	200

Fonte: Banque Centrale de la République Démocratique du Congo - 2001.

A empresa Générale des Carrières et des Mines (Gecamines), a maior estatal envolvida na exploração e exportação de minérios (cobre, manganês, cobalto e zinco), teve a sua contribuição para a receita do Estado fortemente reduzida nos últimos anos, como demonstra a tabela 11, apresentada a seguir. Esta empresa contribuía, na década de 1980, com, em média, U\$ 360.000.000. Nos dias atuais, a contribuição é insignificante, tendo sido, em 2000, de apenas 370.000.

Tabela 11. Contribuições da Gecamines no período de 1988-2000 (em U\$ milhares).

1988	1989	1990	1991	1999	2000
------	------	------	------	------	------

368.000	354.000	187.000	100.000	1.241	370
---------	---------	---------	---------	-------	-----

Fonte: Banque Centrale de la République Démocratique du Congo - 2001.

A deterioração da economia do Congo aprofundou-se nos anos 1990, em decorrência da política econômica do governo Mobutu. A ajuda militar que a República Democrática do Congo recebeu das grandes potências em 1977 e a ajuda financeira recebida de credores ocidentais tiveram, como termo de troca, a tutela do sistema financeiro do país. Um delegado do Fundo Monetário Internacional (FMI) assumiu as funções de presidente do Banco Central do Congo. Segundo Servan-Schreiber e Jean-Jacques: “Não há exemplo, desde o fim das guerras coloniais, de um Estado que abandone assim a sua soberania, mas o Congo não tinha alternativa”.(Idem pág. 238).

Com o abandono da soberania nacional, o país desfaz-se, roído pela corrupção e pelo contrabando. Produtos agrícolas saíam sem qualquer controle por todas as fronteiras e os produtos minerais eram desviados. As receitas do Estado, que chegavam a U\$ 1.760.000.000 na década de 1980 caem, na década de 1990, para, em média, U\$ 785.000.000, reduzindo-se a 375.000.000 em 1998(ver Tabela 10). Esta situação em grande parte reflete a queda da exportação de minérios, realizada pela Gecamines, a partir dos anos 1990.A contribuição desta companhia para a receita do Estado,que era da ordem de U\$ 200.000.000 por ano na década de 1980, não representava mais de U\$ 100.000.000 nos anos 1990, antes de desaparecer quase completamente(ver Tabela 11).Por outro lado, a pressão fiscal que atingia 9,5% na década de 1990 cai, drasticamente, para uma taxa de 3 % em 1992, tendo sido de 4,7% em 1998.<sup>79</sup>

Além destes fatores internos, a situação da economia congoleza também reflete fatores externos. A ruptura da cooperação com as agências do acordo de Bretton Woods e com outras agências “bailleurs de fonds” favoreceu a redução dos aportes financeiros internacionais em favor do Congo. Esta

<sup>79</sup> Sous la direction de MWAYILA TSHILEMBE, La transition em République Democratique du Congo: bilan, enjeux et perspectives, pág. 138, L'Harmattan, Paris.

ruptura deve-se ao crescimento da dívida externa e ao conseqüente calote do Congo. A péssima gestão da crise, por um regime político tirânico, acabou provocando uma forte bipolarização social. Por outro lado, a hiperinflação fez com que a circulação paralela de bens e de divisas crescesse brutalmente. Neste contexto, a taxa de câmbio paralela tornou-se a variável determinante do crescimento cumulativo dos preços, fazendo com que se concretizassem as previsões pessimistas dos agentes econômicos envolvidos.

Conforme a publicação organizada por Mwayila Tshilembe, a circulação paralela de ativos financeiros originou especulação orquestrada por agentes econômicos e seus cúmplices entre os dirigentes políticos. Desenvolveu-se através de operadores privados, arruinando a economia do Congo. O Banco Central injetava no mercado grandes somas em moeda nacional, visando gerar divisas em benefício da classe política e alguns agentes econômicos. Em conseqüência, a inflação, que era de 57,5% ao ano entre 1980 e 1989, atingiu 81,3%, em 1990. Esta tendência desastrosa agravou-se nos anos posteriores. A hiperinflação chegou, em 1991, a 2154,4% e a 4129,2%, em 1992, e 23760,5%, em 1994. (op cit pág.140).

Estimulado pelos obstáculos criados pela regulamentação do câmbio, surge o mercado paralelo de divisas, com o controle e o bloqueio de alguns preços. A penúria e o crescimento da crise tornaram atraentes e rentáveis as atividades informais ilícitas. A proliferação de circuitos econômicos e financeiros paralelos aos da economia legal e o crescimento das suas operações têm, de alguma forma, arruinado o sistema econômico, contribuindo para a degradação das instituições do Estado. Frente a esta situação de crise crescente, o funcionamento do mercado submete-se a práticas especulativas.

Como conseqüência da hiperinflação, ocorreu uma recusa generalizada da moeda nacional, que vai perdendo gradualmente suas funções de reserva de valor, de unidade contábil e de instrumento de troca, o que gera uma acirrada disputa por divisas. Esta situação tem provocado a dolarização da economia, favorecendo a proliferação de práticas especulativas, em detrimento das atividades produtivas. Segundo o Banco Central do Congo, depois dos

quatro anos de hiperinflação, alcançou-se uma relativa estabilidade, que teve como consequência uma queda de preços no mercado. A inflação ficou na faixa de 541,8% em 1995, reduzindo-se a 610,6%, em 1996, e 190% em 1997. Entre 1997 e 2000, a taxa média de inflação foi de 212,4% por ano. Como resultado da ainda muito elevada inflação, o produto interno bruto teve uma queda média da ordem de 5,5% por ano e a taxa média de investimento manteve-se no nível de 6,7% neste mesmo período. (Idem pág.141)

Os fatores internos e externos citados acima e as mudanças advindas da globalização afetaram as estruturas socioeconômicas do país, deixando, para a maioria da população, como única alternativa de sobrevivência, a informalidade. O país move-se ou vive graças à economia informal e ao circuito inferior. Algumas unidades deste circuito especializam-se na fabricação artesanal de bens de primeira necessidade: utensílios domésticos, ferramentas agrícolas, pães, laticínios, salsicharia, licores, tecidos, roupas e sapatos.

Muitos trabalhadores estão inseridos simultaneamente na agricultura e no mercado varejista de diversos bens e, outros, no artesanato ou na exploração de pedras preciosas. Muitos também vendem seus serviços como costureiros, mecânicos, pedreiros, jardineiros, cambistas, engraxates, empregados domésticos, lavadores de carros, carpinteiros, incluindo os traficantes de drogas e aqueles que comercializam, clandestinamente, o patrimônio histórico e cultural do país.

Com efeito, pela falta de iniciativa e de ações do poder público, um número sempre crescente de congoleses, tanto na cidade como nas áreas rurais, encontra, em sua própria engenhosidade, meios de sobrevivência. O circuito inferior da economia urbana recebe, assim, um conjunto cada vez mais heterogêneo de trabalhadores. Este mercado informal aparece, primeiramente, como uma solução imediata para a crise vivida pela população, decorrente da espetacular queda do seu poder aquisitivo. Em segundo lugar, apresenta-se como um verdadeiro suplemento da renda obtida formalmente. Com efeito, o rápido crescimento da população urbana e a incapacidade do setor formal de criar empregos para a maioria da população impulsionam o circuito inferior de

economia urbana.

Esta situação decorre da falta de atenção e de investimentos do poder público e da ausência de incentivo ao espírito empreendedor. Segundo *Stefaan Marysse e Tom de Herdt*<sup>80</sup>:

“Se comparamos o nível atual de renda da população congoleza com o que era em 1968, a renda média do cidadão congolês caiu 60%. Em 25 anos (1968-1993), o nível oficial de renda da população urbana teve uma queda de 35 %. Esta queda espetacular foi compensada, em grande parte, pelo crescimento, também espetacular, do setor informal, incluído o crescimento das atividades ilícitas”.

Ainda de acordo com os dois pesquisadores belgas antes citados, em seu livro de Economia informal no Zaire, cujo sub-título “é a sobrevivência a pobreza no período de transição”, as seguintes evidências explicam a dimensão alcançada pela crise econômica e social no Congo( op cit pág.41).

1) Em 1955, 39 % da PEA das áreas urbanas, encontrava-se ocupada no setor formal e 61% no setor informal;

2) Em 1961, 29,1% da PEA encontrava-se ocupada no setor formal, contra 70,9% no informal;

3) Em 1990, somente 5% da PEA encontrava-se ocupada no setor formal. Atualmente, após os eventos ocorridos nos últimos 15 anos, o Congo não pode contar com mais de 1% da PEA neste setor. O circuito inferior transformou-se, por sua dinâmica, num fenômeno econômico estrutural, com o qual a República Democrática do Congo deve contar em qualquer projeto de desenvolvimento.

Atualmente, a vida cotidiana em Kinshasa prova que alimentar-se, vestir-se, cuidar da saúde, deslocar-se, hospedar-se, estudar e trabalhar tornaram-se

---

<sup>80</sup> TOM de Herdt e STEFAAN Marysse, L'économie informelle au Zaire, Publié en 1996, sous-titre: (Sur) vie et pauvreté dans la période de transition, 1996.

em constante desafio. A população do Congo sofre. O Estado, como principal provedor do bem-estar, encontra-se impossibilitado de arcar com suas obrigações. A falta de envolvimento e seriedade da classe política, na qual predominam o egoísmo e a ganância, amplifica a pobreza e a miséria. Perante a demissão do Estado em relação às suas responsabilidades e a miséria que não pára de crescer, a população se vira, cria e recria estratégias de sobrevivência. São múltiplas as estratégias e as táticas acionadas na luta contra a pobreza. Uma das mais relevantes é construída pelas atividades econômicas do setor informal. Neste contexto, a solidariedade, que sempre foi uma das marcas da cultura congoleza, tem perdido espaço, predominando o egoísmo, resultante de um longo período de penúria sem esperança de dias melhores.

Muitos fatores explicam os problemas socioeconômicos, tais como: a morte de instituições do Estado, as rebeliões, a política colonial, a falta de investimentos em áreas estratégicas para o desenvolvimento durável, como pesquisa e educação, a imaturidade da elite. A abertura política da década de 1990, em países onde os regimes ditatoriais dominavam há muito tempo, fez com os congolezes clamassem por democracia. Por isso, os anos 1990 foram os de maior agitação interna e externa, visando a instauração de um Estado de direito, da liberdade, da justiça e da tolerância. Os limites, de toda ordem, que marcaram a conquista destes valores fundamentais transparecem na vida diária de Kinshasa, tão marcada pelo sofrimento de sua população.



Como dito antes, para a população de Kinshasa, prevalece o famoso Artigo XV Vira-se! do falecido músico Pépe Kallé: "Que você seja jovem ou adulto, todos nós, nos encontramos diante da mesma realidade: a vida difícil, o pesadelo diário, o que fazer, senão se referir ao artigo XV, virar-se para sobreviver em Kinshasa".<sup>81</sup>.

Durante o trabalho de campo, dialogamos com pessoas de diferentes camadas sociais. Entre estas pessoas, encontram os professores Malikwisha Meni, Mbaya Mudimba, Opanga Ekenga, além de 688 operadores do mercado informal. As entrevistas basearam-se nas seguintes perguntas: o que pensa sobre o funcionamento do mercado informal; quais são as suas causas; quando foi iniciada a atividade; razão de sua manutenção; soluções mais viáveis para as dificuldades; em que as atividades beneficiam a sociedade; importância do mercado informal para a economia nacional. Muitos consideravam que a economia informal resulta da própria realidade dos países africanos, tendo crescido com a atual crise. Para alguns, a crise existiria desde a colonização e a independência. Para outras, os dois períodos de pilhagens e as duas últimas guerras seriam responsáveis pelo predomínio da economia informal.

Alguns depoentes, mais informados, situaram o crescimento da economia informal no início da crise socioeconômica das décadas de 1970-1980, atribuíram este crescimento ao governo Mobutu e à chamada Zairianização (confisco de empresas estrangeiras pelo governo zairense), que significou a saída em massa de empresários e comerciantes estrangeiros do território congolês em 1974. Esta política causou a falência de numerosas empresas repassadas às mãos de dirigentes políticos e seus familiares.

Com os resultados alcançados no trabalho de campo e o apoio da bibliografia e entrevistas a que tivemos acesso, constatamos que:

---

<sup>81</sup>L'article XV, beta libanga: <<Qu'on soit jeune ou vieux, on est tous en face d'une même réalité: la vie difficile, le cauchemar quotidien, que faire, sinon se référer à l'article XV, débrouillez-vous pour vivre à Kinshasa>>.

1)As origens de setor informal na República Democrática do Congo datam da colonização. A Bélgica introduziu uma organização dicotômica no sistema econômico e social congolês, criando dois mundos dentro da mesma realidade: um mundo restrito composto dos assalariados trabalhando para empresas submetidas à racionalidade capitalista, e, um outro mundo, formado por agentes econômicos trabalhando por conta própria. A colonização construiu a dualidade: formalidade-informalidade. Com as sucessivas transformações ocorridas nos últimos 45 anos, radicalizou-se esta dualidade, com o predomínio espetacular do “segundo mundo”, aquele formado pelo povo congolês na luta pela sobrevivência.

2)O setor informal congolês não é impermeável a relações com o setor formal, privado e público. As relações com estes subsectores são, por vezes, de complementaridade ou, então, marcadas por tensões e conflitos. O crescimento do setor informal espelha, por exemplo, os salários pagos no setor formal e a rotatividade da mão-de-obra. Quanto às interfaces entre setor informal e subsector público, constatamos: os agentes do setor informal, às vezes, pagam taxas municipais, regulamentadas ou não, o que dá origem a conflitos entre cobradores e agentes econômicos insolventes.

O crescimento do informal, sobretudo, em Kinshasa, guarda relação com a forma como são lidos pela população, o Estado, as leis e as instituições. Sente-se, agudamente, a necessidade de se alcançar a independência financeira, econômica e profissional. Este sentimento é uma das conseqüências da própria colonização. Numa ex-colônia, trabalhar para alguém remete à idéia de submissão, à relação de colonizador-colonizado; dominador-dominado, superior-inferior...

Neste sentido, obtivemos o seguinte depoimento do Dr Malikwisha Meni<sup>82</sup>, um dos estudiosos do desenvolvimento de Congo:

---

<sup>82</sup> Professor da Faculdade de Farmácia da Universidade de Kinshasa, Pesquisador no Instituto de Pesquisas em Ciências de Saúde e Vice-Presidente de Academie Nationale des Sciences du Développement(ANSD) –Depoimento realizado em junho de 2006.

*“A crise nas instituições congolêsas começou logo depois de 1960, agravando-se em 1980. Nos anos 1978-1979, poder-se-iam observar fenômenos similares aos atuais: grandes dificuldades de transporte público, obrigando trabalhadores a caminhar por longas distâncias, antes da chegada, em 1980, da Sociedade Francesa de Transporte (SOTRAZ). Este mesmo ano, segundo levantamento realizado em maio, foi marcado pelo aparecimento do fenômeno das Organizações Não Governamentais de Desenvolvimento (Ongds). A proliferação destas organizações é proporcional à demissão de Estado congolês como provedor das necessidades básicas da população(...). Os anos 1990 vão conhecer um desenvolvimento fulgurante de ONGDs. Digamos, de passagem, que a ONGD mais antiga no Congo foi fundada em 1888 – o Sub-Département Femme et Famille(SDFF) - sob o estímulo de missionários protestantes metodistas. Existe até hoje, com 2000 membros aqui em Kinshasa”.*

*Para este professor, a economia informal sempre existiu do lado da economia formal, tanto nos países desenvolvidos quanto nos subdesenvolvidos.*

A dinâmica da economia do Congo também é o objeto de estudo e reflexão pelo professor Mbaya Mudimba. Este professor reconhece que<sup>83</sup>:

*“As empresas privadas podem contribuir da melhor forma possível ao desenvolvimento de uma nação quando sua ação encontra-se nos limites entre o sistema econômico liberal e do planejamento centralizado. Desta forma, as empresas preservariam o seu objetivo de alcance da rentabilidade econômica, por intermédio de mecanismos de mercado e estariam envolvidas na busca de justiça e de segurança social. Esta é a provável orientação do sistema de economia social de mercado adotado pelo atual governo congolês, inspirado no modelo de economias bem-sucedidas da Europa do Norte (Suécia, Noruega e Dinamarca)”*

O mesmo professor afirma que não podemos nos esquecer de que a economia informal foi historicamente rotulada de economia marginal e considerada uma “face vergonhosa do capitalismo” nos países ocidentais, enquanto que, na República Democrática do Congo, esta economia decorre da

---

<sup>83</sup> MBAYA Mudimba, Professor nas Faculdades Católicas de Kinshasa – Depoimento pessoal realizado em junho de 2006.

ausência de um Estado que cumpra com suas obrigações para com a população. A falta do Estado provedor foi herdada da colonização. O mercado formal opera sem trazer benefícios sociais, provocando o surgimento de estratégias de sobrevivência individuais e coletivas. Estas estratégias, por sua vez, geram desequilíbrio macroeconômico, pela hiper-expansão do setor informal.

Desta forma, a economia informal invade todos os setores econômicos. As atividades tipicamente bancárias também são em grande parte informais, e o cheque não se constitui num meio usualmente acionada nas transações econômicas. Muitos alunos de faculdades de economia e gestão comercial e financeira nunca viram um cheque ou nunca efetuaram uma operação bancária durante sua vida acadêmica. A produção e a exportação de matérias primas, de produtos agrícolas e minérios são realizadas, em muitos casos, por entidades privadas que operam, na clandestinidade. *Para o professor Opanga Ekenga:*

*“A administração pública foi confiscada ou desviada em proveito da proteção de interesses privados, em particular dos interesses de dirigentes políticos no exercício de poder. A sociedade congolês (Republica Democrática do Congo), desde uma dezena de anos, não só assiste imponente às intervenções de policiais e militares para a proteção de certos dirigentes ou de seus interesses, sem mandato político-administrativo, como também à proliferação de serviços de segurança privados. Do mesmo modo, quando surgiam conflitos nos territórios nacionais, como rebeliões e guerras civis, estes mesmos militares e policiais fugiam dos diversos confrontos e atacavam, de forma selvagem, cidadãos inocentes”. (depoimento realizado em 2006)*

Assim, o Estado congolês foi sendo privatizado às custas da maioria da população, abandonada e deixada por sua própria conta. As relações entre empresas, privadas ou mistas, e o Estado são baseadas em práticas clientelistas e nepotismo. De uma só vez, manifesta-se a insegurança social e econômica para os consumidores, sobretudo as massas populares, e a exploração da qual são vítimas os trabalhadores: salários irrisórios e péssimas condições de trabalho. Os professores, pesquisadores e um bom número de

intelectuais enfrentam esta situação no seu dia-a-dia, muitos deles sem o preparo moral necessário. Enfim, o Estado congolês representa fundamentalmente, a classe dominante às custas dos interesses da maioria da população.

Por isso, para o professor Mbaya, o crescimento do mercado informal encontra um campo propício no Congo. Os trabalhadores, abandonados pelo setor formal, sufocados entre a crise econômica e a sua necessidade fundamental de sobrevivência encontram a melhor ajuda no “virar-se” sozinhos para fazer frente às dificuldades cotidianas. É como dizia St-Exupéry: “O homem descobre-se quando confrontado ao obstáculo”. Como podemos observar, com tantas crises enfrentadas no Congo, o setor informal aparece como uma resposta popular à realidade imediata. Aparece como uma adaptação à realidade de seu ambiente socioeconômico. Esta situação, a psicologia pode nos auxiliar, de alguma forma, a compreender esta situação, para a psicologia, o ser humano tem a capacidade, de adaptar-se ao ambiente da sua área de convívio. Pressionada por necessidades e vivendo num ambiente de anomia, a única solução que resta à população é inventar qualquer solução que garanta a redução de urgentes carências.

Os atores ou agentes sociais congolezes encontraram refúgio no mercado informal onde desenvolvem uma linguagem caracterizada pelo uso de expressões, que traduzem a luta pela sobrevivência e o progresso. As expressões a seguir são exemplos desta linguagem: *equipe epola te* (o time não perde o jogo); *coop* (cooperação); *tokozala na bango mayele* (estamos atentos com os nossos chefes); *libanga eza blague te* (o trabalho não é brincadeira).

A criatividade dos congolezes, demonstrada no setor informal, supera os limites da imaginação, incluindo da produção de alimentos até o artesanato; da área médica até a marroquinaria (trabalho com couro). O próprio mercado formal no Congo tem incorporado, no cotidiano, práticas tidas como informais pela própria legislação. Esta incorporação data de várias décadas. Já que a “viração” também precisa acontecer no setor formal, em decorrência de sua

fragilizada e reduzida presença na economia do Congo, muitos pesquisadores afirmam que, socialmente falando, em termos de emprego, o setor formal, desde a colonização, sempre foi marginal na realidade congoleza.

**Tabela 12: Número de empresas nas 12 comunas de Kinshasa-1984**

Comuna	Número de empresas (PME/PMI) <sup>84</sup>
Bumbu	721
Barumbu	295
Gombe	741
Kalamu	1.920
Kinshasa	1.576
Kintambo	360
Lemba	780
Limete	175
Masina	842
Matete	956
N´djili	1.145
Ngiri-Ngiri	216

Fonte: INSS-1984

No Congo, segundo o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), o atual número de trabalhadores na administração pública e de todos os inscritos no INSS ou com carteira assinada deve atingir, no máximo, um milhão. Em contraste, por exemplo, em 12 comunas da cidade de Kinshasa, de um conjunto de 24 comunas, proliferam as empresas do setor informal. (ver Tabela 12).

A comuna de Kinshasa é uma das mais populosas da cidade, com densidade demográfica de 25.761 hab/ km<sup>2</sup>, seguida da comuna de Kalamu, com 24.341 hab/km<sup>2</sup>, o que explica a maior concentração de unidades informais nessas comunas. Nestas duas comunas, encontram-se os maiores mercados da cidade (Mercado Central, na comuna de Kinshasa, e Mercado de

<sup>84</sup> PME/PMI, Pequena e média empresa; Pequena e média indústria.

Ngambela, na comuna de Kalamu). A localização destes dois maiores mercados nestas comunas faz com que muitas outras unidades de produção (PME/PMI) aí encontrem um ambiente mais propício à sua instalação. Por esta razão decidimos concentrar o nosso trabalho de campo na comuna de Kinshasa.

Convém insistir, porém, que na realidade congoleza não há um setor econômico que não recorra, de alguma forma, ao circuito informal, incluindo bancos, ministérios, universidades e empresas vinculadas à importação e à exportação. Existem interação e imbricação entre o setor formal e informal, como demonstram os exemplos a seguir:

( 1). Muitos empregados do setor formal, até mesmo em cargos de direção, comercializam algum tipo de artigos, tais como: tangas, bijus, sapatos, perfumes... Este comércio é desenvolvido no local de trabalho, como complemento da renda.

(2).Autoridades do país (ministros, diretores, oficiais superiores), por meio de suas esposas ou amigos, importam roupas, móveis e outros objetos, sem pagamento de impostos.

(3). Muitos professores ou quadros de empresas públicas ou privadas recorrem a atividades informais para sobreviver.

A lista das atividades do setor informal é muito extensa. Assim, como dito antes, iremos categorizá-las em três grandes grupos, no intuito de facilitar a interpretação dos dados, assim como de suas variáveis explicativas. As atividades informais no Congo têm uma dinâmica sócio-cultural própria.

#### 4.1 Classificação de atividades e fontes de financiamento

A realização do trabalho de campo sofreu limitações decorrentes da escassez de tempo e de pesquisadores auxiliares, o que levou-nos a concentrar esforços na comuna de Kinshasa, que concentra o segundo maior

número de unidades do setor informal. Nesta comuna, encontra-se o maior mercado da cidade de Kinshasa, onde abastece-se a população de toda a cidade e, também, pessoas do interior do país e de Brazzaville (República Popular do Congo).

O autor deste trabalho também é morador desta comuna. Para a realização deste trabalho, tivemos o auxílio de quatro irmãos (Lubanda, Kabangu, Ntumba e Nkongolo); dois tinham a tarefa de percorrer as ruas onde concentram-se as unidades ligadas à “saúde” e dois outros percorriam as ruas onde concentram-se as unidades ligadas à “venda”, ao mesmo tempo em que percorríamos as ruas onde concentra-se o “artesanato”. No total, 450 unidades foram visitadas. Entramos em contato com 688 pessoas; 675 trabalhadores deste mercado e 13 dirigentes.

Uma parte das unidades pesquisadas localiza-se no interior do mercado central de Kinshasa e outra parte ao redor do mercado. As primeiras compram ou alugam o espaço da autoridade delegada pelo Hotel de Ville (governo local). Aí estão concentradas as unidades pesquisadas do grupo “venda”. As unidades pesquisadas da categoria “saúde” e de “artesanato” localizam-se, em geral, ao redor do mercado. Todas as unidades pagam diariamente um tributo à autoridade local. Os dados recolhidos no trabalho de campo permitiam reconhecer a seguinte distribuição: 8% de atividades ligadas à saúde; 43 % de atividades ligadas à venda e 49% ao artesanato(ver tabela 13).

Tabela 13. Distribuição de trabalhadores por grupo

Grupos	Saúde	Venda	Artesanato
Incidência	8	43	49

Fonte: trabalho de campo

Como aparece nesta pesquisa, quase a metade da população envolvida em atividades informais tem o “artesanato” como fonte de renda e garantia de sobrevivência. Nesta categoria, encontra-se o conserto e o gerenciamento de

tudo o que pode ser imaginado, como bicicletas, geladeiras, fogões, motos, relógios e roupas. Há sapateiros, costureiros, borracheiros, pedreiros, pintores, eletricitas, vendedores ambulantes de gasolina (khadafi), cabeleireiros, manicuros, jardineiros, mecânicos, manobristas. Neste sub-setor, não há exigência de muita capacidade de adaptação, nível educacional ou muito capital para iniciar algumas atividades.

Durante o trabalho de campo, alguns depoimentos afirmaram ter começado suas atividades com menos de U\$ 100 de capital. Em muitos casos, o pai, o irmão, um tio ou um primo abre um negócio, sendo assessorado por familiares. Com este apoio os U\$ 100 permitem tornar-se jardineiro, sapateiro ou cabeleireiro. Neste sub-setor, a aprendizagem se faz no local de trabalho; o tempo de aprendizagem é muito curto e o investimento financeiro muito baixo. Além disto, em decorrência das sucessivas crises, muitas firmas do setor formal fecharam as portas, fazendo com que um grande número de serviços na maioria dos casos tenha sido absorvido pelo mercado informal. As atividades desenvolvidas neste setor exigem muito esforço físico, o que justifica o predomínio de homens. Entretanto, convém enfatizar que a sociedade congoleza ainda é muito machista no que concerne a realização de certas atividades.

As atividades ligadas à venda ocupam também um lugar importante no mercado informal; já que não exigem nenhuma formação acadêmica ou técnica. Porém, algumas atividades demandam um significativo capital inicial e outras exigem um pequeno capital para iniciar as atividades. As atividades exigem menos esforço físico do que no artesanato. O capital inicial, segundo relatos de alguns entrevistados, variou entre U\$ 300 a 2000. Como existem algumas unidades maiores, estes valores não refletem totalmente a realidade do sub-setor. No Congo, segundo a tradição de várias tribos, falar de dinheiro é quase um tabu. Daí a necessidade de registro dos limites da informação, obtida no trabalho de campo sobre esta questão.

As atividades ligadas à saúde são menos numerosas, por exigirem formação especializada. Os que atuam neste sub-setor necessitam de uma

certa técnica para a realização do trabalho e de materiais e equipamentos que custam caro. As faculdades de enfermagem, farmácia e medicina também são caras, com cursos de longa duração. Ficaremos devendo aqui o capital médio necessário ao início de atividades neste sub-setor, já que os entrevistados não quiseram revelar nem seus investimentos nem os seus salários. Em Kinshasa, os que trabalham na área de saúde são de difícil acesso. Entre as três categorias de atividades analisadas, esta foi a que apresentou maiores obstáculos à pesquisa.

As atividades do setor informal, na comuna de Kinshasa, empregam mais homens do que mulheres: os homens representavam 51,35% dos entrevistados. As mulheres representam 48,65% dos entrevistados. No nosso universo, 65,2% tinham entre 31 e 50 anos. Os agentes com idade entre 15 e 30 anos representavam 34,98% dos entrevistados. Estes números podem ser explicados pelo fato de que, com a crise socioeconômica que afeta o país, os jovens ficam sob a responsabilidade dos pais por mais tempo do que nas décadas de 1970 e 1980. Hoje, os jovens com até 30 anos tendem a continuar solteiros e dependentes material e financeiramente dos seus pais.

Com o aumento do êxodo rural, agravado pelo crescimento vegetativo da população urbana, pela destruição de unidades de produção e queda dos principais produtos de exportação, cresce o desemprego. O trabalho de campo permite dizer, que 61,2% dos agentes econômicos ganham entre U\$ 5 e 10 por dia. A sua renda pode atingir, portanto, cerca de U\$ 300 por mês, o que representa muito para esses agentes, num país onde o salário na administração pública, raramente chega a U\$ 30 por mês e a U\$ 100 para os que têm carteira assinada no setor privado.

Comparando os dois setores de economia urbana de Kinshasa, o informal é o que mais emprega, segundo a opinião dos entrevistados e da própria realidade observada na cidade. Podemos dizer que os agentes deste setor conseguem arcar melhor, ainda que muitas vezes de forma precária, com as despesas cotidianas: alimentar seus filhos, pagar escola e transporte e cuidar de saúde do que os agentes do setor formal. Apesar do custo mensal da

manutenção de uma família de seis pessoas ser em torno de U\$ 600, segundo o Instituto Nacional de Estatísticas, podemos concluir que os agentes do setor informal, com renda em torno de U\$ 300, são menos pressionados do que os agentes do setor público e do setor privado, a situação dos agentes do setor informal é menos grave do que a dos outros.

O mercado informal, de alguma forma, tem cumprido papéis que deveriam ser do setor formal. Na realidade, o mercado informal tornou-se, um mercado formal, por ser a fonte de renda de milhares de famílias. Move a economia do país, além de ser a maior fonte da arrecadação de tributos pelas instâncias municipais e provinciais. Neste sentido, registramos que todas as unidades pesquisadas pagam impostos à autoridade local. Enfim, este mercado, por enquanto, ajuda a enfrentar o problema do desemprego, mesmo que seja de forma precária.

#### 4.2 Estrutura de mão-de-obra

Os dados fornecidos pelos entrevistados demonstraram que o setor informal cria um grande número de oportunidades de trabalho, garantindo renda para muitas famílias. Com efeito, 51% dos agentes operando na economia informal empregam de 1 a 5 pessoas. 34,9% empregam de 1 a 10 pessoas e 14,1% empregam mais de 10 pessoas (ver Tabela 14).

Tabela 14. Número de trabalhadores por unidade

Nº empregados	1 a 5	1 a 10	Mais de 10
Incidência	51	34,9	14,1

Fonte: trabalho de campo

As atividades de “venda” e “artesanato” envolvem milhares de pessoas, incluindo analfabetos e semi-alfabetizados podem se garantir um emprego nas duas categorias, isso é positivo, porque as pessoas menos instruídas podem ser empregadas ou associadas no processo de produção e circulação de bens e na oferta de serviços. Esta situação contrasta com o que ocorre no setor

formal, onde são exigidos formação profissional e o enfrentamento de uma complicada e longa burocracia. Criando-se, portanto, barreiras na entrada.

Como também já foi dito nesta dissertação, no mercado formal de trabalho, que não cria empregos há décadas, o acesso às poucas oportunidades de emprego depende de amizades e relacionamentos. Predominam o clientelismo e o nepotismo. Há muitos anos não é realizado concurso para a administração pública. Assim, a juventude nascida nas décadas de 1980-1990 jamais experimentou o desafio de um concurso público na República Democrática do Congo.

Como a remuneração é baratíssima no Congo, não é difícil dar início a algumas atividades do circuito inferior. A mão-de-obra é facilmente encontrada, já que a notícia de oportunidades de trabalho circula com rapidez. Por outro lado, nem sempre é necessário ter uma formação e muitas vezes pode-se trabalhar sem ter documento de identidade e comprovante de residência. É possível, também, que analfabetos tenham mais chance de encontrar trabalho do que aqueles que tiveram acesso à educação formal. Vale a pena lembrar aqui um ditado popular no Congo: “estudar não é sinônimo de garantia de vida ganha ou dinheiro”. Além disto, o que explica a entrada em massa, no setor informal, de todas as faixas etárias seria o predomínio, de empresas familiares. Como as famílias congoleesas são muito extensas, empregam-se irmãos, pais, avós, primos, tios, sobrinhos, cunhados, amigos, vizinhos e conhecidos. Assim, as redes familiares preenchem o vazio de oportunidades deixado pelo setor formal.

Um estudo feito pelo Instituto Nacional de Estatísticas, em 1984, no intuito de quantificar a população empregada na cidade de Kinshasa mostrou que empregavam-se no setor formal 250.000 pessoas em 1977. Este número caiu, seis anos depois para 128.000, ou seja, houve uma redução de 48%. O setor informal já então se revelava como o maior empregador da cidade, com um contingente 138.000 de pessoas envolvidas.<sup>85</sup>-Isto reforçou a idéia do

---

<sup>85</sup> INS em 1984

predomínio do mercado informal na economia congoleza, que data de algumas décadas.

Em múltiplos setores econômicos, os operadores informais investiram e foram e continuam sendo muito ousados. Esta ousadia justifica-se pela sua criatividade e competência. No setor de transporte público, por exemplo, predominam os operadores informais, atendendo 90% dos deslocamentos diários. Sem o setor informal, a população de Kinshasa se deslocaria a pé por longas distâncias, prejudicando o acesso de milhares de pais de família ao seu lugar de trabalho. Segundo Opanga Ekanga<sup>86</sup>:

*“A criatividade dos operadores do mercado informal supera de longe a dos do mercado dito moderno. As atividades informais são sempre limitadas aos serviços tradicionais de subsistência, tais como comércio, transporte, serviços domésticos e outras atividades de autoprodução marginal nos países em via de desenvolvimento. Mas no Congo eclodiram e crescem serviços novos ligados à propriedade intelectual, como ensino privado, saúde”.(pág.6)*  
(Tradução nossa)

Em geral, as atividades informais são desenvolvidas em lugares pobres, inseguros e insalubres. Por este motivo, ocorrem graves problemas de coleta de lixo (sólidos ou líquidos) e poluição de ar. Nestes lugares, encontramos o uso, sem qualquer tipo de proteção, de produtos tóxicos, como por exemplo: ácidos, gás, objetos cortantes, amianto / chumbo. As condições de trabalho são marcadas pela poeira, pela pouca luminosidade, pelo ar poluído e por objetos cortantes. Os acidentes de trabalho são freqüentes, a incidência de doenças profissionais e o contágio por algumas doenças infecciosas.

Os lugares de trabalho são poluídos por fumo, bebidas alcoólicas, água usada, lama e esgoto (Utilizando-se recipientes usados e materiais impróprios à reutilização, para embrulhos) como jornais, sacos de cimento, revistas. Também recipientes de produtos químicos servem para guardar petróleo, óleo,

---

<sup>86</sup> OPANGA Ekanga apud GUILLAUME Iyanda, Pauvreté urbaine et secteur informel à Kinshasa, D+C développement et coopération n0 .5, septembre/octobre 2002.

água, bebida tradicional...

As atividades do circuito inferior, em Kinshasa, também sofrem o efeito perverso de mecanismos relacionados ao seu pseudo-reconhecimento, tais como:

- Multiplicidade de impostos: existe a cobrança de impostos municipais e provinciais;
- Burocracia abusiva e prejudicial: o acesso a um espaço para o exercício das atividades depende de processos de seleção muitas vezes injustos;
- Extorsão, saque e roubo por autoridades locais: a multiplicidade de órgãos de fiscalização favorece práticas lesivas às atividades;
- Falta de textos legais (direitos e deveres): os poucos textos legais existentes são desconhecidos pelos agentes;
- Falta de sindicalização: a inexistência de sindicatos torna fragiliza as relações entre trabalhadores e empregadores e do mercado informal com o governo;
- Falta de seguridade social: A lei garante previdência social para os trabalhadores; mas, na prática, esta garantia é desrespeitada pelos empregadores.

### **Conclusões**

Diante do que foi exposto ao longo deste trabalho, salientamos a crescente importância do setor informal na geração de oportunidades de trabalho na cidade de Kinshasa. Nesta cidade, o trabalho informal poderá vir a se constituir em importante instrumento para a integração social. Ao absorver um elevado contingente da mão-de-obra não empregado no mercado formal, o mercado informal contribui para a sobrevivência da maioria da população economicamente ativa relegada ao desemprego e à marginalidade na República Democrática do Congo.

A crise globalizada que atinge duramente o Congo é resultante de obra humana. A solução, acreditamos, também dela resultará. Nesta direção, é necessário que os principais beneficiários da globalização multinacionais, os

Estados do G7 e as nações mais avançadas conscientizem-se dos impactos negativos de suas atividades sobre o mercado de trabalho, o meio ambiente, a educação, a vida familiar e a vida humana, enfim, sobre a existência humana. Uma solução duradoura virá desta conscientização dos principais beneficiários deste sistema perverso. Para que esta consciência seja possível, multidões precisarão continuar a manifestar seu descontentamento em relação a este sistema, criador de um verdadeiro calvário humano. Como dizia Martin Luther King: "a liberdade é um ideal a ser atingido".

Cinco anos atrás, em 2001, os 191 países membros das Nações Unidas comprometeram-se a cumprir, até 2015, as oito metas de desenvolvimento do milênio, incluindo a erradicação da fome e da extrema pobreza e, a garantia da sustentabilidade ambiental. Estes compromissos provam que os problemas que castigam os países economicamente menos avançados têm solução. Os países industrializados também deverão destinar mais recursos para estes. A ajuda oficial dos principais países industrializados ainda representa uma minúscula fração dos seus PIBs e não chega nem perto dos compromissos assumidos há décadas em vários encontros internacionais.

Ao nosso ver uma outra solução pode emergir da criação de um quarto setor da economia, além dos três já conhecidos, sob o estímulo do Estado. Este setor abrigaria, protegeria e amplificaria a dinâmica do circuito inferior nos países periféricos. Para isto, é necessário ultrapassar o pensamento dicotômico que isola mais do que reúne, como exemplifica a oposição entre setor formal e informal. Este setor precisaria de uma outra denominação que correspondesse a sua nova estrutura e realidade. As atividades desenvolvidas por este setor devem beneficiar-se de investimentos do Estado por causa da sua importância na economia do Congo. Cabe, aqui, destacar também a singularidade do mercado informal congolês que esgota as características e as definições sugeridas pelos diversos autores por nós consultados, sobre este assunto. Na realidade congoleza, o Estado aparece em algumas etapas dessas atividades, tributando.

Por esta razão, julgamos necessário substituir o termo mercado informal por outro mais adequado à realidade congoleza. Este mercado denominado de economia informal ou oculta, já demonstrou que não é oculto, porque sua realidade, já está ao alcance de todos, provando que veio para ficar na realidade congoleza. Já invadiu todos os setores da vida nacional e que ele não tem nada a ver com a economia marginal ou de uma face vergonhosa do capitalismo da concepção ocidental. Os dirigentes congolezes precisam repensar as funções do circuito inferior na realidade congoleza, renunciando aos modelos ocidentais. Uma nova leitura da regulamentação das atividades econômicas de pequena escala e a concepção de novos critérios mais realistas são caminhos que precisarão ser seguidos.

A concepção ocidental de mercado é adequada somente para uma economia desenvolvida, monista, industrial e urbana, que não corresponde à realidade administrativa, jurídica, social, cultural e financeira da maior parte dos países africanos. A denominada economia informal que hoje em dia é a principal força econômica na realidade destes países não pode ser tratada como marginal, oculta, ilegal, paralela, sombria, subterrânea, alternativa, invisível, periférica e não oficial. Da mesma forma, as atividades do denominado mercado informal não podem ser ajustadas às mesmas regras que regulam as atividades do setor formal.

As atividades do circuito inferior tornaram-se para a população (economicamente ativa ou não), um refúgio, especialmente, nos centros urbanos. Este circuito já provou o seu dinamismo em alguns segmentos, como no acesso à moeda estrangeira. Afinal, a penúria constante de divisas, nas entidades bancárias oficiais, encontrou, no mercado informal, uma alternativa realista na rede urbana da República Democrática do Congo.

Acreditamos que o Estado tem funções essenciais a desempenhar na promoção do circuito inferior da economia urbana. O Estado precisa identificar mecanismos de financiamento que facilitem o bom funcionamento do circuito inferior. As pequenas e médias empresas, deste circuito, resolvem muitos problemas socioeconômicos da população congoleza, gerando renda e

oportunidades de integração social.

Na maioria dos países da África subsahariana, seria bom que a noção de informalidade, fosse reservada para as atividades consideradas ilícitas, ilegais, clandestinas, subterrâneas e que dependem do contrabando. São estas que não têm uma possibilidade de formalização. E que as atividades da economia popular ocupem os espaços abandonados pelo Estado, sejam reconhecidas como micro empresas.

Como afirmam algumas personalidades acadêmicas e políticas congoleesas, entrevistadas por nós, socialmente falando, em termos de emprego, geração de renda e capacidade de distribuição da renda no território nacional, o setor chamado moderno ou formal sempre foi marginal, desde a colonização belga até os dias atuais.

O circuito inferior necessita de uma legislação apropriada. Para isto, precisa ser previamente libertado de seus atuais parasitas, vinculados à administração pública. É emergente a recuperação de uma administração pública de caráter predador, que só aparece para cobrar tributos. As atividades do circuito inferior sofrem de carências materiais, financeiras e tecnológicas. O Estado precisa, portanto, criar instrumentos que sustentem científica tecnológica, econômica e financeiramente o setor. Assim, o sistema financeiro congolês deve ser reorganizado, a fim de permitir uma gestão racional da riqueza produzida no país. O banco central congolês deve tornar-se autônomo.

É também necessário que o Estado encoraje a iniciativa econômica dos congoleeses, mobilizando recursos em todas as esferas. Para isto, é preciso lutar contra a acumulação selvagem, comandada pela classe dirigente, seus familiares e amigos. É urgente, sem dúvida, o alcance de uma distribuição de renda baseada na equidade e na justiça social. A reconstrução das bases socioeconômicas do Congo constitui uma tarefa difícil, devido a miséria vivida pela população. A estratégia a ser adotada nestas condições precisa enfrentar o desafio representadas pelas condições de vida hoje oferecidas aos congoleeses: saúde pública, transporte, abastecimento de água e energia

elétrica, alimentação e educação. Neste contexto, a mobilização massiva de recursos financeiros vindos das instituições de Bretton Woods, de Ongs e da diáspora congolese poderá aliviar a caótica situação socioeconômica dos congolese.

Nesta mesma direção, são indispensáveis mecanismos de captação de recursos dos migrantes, visando a sua canalização para os circuitos oficiais (bancos e instituições financeiras) e a sua destinação para o desenvolvimento do Congo. Num país onde a estabilidade política é rara desde a independência, pensamos que o funcionamento de instituições democráticas na terceira república, que está para nascer, permitirá a concretização de um crescimento econômico duradouro. Como o país tem recursos naturais e um riquíssimo capital humano, assumindo a estabilidade política poderá permitir que o capital externo e a diáspora congolese invistam no país.

Ao nível acadêmico, julgamos ser indispensável uma adaptação de conteúdos à realidade congolese. As teorias econômicas clássicas e os modelos de desenvolvimento precisam ser revistos de forma aprofundada, para que seja valorizado o dinamismo do circuito inferior da economia urbana. De fato, uma compreensão do funcionamento do chamado setor informal pode abrir caminho para a resolução da conflituosa dualidade hoje preservada entre a economia tradicional e as exigências da economia moderna.

Ao longo deste trabalho, quando tratamos da questão da reconstrução nacional, destacamos, especialmente, os aspectos relacionados à infraestrutura social e econômica. Porém, esta reconstrução dependerá dos fatores sócio-culturais do desenvolvimento. Nesta direção, é necessária uma mudança de mentalidade desta população e de comportamentos que inviabilizam o desenvolvimento, superando-se a autorização prévia do marido para que a esposa trabalhe, o tribalismo, o nepotismo, a prevalência do favor sobre o mérito, o clientelismo, a busca de poder visando o enriquecimento rápido, o refúgio nas pequenas atividades econômicas que escondem a pobreza, a hiper-religiosidade, a desconfiança generalizada, a pobreza espiritual, o obscurantismo, a lei de menores esforços, a cultura da pobreza, a bruxaria, a

falsa solidariedade por parte de pastores, chefes comunitários e candidatos a cargos públicos.

Kinshasa é uma das poucas cidades do país a dispor de infra-estrutura capaz de suportar um crescimento econômico a menor custo. A cidade é dotada de um potencial elétrico. É cercada por muitos cursos de água, oferece também algumas vantagens competitivas, particularmente no setor de manufatura e para agroindústria. Pelo fato de ser a capital, goza do privilégio de possuir um nível de segurança capaz de tranquilizar os investidores nacionais e estrangeiros. Aliás, desde a independência do país, nenhuma guerra atingiu esta cidade. As piores ocorrências foram as pilhagens de 1991 e 1993.

É dever de todos os habitantes de Kinshasa apreender a viver em comunidade, ajudando a criar uma alma congoleza e um novo estilo de governo, capaz de garantir o respeito mútuo, sem distinção de raça, etnia, crença, sexo, e origem. A solução dos problemas congolezes é da própria e inteira responsabilidade dos congolezes e, não, da comunidade internacional. Qualquer que seja a grandeza do auxílio da comunidade internacional, a sua eficácia dependerá da consolidação da nação.

Na realidade, a política social da terceira república deverá enfrentar, sobretudo, o desafio da renovação do homem congolês e, assim, da sociedade congoleza. Este duplo dever poderá ser cumprido através da valorização dos recursos humanos: educação, formação profissional e informação do homem congolês. Uma forte campanha de sensibilização e de conscientização dos cidadãos congolezes, em defesa da democracia e trabalho poderá ser de grande relevância na construção do caminho para o desenvolvimento social e econômico.

Por fim, acrescentamos que, para o sucesso deste caminho, será necessário que a comunidade internacional supere preconceitos e deixe de considerar as guerras e as matanças que ocorrem na Áfricasubsahariana como

práticas inerentes aos povos desta região. Não se pode esquecer que, no século passado, foi na Europa dita de continente civilizado que a banalização da morte atingiu o absurdo com as duas guerras mundiais e o holocausto. Recentemente, os conflitos na antiga Iugoslávia demonstraram que ninguém tem o monopólio da civilização e nem da barbárie...As guerras e as crises africanas merecem a atenção da comunidade internacional porque, na maioria dos casos a sua gênese encontra-se em interesses econômicos e militares dos países centrais. Por outro lado, a República Democrática do Congo deve buscar caminhos alternativos para seu desenvolvimento, já que este não depende da simples imitação de modelos ocidentais.

Diz um ditado africano: "O desespero é um fator estático e a esperança é dinâmica".

## Referências

ALMANAQUE Abril de 2004, p. 626.

ATLAS Geográfico Mundial. Barcelona: Editorial Sol 90, 2005. (Número 6: África).

BARROS, A. R. **The polical economy of the informal sector**. Champaign: A thesis, departament of economics, University of Illinois at Urbana, 1986.

BOURGES, Wauthier. **Les 50 afriques**. Libreville: Ed. du Seuil, 1976. T.2.

CACCIAMALI, Maria Cristina. As economias informal e submersa: conceitos e distribuição de renda. In: CAMARGO, Jose Marcio; GIAMBIAGI, F. (Org.). **A distribuição de renda no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

CAMARGO, José Marcio. Informalização e renda no mercado de trabalho. In: MERCADO de trabalho e renda. Rio de Janeiro: [s.n.], 1989. (Séries monográficas, n. 35).

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

FAYOL, Henri. **Administração industrial e geral**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 1976.

GRANDE Barsa. São Paulo: Barsa Planeta, 2006.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.

HOBBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IYENDA, Guillaume. **Pauvreté urbaine et secteur informel à Kinshasa**. Frankfurt, DC, 2002. (Développement et coopération, n .5).

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995

JACQUELINE, Pitanguy ; LEILA Linhares Barsted. **Literatura econômica**, Rio de Janeiro v. 7, n. 1, 1985.

JOURNAL LE MONDE DIPLOMATIQUE. março de 1987.

JOURNAL LE POTENTIEL. Kinshasa, Republique Democratique du Congo. 20.05.2004.

KADER, Bary Abdoul. Problematique de la pauvreté. In: PLAN d'action pour la reinsertion socioeconomique des groupes vulnérables au Zaïre, Kinshasa, 1996.

KI-ZERBO, Joseph. **L' Histoire de l' Afrique noire**. Paris: Europe-Amerique, 1979. V.2

LAUTIER, Bruno. **L' economie informelle dans le Tier-Monde**. Paris, Editions La découverte, 1994.

LE DICTIONNAIRE: le petit Robert, 2004.

MALIKWISHA, Meni. L'importance du secteur informel en RDC. **Bulletin de l'Academie Nationale des Sciences du Developpement**, Kinshasa, v. 1, p.21-40, dec. 2000.

MINISTÈRE DE LA SANTÉ **Et plan directeur du developpement de la Santé et l'Unicef**. Relatório do PNUD.

MOKILI, Danga Kassa. **Politiques agricoles et promotion rurale au Congo-Zaïre: 1885-1997**. Paris: L'Harmattan, 1998.

MUNANGA, Kabengele. **Revista Fundação João Pinheiro**, Belo-Horizonte, v.14 n. 7-10 e 66-74, jun./out. 1984.

OIT. Manuel do OIT: employment, incomes and equality: an strategy for increasing productice employment. Kenya; Genebra: OIT, 1972.

OLIVIER, Lanotte. **Guerres sans frontières en République Démocratique du Congo**. Bruxelles: Ed.GRIP, 2003.

RAHNEMA, Majid. **Conferencia realizada no âmbito do colloque philia/l' agora**. Quebec, 2003.

RAMOS, L. Reis; ALMEIDA, Jose, Guilherme. **Emprego no Brasil nos anos 90**. Rio de Janeiro: IPEA, 1997. (Texto para discussão n. 4680).

RELATÓRIO da epidemiologie annuel des maladies à potentialité epidémique sous la surveillance en Republique Democratique du Congo, publié, mai 2001.

RELATÓRIO da Mission d'observateurs des Natios Unies au Congo.

RELATÓRIO do Banque Centrale du Congo: evolution economique financière et Monetaire recente, Janvier 2002.

RELATÓRIO do Institut de Statistique Nationale de 1984 et 2005.

RELATÓRIO do Ministère de la Santé de la Republique Democratique du Congo et L'USAID en 2000.

RELATÓRIO do Ministère du Plan: profil et le commerce.pauvreté et dynamique en Republique Democratique du Congo. Kinshasa: Niveaux et Tendances, 1999.

RELATÓRIO do programme de l'alimentation mondiale: profil et determinants de la pauvreté en Republique Democratique du Congo, 2000.

RELATÓRIO do programme national pour la promotion de la femme Congolaise à Kinshasa, 2001.

RELATÓRIO do Système des Nations Unies, Republique Democrátique du Congo: Bilan commun de pays, Kinshasa, mai 2001.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário. In: SILVA, Catia Antonia, et al. **Formas em crise**: utopias necessárias. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2005.

SABOIA, João. Dualismo ou integração no mercado de trabalho? **Estudos econômicos**, São Paulo, v. 19, n. Especial, pág. 139-155, 1989.

SAMPAIO, M. **L'exportation illicite de diamants prend d'importantes proportions**. Bruxelas: Marchés Tropicaux, 1999.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único á consciência universal. 90. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

\_\_\_\_\_. **Economia espacial**: criticas e alternativas, São Paulo, Hucitec, 1979.

\_\_\_\_\_. **Espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

\_\_\_\_\_. **A natureza de espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SCHREIBER, Servan; JACQUES, Jean. **O desafio Mundial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

SOUZA, Paulo Renato. Emprego e renda na pequena produção no Brasil. **Estudos econômicos**, 1981.

TELLES, Vera da Silva. **Pobreza e cidadania**, São Paulo: Ed.34, 2001.

TOKMAN, V. An exploration, into the nature of informal-formal sector relationship. **World development**, n. 6, p. 1065-1076, 1978.

TOLOSA, Hamilton Carvalho. **O mercado de trabalho urbano**. Rio de Janeiro: IPEA, 1977.

TOM DE Herdt; STEFAAN, Marysse. **L'économie informelle au Zaire**. Bruxelles, 1996. (Publié en 1996, sous-titre: (Sur) vie et pauvreté dans la période de transition).

TSHIYEMBE, Mwayila. **La transition en République Démocratique du Congo**. Bilan: Enjeux et perspectives; Paris: L'Harmattan, 2005.

TUIÁVII. **O papalagi**. 4. ed. Lisboa: Antagona, 1992.

UNICEF. **Relatório do Ministère des Affaires Sociales**: situation des lois coutumières et les droits des Femmes en Republique Democratique du Congo, Avril 1999.

VERA, Batista Malaguti. **O medo na cidade do Rio de Janeiro**: dois tempos de uma historia. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2002.

Zygmunt, Bauman. **A globalização e as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

## Sites consultados

- 1) [www.statbel.fgov.be/press/pr](http://www.statbel.fgov.be/press/pr)
- 2) [www.allafrica.com/congo](http://www.allafrica.com/congo)
- 3) [www.googler.com](http://www.googler.com)
- 4) [www.portalbrasil.eti.br](http://www.portalbrasil.eti.br)
- 5) [www.paris-skycrapers.com/fórum](http://www.paris-skycrapers.com/fórum)

## ANEXO 1

### CENÁRIO SOCIOECONÔMICO APÓS DE 1960

O Congo é um país com terras férteis e relativa diversidade climática. O subsolo congolês é um dos mais ricos da África. O país é rico em urânio, ferro, petróleo, manganês, cádmio, estanho, cobalto, zinco, carvão, ouro, prata, cassiterita, gás natural, berilo, tântalo, tungstênio, germânio, nióbio.

O país é seccionado pela linha do Equador, de forma que seu clima é predominantemente equatorial, com uma faixa tropical ao Sul e clima temperado nas regiões mais elevadas. Suas florestas ocupam uma área de aproximadamente 1.060.000 km<sup>2</sup> (quase metade do território nacional), com regiões de acesso bastante difícil.

A população congoleza estimada hoje em 57.549.000<sup>87</sup> habitantes, é formada em 90% pelo grupo étnico banto e, em 10% por sudaneses, nilóticos e pigmeus. O Congo é dividido em onze regiões: no leste: Kivu-Sul, Kivu-Norte, Maniema, Alto -Congo e Katanga; no oeste: Baixo-Congo e Kinshasa (capital); no centro: Kasai-Oriental e Kasai-Occidental e ao norte: Equador e Bandundu.

A produção manufatureira destina-se quase inteiramente ao mercado interno e inclui bens de consumo como bebidas, têxteis, gêneros alimentícios, artigos de couro, fumo e tintas. A deficiente infra-estrutura de transportes da República Democrática do Congo é um dos fatores determinantes da estagnação econômica. A maior parte dos deslocamentos é efetuada pelo rio Congo e seus afluentes. Os principais portos são: Matadi e Boma. O transporte fluvial é complementado pelo ferroviário, rodoviário e aéreo. Em 1998, só o aeroporto internacional de Kinshasa teve um fluxo de 340.000 passageiros e de 57.000 toneladas de cargas transportadas<sup>88</sup>.

A atividade agrícola contribui com cerca de um terço do PIB,

---

<sup>87</sup> [www.portalbrasil.eti.br](http://www.portalbrasil.eti.br), acessado no dia 16.05.2005.

<sup>88</sup> [www.africa-onweb.com](http://www.africa-onweb.com). Dados referentes a 1998, acessado em 18.06.2006.

empregando dois terços da população economicamente ativa. Em geral, são praticados métodos primitivos nas lavouras de subsistência. Os principais produtos de exportação incluem dendê, café, chá, cacau, látex, banana e algodão. O país produz a maior parte da mandioca consumida pela população, mas apenas uma pequena parcela do arroz e do milho. A pecuária é praticada em quase todas as províncias, sendo que o rebanho bovino predomina nas regiões Sul e Leste e o suíno na região Oeste.

### Flora e fauna

A fauna da República Democrática do Congo oferece grandes possibilidades turísticas, ainda pouco exploradas. A criação, em 1969, do Comissariado Geral de Turismo valorizou algumas regiões e ensejou o conhecimento da flora e da fauna congolenses. O turismo rendeu, ao país, U\$ 2.000.000 em 1998, com um afluxo de 32.000 visitantes, sobretudo em seus magníficos parques.<sup>89</sup>

### Mineração

A exploração das riquezas minerais é dificultada pelas péssimas condições de transporte, que isolam a região de Katanga (pólo mineral) da capital Kinshasa e dos portos para sua comercialização.

Segundo estatísticas do Banco Central, todas as matérias primas acusaram uma queda expressiva em sua exploração. A Tabela 15, apresentada a seguir, ilustra a situação enfrentada pelo país no que concerne a produção mineral e agrícola. Diamante, cobre e cobalto são responsáveis por 85 % das exportações.

Tabela. 15. Evolução da balança comercial de 1994-2000(em milhões de dólares).

---

<sup>89</sup> [www.Africa-onweb.com](http://www.Africa-onweb.com), acesso no dia 07.10.2005

	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
A). EXPORTAÇÕES*	1028,0 00	1562,9 00	1546,6 00	1448,9 00	1422,2 00	807,70 0	792,700
OURO	6,500	13,900	17,700	4,900	2,000	0,1000	--
DIAMANTE	450,80 0	730,10 0	764,50 0	752,80 0	879,00 0	521,00 0	439,500
PROD.G.C.M.	183,90 0	305,30 0	261,60 0	288,10 0	214,00 0	59,700 **	107,500 ***
PETROLEO	77,100	122,60 0	211,60 0	174,80 0	97,500	115,90 0	141,300
CAFÉ	246,90 0	288,30 0	150,30 0	114,80 0	118,30 0	91,200	32,300
OUTROS PROD	62,800	102,70 0	140,60 0	113,50 0	111,40 0	20,800	72,100
B).IMPORTAÇÕES	581,30 0	870,90 0	1.089,1 00	769,70 0	1.102,1 00	568,20 0	595,900
BENS DE CONSUMO	231,90 0	301,20 0	301,40 0	295,40 0	369,20 0	188,60 0	267,400
MATERIAS PRIMAS	92,700	161,30 0	177,10 0	58,700	173,00	94,900	69,400
BENS DE EQUIPAMENTOS	116,30 0	135,00	239,00	136,00	163,10 0	79,600	109,200
ENERGIA	85,200	140,60 0	205,50 0	162,20 0	170,90 0	89,200	59,00
OUTROS	55,200	132,80 0	166,10 0	117,40 0	225,90 0	115,90 0	90,900
C.SALDO	446,70 0	692,00	457,50 0	679,20 0	320,10 0	239,50 0	196,800

Fonte: Condensé d'Informations Statistiques Numéro 31, Banque Centrale du Congo, 2001.

(\*) Dados reajustados, tendo em conta a fraude: Reajuste de 90% para o ouro, 120% para o diamante e 150% para o café, a partir de 1996;

(\*\*) Não constam os dados do Central Mining Group (CMG);

(\*\*\*) Dados da Gecamines estimados a partir do valor observado nos últimos seis meses.

As receitas obtidas com exportações representavam em média U\$ 2,2 bilhões por ano, desde a independência até 1989, tendo decaído significativamente nos últimos vinte anos. Desde 1990, situam-se abaixo de um bilhão de dólares; em 1996, renderam U\$ 1.546,6; U\$ 1.448,9 milhões, em 1997; U\$ 1.422,2 milhões, em 1998; U\$ 807,7 milhões, em 1999 e U\$ 792,7 milhões, em 2000(ver tabela 15). Se em 1987 e 1988, os produtos comercializados pela Gecamines representavam mais de 55% das receitas das exportações, esta percentagem caiu para menos de 20% de 1995 até os dias atuais.

## Indústria

As principais atividades industriais estão ligadas ao consumo interno e pouca coisa para a exportação. Destacam-se o beneficiamento de café; algodão; cacau; açúcar; óleo de dendê; cimento; alimentos em conserva; farinha de trigo; têxteis; calçados; aparelhos de som; refrigeradores; radio - receptores; motonetas; produtos químicos; cervejarias; cigarros; refino de petróleo; pequena metalurgia; produtos de madeiras nobres; borracha e mecânica. Apesar desta gama de produtos, o país ainda importa artigos de consumo imediato, como produtos alimentícios e pequenas e médias máquinas para extração de minérios.

## Agricultura:

As atividades agrícolas estão baseadas na produção de café, borracha natural, girassol, chá, arroz, amendoim, algodão, batata, inhame, ervilha, milho, sorgo, soja, cacau, cevada, feijão, sisal, grão-de-bico, gergelim, fumo, tomate,

trigo, fruto de palma, palmito, cana-de-açúcar, mandioca, amêndoa, banana, frutas cítricas e madeira. A pecuária caracteriza-se pela criação de bovinos, suínos, ovinos, caprinos, eqüinos e aves e, seus derivados.

As atividades agrícolas são desenvolvidas por grande parte da população, constituindo-se numa forma de sobrevivência num país arrasado por crises políticas e socioeconômicas. A agricultura é fundamentalmente de subsistência e realizada com ferramentas, rudimentares, gerando, na maioria dos casos, uma pequena quantidade de produtos utilizados na alimentação dos agricultores e de seus familiares e, ainda , no abastecimento do mercado local.

A agricultura do tipo mais avançado, voltada para exportação, envolve uma pequena parte da população, sendo os seus principais produtos: óleo de dendê, cacau, café, borracha, chá e cana-de-açúcar.

### Situação educacional

O sistema educacional divide-se em quatro fases: a primeira: nível primário, com cinco anos de duração; a segunda: nível secundário com seis anos, dividido em ciclo de orientação de dois anos de duração e quatro anos de ensino médio; a terceira: nível universitário, com três anos de graduação e dois de licenciatura nas ciências jurídicas e sociais, enquanto que nas ciências exatas, a formação é composta por um ano preparatório e mais três de graduação e dois de licenciatura, e a fase quarta: dois anos de mestrado e três anos de doutorado, completando o ciclo total universitário de mais ou menos dez anos até o doutorado. Na década de 1970, a taxa de escolarização primária atingia 85 % da população.

Hoje, muitos colégios e universidades encontram-se praticamente destruídos, já que durante o governo Mobutu não houve investimento nessas instituições. A maior parte dessas entidades não possui infra-estrutura adequada à formação de futuros quadros do país. No ensino público, de 1960

até os anos 1990, os docentes eram integralmente pagos pelo Estado. Já a partir da segunda metade dos anos 1990, esta responsabilidade vem sendo dividida entre o Estado e os pais de alunos.

Em 1986, a educação representava apenas 8% do orçamento do Estado, contra 24% em 1980. Para piorar este quadro, em 1984, 46.000 professores foram demitidos<sup>90</sup>. A qualidade do ensino é hoje baixíssima, em decorrência da crise socioeconômica que castiga o país. Os professores apresentam insuficiência de formação e não recebem tratamento digno do Estado. Há universidades e institutos superiores em Kinshasa, Kisangani, Kananga, Bukavu, Mbuji Mayi e Lubumbashi, sendo que a capital concentra a maior parte dessas instituições.

A deterioração das condições de vida não poupou a rede pública de ensino. Os estabelecimentos escolares estão saturados e a infra-estrutura em estado avançado de destruição. Faltam materiais didáticos e os salários irrisórios, gerando queda no rendimento dos alunos; elevada taxa de desistência de alunos e de professores; redução na qualidade do ensino; inadequação da formação frente a realidade cotidiana dos congolese. Cabe dizer que a idade legal de início da escolarização é hoje de 6 anos. Porém, em 1995, a presença de crianças de 6 anos nas escolas era de 22,5%, passando para 13,9% em 2001<sup>91</sup>.

Em Kinshasa, observamos também a partir de alguns indicadores, principalmente os ligados à escolaridade, que as mulheres ou as meninas são as principais vítimas da crise social. A Tabela 16, a seguir, demonstra este fato.

Tabela 16: Taxa de abandono do primário, Kinshasa, 2001.

Anos de estudo primário	Taxa de abandono em %	
	Menino	Menina

<sup>90</sup> LE Monde diplomatique, do mês de março de 1987.

<sup>91</sup> Enquête MICS2 sur la situation des enfants et des femmes en RDC, janvier 2002 (données provisoires).

Primeiro ano	12,6	13,9
Segundo ano	10,9	13,2
Terceiro ano	10,9	13,1
Quarto ano	9,3	9,7
Quinto ano	5,2	10,4

Fonte: MICS 2 ( 2001) .

Observamos, com estes dados que ,nos cinco anos do nível primário, a taxa de abandono é maior para as meninas do que para os meninos. Geralmente as meninas nesta faixa etária (13 e 15), começam a menstruar e ter as suas primeiras experiências sexuais. As preocupações com o comportamento sexual das meninas podem explicar a alta taxa de abandono, além de outros preconceitos referidos às mulheres e meninas.

## ANEXO 2

### Entrevista

As entrevistas realizadas no trabalho de campo foram orientadas, basicamente, pelas seguintes perguntas:

- Que tipos de atividades desenvolvem os habitantes de Kinshasa para arcar com as despesas cotidianas no contexto da crise socioeconômica profunda que afeta o país?
- Como essas atividades permitem a sobrevivência e a luta contra a pobreza?
- Que universo de pessoas (sexo, idade, nível de escolaridade) integra estas atividades?
- Qual é o número de pessoas envolvidas nestas atividades?
- Que papel o Estado tem exercido nestas atividades?
- Qual é a posição do Estado frente ao predomínio de atividades próprias do circuito inferior na economia do país?
- Quais são as políticas públicas que visam a solução das deficiências encontradas neste circuito?
- Que impacto tem essas atividades na convivência entre segmentos da população urbana?
- Que projetos de curto, médio e longo prazos o governo ou os atores sociais defendem para mudar esta situação?
- Quais são as políticas públicas formuladas para o enfrentamento das carências observadas na dinâmica do circuito inferior?
- Quais são as fontes de financiamento do mercado informal e como funcionam os mecanismos deste financiamento?
- Em todo o território congolês revela-se a profunda crise da Nação e do mal-estar gerado pela globalização. Como o senhor, uma liderança, propõe o enfrentamento deste desafio? Trate, por favor, os seguintes aspectos da questão:
  - Desigualdade socioeconômica;
  - Papel dos intelectuais congolezes, da classe política e da sociedade, em geral;
  - Papel do Estado;
  - Plano educacional e cultural.

-Em Kinshasa, os miseráveis dividem o mesmo espaço que os mais abastados, expondo os contrastes sociais. Quais são os resultados, deste quadro, para as relações sociais diárias e para a decisão de investimentos do Estado?

- Kinshasa, há 11 anos atrás tinha uma população de 4.655.300 de habitantes e hoje esta chega a 7.500.000 habitantes. Neste mesmo período, a economia regrediu, o que provocou grandes carências sociais. O senhor teme uma explosão social?

- Qual é o destino dos imigrantes de origem rural? Como chegam em Kinshasa? Onde se concentram?. Qual é a dimensão de suas carências? Como garantir direitos aos trabalhadores do mercado informal?

- Alguns dados destes segmentos da economia urbana?

-Quais são as dificuldades enfrentadas nas atividades informais, Qual é o salário médio, como faz-se o processo de seleção e qual é a sua fonte de financiamento? -O que o senhor espera do Estado?

-Por que utiliza-se a denominação de mercado informal, se este revelou-se, o maior empregador da cidade, como de todo o Congo?

-Como enfrentar a pobreza, se o país não tem dados reais do número de pobres? -Por que existe esta carência de dados?

-Como falta uma legislação que regule este mercado, como é o dia-dia do empregador / empregado?

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)